

O que Orta nos diz brevemente do *Pico de Adão*, e da pégada do primeiro homem, é perfeitamente conhecido de todos os nossos escriptores do tempo, e de muitos outros, anteriores e posteriores; e Couto dedicou a esta questão um capítulo completo e muito interessante. Camões tambem dizia:

Olha em Ceilão, que o monte se elevanta
Tanto, que as nuvens passa, ou a vista engana;
Os naturaes o tem por cousa santa,
Pela pedra, onde está a pégada humana.

A pégada, ou *sri-pada*, encontra-se no mais alto da montanha, e é uma depressão na rocha, de dimensões muito superiores ás de um pé humano, mas reproduzindo grosseiramente a sua fórmá. Para os buddhistas foi ali impressa pelo seu Gautama Buddha; para os brahmanes por Siva; para os mahometanos por Adão; e para os portuguezes da India por S. Thomé, ainda que outros se inclinavam para o eunuco da rainha Candace. De modo que todos os povos e todas as religiões a veneravam. A tradição mahometana, cuja origem se pôde talvez encontrar entre os christãos gnosticos, não situava propriamente em Ceylão o paraizo —como diz Orta—; mas unicamente o lugar em que Adão fez penitencia depois da expulsão, e antes de se encontrar outra vez com Eva (Pode ver-se o que dizem os nossos escriptores, nomeadamente Couto, *Asia*, v, vi, 2; e tambem, Tennent, *Ceylon*, II, 132; Yule, *Marco Polo*, II, 302; Gerson da Cunha, *Memoir on the tooth-relic of Ceylon*, Bombay, 1875).

É n'este *Coloquio* que Orta tem a phrase singular, que já citámos a pag. 18: ... «que alguns dixeram ser Trapobana ou Çamatra». Ninguem disse que Ceylão fôra Sumatra, mas uma e outra ilha se identificaram com a antiga Taprobana; o que, de resto, Orta explica mais claramente em outro *Coloquio*.

NOTA (10)

Pela primeira vez, Orta cita n'este *Coloquio* o seu compatriota João Rodrigues, ou *Amatus Lusitanus*. Os commentarios d'este a Dioscorides haviam sido impressos em Veneza (1553) e de novo (1557), alem de outras edições. Podia, pois, tel-os na India, como tinha mais livros publicados por aquelles tempos; mas cita-o tão brevemente, que parece conhecê-lo mal, e talvez apenas por alguma referencia de outro escriptor.

Cita tambem Francisco Tamara, professor em Cadix, mencionando o seu livro, *Juan Bohemo de las costumbres de todas las gentes*, publicado em Antuerpia no anno de 1556.

O Thomaz Rodrigues, de quem falla, era o famoso professor de medicina, ao qual — como antes vimos — foi dirigida a epistola latina de Dimas Bosque. Parece que Thomaz Rodrigues, picado pela «exhortaçam» do celebre Matthioli aos medicos portuguezes, havia escripto antes a Garcia da Orta sobre o assunto; e este desempenhava-se da obrigação que lhe fôra imposta, publicando o resultado das suas observações na India.

COLOQUIO DECIMO SEXTO

DO COQUO CHAMADO, SCILICET, DO COQUO COMUM
E DO DAS MALDIVAS

INTERLOCUTORES

RUANO, ORTA

RUANO

Do arvore dos *coquos*, chamado assim dos Portuguezes, me dizei; que sempre ouvi dizer, que era hum arvore que dava muitas cousas nesseçarias á vida humana.

ORTA

Dá tantas e nesseçarias, que não sey arvore que dê a sesta parte; e pois assi he, bem he que saybaes do que nós chamamos *palmeira*; mas os Gregos antiguos delle não escreveram cousa alguma que eu visse, e os Arabios escreveram pouco; e isto será bem pera contardes em Castella, sem embarguo de ser sabido isto muito por os que vam, por ser cousa nota. E, vindo aos nomes, diguo que se chama *maro*, e o fruto *narel*; e este nome *narel* he comum a todos, porque o usam os Persas e os Arabios; e Avicena lhe chama *jauzialindi*, que quer dizer *noz da India*; e Serapio* e Rasis chamam ao arvore *jaralnare*, que quer dizer *arvore que dá coquos*; e os Malabares chamam ao arvore *tengamaram*, e o fruito, quando he maduro, se diz *tenga*; e em malaio chamam ao arvore *tricam*, e o coco *nihor*; e nós, os Portuguezes, por ter aquelles tres buracos, lhe pusémos o nome *coquo*; porque parece rosto de bugio ou de outro animal. He arvore muito grande de comprimento, e tem a folha no mais alto, como as folhas da nossa palmeira ou das canas, as folhas da nossa palmeira são mais meudas; e a frol he como

* Avicena, lib. 2, 506; Serapio, cap. 228 (nota do auctor).

a do castanheiro; o pão he muito esponjoso; e quer lugares areosos perto do mar, porque fóra no sartão nam se dam. Semeam os mesmos *coquos* e deles naçem palmeiras pequenas, as quais traspõem; e, em poucos anos, dam fruto, se as tratam bem, e lhe lanção aguoa e cinza, ou esterco no inverno, e agoa, como dixe, no verão. Fazemse grandes e fermosas as que estão perto das caças moradas, que parece que a gente lhe faz bem; isto pôde ser por causa da çugidade, e tambem se querem bem entulhadas.

RUANO

Começay a dizer os proveitos desta arvore.

ORTA

A madeira, posto que não he muyto boa, aproveita, por ser alta, para muitas cousas; e nas ilhas de Maldiva fazem hum navio que, assi elle como a pregadura, e as vélidas e coradoálha, he feyto de palmeira; dos ramos (a que chamamos *olla* em Malabar) cobrem as casas e navios. Fazem duas maneiras de palmeiras, humas pera fruta, e outras pera darem *cura*, que he vinho mosto; e quando he cozido, chamamlhe *orraqua*; e estas de *cura*, se as querem para isso, cortamlhe huns cabos, e atamlhes alli as vasilhas, donde tiram a *cura*; e sobem a tirála açima, atadas aos pés humas péas, ou fazendo algumas falças no arvore; desta *cura* estilam ao modo de agoa ardente; e deitam hum vinho como agoa ardente; e queimam hum pano molhado nella, como faz agoa ardente; a esta fina chamam *fila*, que quer dizer frol; e á outra que fica chamam *orraqua*, mesturando nella estoutra alguma pouca cantidade; e da *cura*, até que se estile, fazem vinagre, pondoa ao sól porque se azede; e fica, ás vezes, muyto forte. E depois que se tira esta vasilha da *cura*, se dá muyta, tiram outra de que fazem açucare, embastecido ao sól ou a fogo, a que chama *jagra*; e o melhor de todos he o das ilhas de Maldiva, e este não he tão preto como o das outras terras. O fruto, quando he novo, tem em si huma casca muito tenra, a qual sabe a alcachofa

molhada no sal, ou sem elle; tem dentro meolo muito languardido e doce, e agoa tambem muito doce e suave; e com sua doçura não faz fastio; a qual agoa dura muito tempo, e se faz do util das cortezas do meolo; de modo que fica o que nós chamamos *coquo*, e os Malabares *tenga*; e dentro nelle alguma agoa, não tam doce como a primeira, porque ás vezes se azeda algum tanto. Este *coquo*, quando he verde, chamão os Malabares *elevi*, e aqui em Goa *lanha*; tem este *coquo* duas cascas grandes até que cheguem ao meolo; e o meolo, quando he maduro, pera se comer, he bem que se raspe a casca de cima; porque assi o diz Avicena e Sera-piam. A primeira das cascas he muito lanuginosa e desta se faz *cairo*, que assi he chamado dos Malabares e de nós: delle se faz a cordoálha, emxarcia de todalas náos; serve muyto nesta terra, porque he muyto gentil cordoálha, porque nam se apodrece na agoa salgada: e por esta causa he boa esta lá destes cocos de que fazem o *cairo*; porque todos os navios sam calafetados com elle, de maneira que serve de linho e de estopa e de esparto. E por esta causa he boa mercadoria pera Portugal, senão fizesse tanto volume, esta he a causa porque se gasta tanto delle; porque sempre faleçe, com aver na India tantas palmeiras, e darem a elrey de parias tanto *cairo* das ilhas de Maldiva, e certo que no calafetar dos navios acertam muyto; porque incha este *cairo* metido na agoa salgada.

RUANO

Boa cousa he esta arvore; pois tanto dá de si, porque tambem diz Laguna que fazem della tapizes ou esteiras pintadas.

ORTA

Não teve razão, nem boa enformação diso. E a outra casca serve de vasos pera beber a gente mezquinha; e tambem queimada serve de carvão muyto bom pera os ourives.

RUANO

E nam he bom pera beberem os paraliticos, como diz Se-pulveda?

ORTA

Sempre ouvi yso dizer sendo moço; mas em doutor de autoridade não o achei yso escripto; por onde creo ser fengido, e mais porque nesta terra nam o tem asi. E desta fruta não se louva pera os nervos, senão o oleo que he tam separado da corteza, tam fóra de sua naturaleza.

RUANO

A fruta já a provey muitas vezes.

ORTA

Todavia vos digo que, quanto he mais novo o que chamamos *coquo*, he a agoa mais saborosa; e a corteza do meio, porque a derradeira não he ainda formada, que he a que cobre o meolo quando he dura, e depois o *coquo* sabe a amendoas verdes; e este comem algumas pessoas com a *jagra* que acima disse, ou com açucare. E se não fosse a multidão desta fruta seria em mais preço extimada, como he no Balagate. E deste *coquo* pisado, e tirado o leite, fazem* (que assi parece) e cozem arroz com elle, e he como arroz de leite de cabras. Fazem comeres das aves e carnes (a que chamam *caril*); e tambem secam estes *coquos*, e, desque elles despedem a casca, ficam secos em pedaços, e chamamlhes *copra*, e os levam a Ormuz e ao Balagate, e ás terras que tem pouca fruta desta e nam lhe abasta pera se secar, ou onde carecem della. E fruta saborosa, e usada como castanha sequa da nossa terra; porque sabe melhor que os *coquos* que levam a Lixboa.

RUANO

E como se faz o azeite?

ORTA

Desta mesma *copra* se faz em alagar; e fazse em muyta cantidade; e he muyto craro que parece agoa; alumia muyto

* Deve faltar aqui alguma palavra; o sentido é claramente, que do *coco* pisado fazem uma especie de leite.

bem; e gastase muito, por ser muy delgado; comeo a gente da terra com arroz, e dizem ter bom sabor.

RUANO

Assi diz Aviçena e Serapio que he melhor que a manteiga, e que nam molifica o estamago como ella.

ORTA

Duas maneiras ha de azeite; hum he feito de *coquos* frescos, e o outro da que chamamos *copra*, que he os *coquos* sequos; e este que se faz dos *coquos* frescos he feito pisando o *coquo* e deitando-lhe agoa quente; e tiram a corpulencia, que no fundo reside, e per cima a espremem, e o oleo nada sobre agoa; e esta he huma mézinha purgativa, que purga lubrificando ou fazendo brando; a muitos a damos qua pera evacuar as tripas e o estomago somente; e purga muyto bem, sem nenhum perigo, nem damno. E muitos a mesturam com expresam de tamarinhos; e por esperienciaachei ser muito boa. E se Avicena entende deste oleo, que he bom nutrimento, diz verdade; mas nam a diz em dizer que nam molifica o estamago, em dizer que nam he lubrico ou corrediço. E o outro que se faz da *copra* he muyto boa mézinha pera os nervos; e muyto proveito achamos nelle pera o espasmo, ou dores de junturas antiguas, scilicet, metendo o paciente em huma almadia pequena, mais que de comprimento de homem, ou em huma gamella grande; e nelle quente deixão dormir e estar o paciente, e milagrosamente aproveita.

RUANO

Dizem que mata as lombrigas o oleo, e que o *coquo* comido tambem as faz sair, e isto dizem Avicena e Serapiam.

ORTA

Não tenho por esperiencia o olyo matar as lombrigas, nem parece muyto conforme á rezam; e de as o *coquo* causar e gerar, he comum openião dos Indios, e vêse cada dia ao olho.

RUANO

Alegua Serapio a Mansarunge (que diz ser o Mesue antigo) que estanca as camaras o *coquo*.

ORTA

Não he emconveniente que estanke o ventre comido; e o olyo que relaxe o ventre; porque o oleo he fundado nas partes do ar, e o *coquo* nas da terra.

RUANO

Diz Laguna que alguns tiveram o *oleo mel**, de que tracta Dioscorides no primeiro livro, seja hum dulcissimo azeite, que mana desta palma: dizey o que sentis disto.

ORTA

Digo que esta palmeira não deita olyo por outra parte senam o que he feito per expresam do *coquo*, por onde crede que se enguanarão nisso.

RUANO

Queria saber do *coquo* que levam a Portugal, que dizem das Maldivas, que he contra a peçonha, se se contem ambos debaixo de huma mesma especia; porque eu vi em Portugal o casco sem medulla alguma, e deziam muitos bens delle; e da medulla, que eu não vi, deziam muito maiores louvores.

ORTA

Eu vos responderey a isso; mas primeiro vos quero dizer de hum saboroso comer desta palmeira, ainda que não he muito proveitoso; e he o olho da palmeira ou amago, e folhas ajuntadas as mais delgadas (a que chamamos *palmitos*) e sabe melhor que os nossos *palmitos*, e algum tanto sabe a castanhas das brancas e muito tenras, ante que caiam do ouriço; e todavia sabe melhor que isto, o *palmito*. E porém quem come hum *palmito* come huma *palmeira*,

* Ou *elæomel* (*Ελαιομέλιτος*), cuja natureza é duvidosa; mas que seguramente se não extrahia do *coqueiro*.

porque loguo sequa; e quanto a *palmeira* he mais velha, tanto he melhor o *palmito* (1). E tornando ao *coquo* das ilhas Maldivas, he muyto louvado da gente das mesmas ilhas e dos Malabares, que conversam as ditas ilhas.

RUANO

E destoutros reis que curais, e da gente das suas terras he estimado este *coquo*?

ORTA

Não, nem ouvi falar lá nelle; por onde lhe não dou tanto credito; e, porque não se offreco caso onde curasse com elle alguma pessoa, somente ouvi dizer a muytas pessoas, dinas de fé, ser muyto bom pera a peçonha; e averemse achado muyto bem com elle pera muytas emfermidades, assi como pera colica, é paralesia,gota coral, e muytas emfermidades de nervos: e á colica me diziam que aproveitava fazendo sair e arrevesar; ás outras enfermidades me dixeram que preservava dellas, bebendo aguoa deitada no mesmo *coquo*, deitando nelle hum pouco de miolo, e que andasse nelle muytos dias.

RUANO

Muyto negligente fostes em não o esprementar.

ORTA

Deixeio de fazer, por não se offreçer caso pera iso; e no da peçonha, que he o principal, não o usey porque ha outras melhores mézinhas, assi como sam *pedra bezar*, *triaga*, *páo da cobra*, de que ao diante falarey, *páo de Malaca de contra erva, esmeraldas, terra segillata*; e porque com estas me achei bem, não quis esprementar estoutros. E seyvos dizer que muytos homens bebem por estes *coquos*, e dizem que se achão muyto bem; mas não sey se o faz a emaginaçam: e por esta razam não quis afirmar ser bom nem máo, nem vos direy cousa alguma ser boa, senão sendo testemuinha de vista ou* pesoas dinas de fé.

* Parece que se devem intercalar as palavras: «sabendo-o por».

RUANO

Dixeramme que a rainha, nossa senhora, mandava todos anos por este *coquo*, e lho levam de cá; e por tanto não me negueis ser pera a peçonha bom; porque pôde ser que o esprementem lá alguns bons fisicos.

ORTA

Quando mo elles dixerem crerloey, e afirmáloey; mas agora nam, pois o não vi; e como o vir desdizermeey, e nam averey vergonha disso.

RUANO

Pois eu o ey de levar pera Portugal, se o achar, e for lá a salvamento; portanto mostraímo ou dizeime a feiçam delle.

ORTA

A casca deste *coquo* he preta, e mais luzidia que a dos outros *coquos*; he de figura oval, por a maior parte, e não redonda como a dos outros; o miolo de dentro he muito duro, e he branco, declinando um pouco a amarello, e, no fim do amaguo, com gretas e muyto poroso; nam tem sabor algum excesivo; tomam deste miolo até dez grãos de trigo de peso, em vinho ou agoa rosada, segundo a necessidade he.

RUANO

He da especia deste outro *coquo*, porque parece não o ser; por quanto os *coquos* que della comemos sam muyto maiores e de outra figura?

ORTA

Não faz isso ao caso; porque os *coquos* das ilhas das Maldivas sam muyto grandes; e eu tive já hum, que cabiam nelle sete quartilhos. E tambem ha nestas ilhas dos *coquos* de contra peçonha ou veneno, alguns pequenos e redondos; portanto a vossa razam não conclue.

RUANO

Pois dizei vosso parecer, e o que sabeis disso.

ORTA

A fama comum he, que estas ilhas eram terra firme; e por serem baixas se alagáram, e ficáram alli essas palmeiras; e que de muyto envelhecidas se fizeram tam grandes *coquos* e tam duros enterrados na terra, que he agora coberta com o mar. Não tem folhas nem tronco, por onde se posa compreender se he da mesma especia ou não; parescem serem de diversas especias os *coquos*, por terem diversos efeitos e obras: quando souber o contrario disto, vos escreverei a Portugal o que qua achei nisto, se me Deos der dias de vida; porque espero de o saber bem, quando for ao Malabar, Deos querendo. Despois soube que os *coquos* vem pegados dous em hum, como arcos de béstia; e despois os despegam; e, ás vezes, vem despegados alguns. Deitaos o mar na praia: o *coquo* não he tam duro como este que vemos, nem tam pouco he tam mole como os *coquos* das palmeiras, que comemos.

RUANO

Pois diz hum doutor moderno muitas couzas dos louvores da palmeira usual destes *coquos*; e em todas as mais acerta, senão onde diz que o vinho se fazia da expersam do *coquo*; isto diguo, segundo vos ouvi; porque me dixestes que da lagrima se fazia cozendoza, ou estilandoa, como fazemos a agoa ardente: dizeime se diz a verdade?

ORTA

Nisso do vinho erra; e tambem erra na manéira que diz do fazer do mel, e em algumas outras couzas que não fazem ao caso. E concluindo no *coquo* das ilhas, diguo que tiram o amago dos *coquos*, e o põem a secar da maneira que secam os outros de que fazem a *copra*, e fica tam duro como vedes; pois a cor já a vedes que parece como queijo de ovelhas muyto bom; e mais me dixe este Portugues, que sabe muyto das ilhas, que nunqua pessoa alguma vio o arvore que dá estes *coquos*, senão que o mar os deita de si; e que he pena de morte apanhálo alguma pessoa quando o achar na praia, senão leválo a elrey, e isto dá ao *coquo* das ilhas

mais autoridade (2). E deixemos isto, e falemos no *costo*, pois he mais usado na fisica.

NOTA (1)

O zeloso investigador da botanica do Malabar, Rhede van Drakenstein, dizia, enumerando os auctores que antes d'elle se occuparam do coqueiro: *et in primis præ aliis Garzias ab Horto ... Collocava assim o nosso escriptor na cabeça do rol (Hortus malabaricus, I, tav. 8).*

Esta palmeira —*Cocos nucifera*, Linn.— e os seus numerosos productos são bastante bem conhecidos para que se torne inutil uma nota muito extensa.

O coqueiro, extremamente commum ao longo da costa meridional da India, Canará, Malabar, Coromandel, e nas ilhas proximas, Maldivas, Lacadivas e outras, alarga-se pouco para o interior, para o «sartão», como bem notou o nosso escriptor. E tambem parece ser verdade que prospera melhor na vizinhança das povoações, das «casas moradas». Os singhalezes dizem, que não pôde viver, onde não ouve a voz do homem.

Os nomes vulgares, mencionados por Orta, são quasi todos bem conhecidos e de facil identificação:

—«Narel» commum entre «Persios e Arabios». Este nome foi e é um dos mais usados em todo o Oriente, nas fórmulas *naril*, *naral*, *nariyal*, *nargil*, melhor *nardjil*. Maçudi falla repetidas vezes no *coco*, التارجيل, *en-nardjil*, dando-lhe tambem o nome de الزانج, *eż-żandj*. As primeiras fórmulas devem derivar do nome sanskritico d'aquelle fructo, नारकेल, *nārikēla*.

—«Jausialindi», isto é, *el-janż-el-Hindi*, a *noz da India*, é uma designação vulgar na Persia, e entre os arabes.

—«Tenga», ou *tanghā*, ou *taynga* ou *tenna* são os nomes vulgares do fructo nas linguas do sul, como o tamil e o maláyalam, sendo a arvore chamada *tenga-maram*, ou *tenna-maram*.

—«Nihor», o nome malayo do *coco*, vem citado por Ainslie na fórmula *nyor*, e por Crawfurd na fórmula *ñur*.

De resto, em muitas localidades, o fructo tem nomes diversos segundo o seu estado de desenvolvimento; assim em Goa, o *coco* verde chama-se *coco lanho*, ou *lanha*, como Orta diz (Cf. Dymock, *Mat. med.*, 800; Ainslie, *Mat. ind.*, I, 78; Piddington, *Index*, 22; Crawfurd, *Dict. of the Indian Islands*, 114; Maçudi, *Prairies*, I, 338; e para a complicada nomenclatura do *coco* e *coqueiro* nas terras de Goa, Lopes Mendes, *A India port.*, I, 172 etc.; e Costa, *Manual do agricultor indiano*, no 1.^o vol.).

Os usos das diversas partes do *coqueiro* como materiaes de construção, a que se refere o nosso escriptor, são bem conhecidos na Índia: o da madeira em vigamentos e postes; o das folhas ou *ola* («ramos» de Orta) em tectos e coberturas; e o do *cairo*, extrahido do involucro fibroso do fructo, em cordas, calafetagens, etc. O *cairo*, que ainda hoje se exporta em quantidades consideraveis para a Europa, onde é empregado no fabrico de diversos objectos, era então principalmente apreciado como materia prima dos cabos, usados na navegação — fazia «muito gentil cordoalha» como diz o nosso auctor. João de Barros tambem louva os cabos de *cairo* em umas phrases graciosamente portuguezas. As causas de as amarras de *cairo* serem as melhores e mais duradouras, diz elle:

«he porque enverdece com a agua salgada; e faz-se tão correento nélha, que parece feito de coiro, encolhendo e estendendo á vontade do mar: de maneira, que hum cabre d'estes bem grosso, quando a não com a furia da tempestade, estando sobre ancora, porta muito per elle, fica tão delgado, que parece não poder salvar hum barco; e no outro saluço, que a não faz arfando, torna a ficar em sua grossura.»

(Cf. Barros, *Asia*, III, III, 7; Drury, *Useful plants of India*, 146.)

Com o *cairo* calafetavam tambem e cosiam os barcos; e estes barcos *cosidos* e não pregados eram uma das curiosidades dos mares orientaes, da qual fallaram todos os viajantes, desde o auctor do *Periplo*, até Marco Polo, Monte Corvino, e aquelle excellente fr. Jordão, que explica muito bem o caso em muito mau latim: *et de cortice istius fructus (Nuces de India) fiunt cordæ cum quibus suuntur navigii in partibus illis.* As mais celebradas d'estas embarcações eram as construidas nas Maldivas, a terra classica dos *coqueiros* e do *cairo*, onde — como diz Orta — barco, pregadura, vellas, cordoalha, tudo era feito d'aquelle palmeira. Chamavam-lhes *gundras*, segundo diz Gaspar Corrêa, que dá a seu respeito uma noticia interessante:

«... gundras, que são huns barcos das Ilhas de Maldiva, onde se faz o fio de *cairo* de que se fazem as amarras e enxarcias de toda a navegação da Índia, afora outro muito serviço da terra. Gundras são feitas da madeira das palmeiras juntas e pegadas com tornos de pão, sem nenhum prégo, e as vélas são esteiras feitas de folha secca das palmeiras.»

(Cf. Gaspar Corrêa, *Lendas*, I, 341; *Mirabilia*, em *Recueil de Voyages*, publié par la Soc. de Géogr., IV, 43, París, 1839; Yule, *Marco Polo*, I, 111 e 119.)

Das substancias alimentares fornecidas pelo *coqueiro* dá Orta uma enumeração muito completa, fallando do *palmito*, que é o «olho ou amago da palmeira»; da agua e do miolo do coco, que é «muito languido e doce»; do azeite, feito do miolo fresco, ou do miolo secco, chamado *copra*. Enumera tambem detidamente todos os productos da

palmeira *lavrada á sura*; isto é, para fornecer a seiva: o liquido fermentado ou *sura*; os spiritos distillados da *sura*, o mais fino chamado *fula* ou flor, o mais ordinario chamado *orraca*; o vinagre; e finalmente o assucar, ou *jagra*. Tudo isto são productos muito conhecidos, e que não carecem de explicação (Cf. Drury, l. c.; Lopes Mendes, l. c.; Costa, l. c.).

Nas propriedades medicinaes do *oleo*, Orta distingue o *oleo* dos cocos frescos do *oleo de copra*, louvando muito o primeiro como uma excellente «mézinha purgativa», que elle receitava varias vezes. Não propriamente o *oleo*, mas o succo espremido da amendoa pisada ou raspada — o que se approxima da preparação indicada — tem sido recomendado como fortificante, aperiente, e em certos casos activamente purgativo. Quanto ao *oleo de copra*, que era bom para «dores de juntas antigas», podemos notar que ainda o applicam no Concan do mesmo modo, em contusões e inflamações rheumaticas (Cf. *Pharmacopœia of India*, 247; Dymock, *Mat. med.*, 800).

A cultura dos *coqueiros*¹ nas terras portuguezas da India era importante já nos tempos de Orta. Folheando o tão interessante e tão valioso livro de Simão Botelho, vemos que o coqueiro dava logar a uma exploração activa, da qual, pelo sistema das arrematações ou exclusivos, resultavam algumas rendas para o estado. Em Goa as *orracas* andavam arrendadas; e Simão Botelho explica que erão de tres sortes:

«cura que he asy como se tira, orraqua que he cura cosida húa vez, xaráo² que he cosida duas vezes e he mais forte do que a orraqua, por ser confeytada.»

Pelas condições do arrendamento só podia vender *orraca* o rendeiro, ou quem com elle se concertasse; e este pagava ao estado pelo exclusivo uma quantia, que variava de 3:200 a 3:600 pardáus annuaes proximamente. Nas pequenas ilhas de Divar e outras, proximas da de Goa, tambem as «buticas de orraqua e cura», isto é, as tavernas, entravam n'um arrendamento. Igualmente estava arrendado o exclusivo da venda em quasi todas as aldeias das terras de Baçaim; e ahi encontramos uma especie de imposto industrial:

«as pessoas que tem fogões em suas casas pera fazerem cura preta, paguão por cada foguão catorze fedeas por ano».

Estes fogões devião ser apparelhos grosseiros de distillação, similhantes ou mesmo identicos ao que ainda se emprega na India, e chamão

¹ E subsidiariamente de outras palmeiras; o *Borassus*, por exemplo, fornecia *suras* e *orracas* analogas ás do *Cocos*.

² A palavra *xardo* vinha sem duvida do arabico *scharab*, que significou primitivamente qualquer bebida; e da mesma palavra arabica procederam na peninsula, o hespanhol *xarave*, e o portuguez *xarope*. *Orraca* era o arabico *arak*, propriamente transpiração, e d'ahi a exsudação ou seiva de palmeira. *Cura* ou *sura* é o sanskritico *Sura*, com a mesma accepção.

ali *zontró*. Tambem se cobravam direitos dos *bandarys* (*Bhandāri* em marathi), os membros de uma casta especial, que se empregava no cultivo e exploração dos palmares; e a este tributo ou imposto pessoal dava-se o nome de direito de *bandrastal*. Finalmente, os moinhos de azeite, em que se moía *gergelim* e outras substancias, mas principalmente *meolo de coco*, tambem andavam arrendados, ou pagavam impostos especiaes.

De tudo isto resulta, que os palmares constituiam uma das principaes riquezas da população rural, e ao mesmo tempo uma importante materia collectavel (Cf. *Tombo do estado da India*, nos *Subsidios de Felner*; Lopes Mendes, *India port.*, I, 189; Gerson da Cunha, *Words and places in and about Bombay*, no *Ind. ant.*, vol. III, 294).

Reservámos para ultimo logar o exame de uma questão secundaria, mas curiosa—a origem da palavra *coco*, *coquo*, ou *quoquo*, que de todos os modos se encontra escripta.

Orta diz, que por o fructo ter aquelles tres buracos, os portuguezes lhe pozeram o nome de «coquo porque parece rosto de bugio ou de outro animal». Linschoten dá a mesma noticia, ou que a encontrasse no livro de Orta, ou que a ouvisse em Goa. Barros escreve: «os nossos lhe chamaram coco, nome imposto pelas mulheres a qualquer cousa com que querem fazer medo ás creanças, o qual nome assi lhe ficou, que ninguem lhe sabe outro, sendo o seu proprio, como lhe os Malabares chamam, Tenga, e os Canariis, Narle». Do livro classico de Barros passou esta derivação para os *Lexicons* da lingua, para o *Vocabulario* do padre D. Raphael Bluteau, e para alguns diccionarios modernos, como o de Moraes.

Fallando dos *coqueiros* da America, Oviedo diz tambem (cito pela versão de Ramusio): «chamam aquelle fructo *coco*, porque se parece com a figura de um bugio» (*gatto maimone* na versão italiana). E o mesmo repetem os diccionarios hespanhoes, o famoso *Thesoro de la lengua castellana* de D. Sebastian Covarrubias, e o *Diccionario de la Real Academia Española*, onde se citam varios exemplos da applicação da palavra *coco*, no sentido de *figura espantosa y fêa*.

Fallando dos coqueiros da Africa, o portuguez Duarte Lopes—na relação de Pigafetta—diz: que ha diversas palmeiras no reino do Congo, e entre ellas a noz da India, chamada *Coccus*, porque dentro do fructo ha uma cabeça parecida com a de um bugio (*dette Coccus, perche hanno dentro una testa che somiglia ad una Simia*); e explica que na Hespanha existe o costume, quando querem assustar as creanças, de dizer a palavra *Coccola*.

De todas estas citações —e omitto varias— se vê, que entre portuguezes e hespanhoes houve unanimidade em adoptar para a palavra *coco* a mesma etymologia que dá o nosso auctor; e no entanto, quando a queremos estudar de perto, suscitam-se algumas dificuldades.

Comecemos por examinar outras origens possiveis. Diz-nos Yule (no *Glossary*), que C. W. Goodwin encontrou no antigo egpcio uma palavra, *kuku*, designando o fructo de uma palmeira elevada, o qual continha agua no interior. E recorda tambem que Theophrasto dá o nome de *κύπρος*, a uma palmeira da Ethiopia, a qual Sprengel quiz identificar com o *Cocos*¹. A coincidencia de nomes é notavel, mas não deve passar de uma coincidencia. Como bem adverte Yule, é custoso admittir que um nome desapparecesse durante longos seculos, sem deixar vestigio da sua existencia, para reaparecer subitamente na bôca dos portuguezes no fim do xv. Alem do que, é extremamente dificil saber o que fosse o *kuku*.

Rumphius teve noticia da etymologia corrente entre portuguezes, mas não está disposto a aceitá-la, e julga encontrar outra melhor. Diz elle, que os arabes chamaram aquelle fructo *gauzoñ-Indi*, isto é, *noz da India*, e os turcos *cock-Indi*, com a mesma significação. Este nome de *cock* passaria —na sua opinião— para os mouros africanos (em holandez *Africaansche mooren*, que Burmanno traduziu mal para *Æthiopes africani*), e d'estes para os hespanhoes e portuguezes, sendo a origem da palavra *coquo*. Francamente, é difficil imaginar como um nome turco se podesse generalisar no norte da Africa, onde não ha *coqueiros*, até chegar aos povos da peninsula; e demais não temos outra noticia do tal nome turco, não sendo possivel saber onde Rumphius o foi desencantar.

O sabio geographo Ritter suppoz, que este nome fosse uma designação usada pelos habitantes das ilhas dos Ladrões, adoptada e generalisada depois pelos companheiros de Magalhães; mas isto é claramente um erro, pois nós vamos ver a palavra *coco*, empregada pelos portuguezes alguns annos antes da viagem de Magalhães.

Postas de lado estas etymologias, vejamos que valor pôde ter a de Orta, Barros e outros.

Em primeiro logar será necessario demonstrar, que o nome de *coco* não foi usado antes das viagens portuguezas e hespanholas. Isto, quanto eu pude averiguar, parece ser assim. Um dos primeiros viajantes do Ocidente ás terras orientaes, Cosmas (545 J. C.), chama aquelle fructo ἄργελλια, por ναργελλια, o que é uma simples hellenisação do sanskritico *nariñela*, ou do persiano *nargil*, como já advertiram Gildemeister e Yule. Seculos depois, o celebre Marco Polo, e pelo mesmo tempo fr. João de Monte Corvino (1292), dão-lhe o nome de *noz da India*, que era a traducçao do nome arabico, quadrava bem á forma e aspecto do fructo, e foi de todos o mais usado pelos viajantes. Fr. Jordão (1328) conhece o nome

¹ Os caracteres attribuidos por Theophrasto á *κύπρος* de modo algum concordam com o *coqueiro*, pois diz que não tem um só tronco, mas muitos (Cf. *Hist. Plant.* II, 6, p. 29, ed. Wimmer).

oriental, e liga-o ao nome mais vulgar: *arbor quædam quæ Nargil vocatur ... hi fructus sunt quos nos vocamus Nuces de India.* O mesmo faz poucos annos depois fr. João de Marignolli, o qual latinisa completamente a palavra *Nargil*, e chega mesmo a declinal-a, fallando das fibras *nargillorum*. Nicolo di Conti (1444) escreve como todos os anteriores *nuces indicæ*; e Jeronymo di S.^o Stephano, escrevendo mesmo á chegada dos portuguezes (1499), continua a usar da expressão *noci d'India*. Em resumo, vemos que nenhum viajante da idade media emprega a palavra *coco*, nem outra qualquer parecida com esta no som ou na forma; e vemos que os nomes orientaes, *jauç-el-Hindi*, *nargil*, *tenga*, *nyor*, não têm a mais leve similaridade com *coco*. Julgo pois, que a adopção no Oriente da palavra *coco* ou *coquo* para o fructo, e naturalmente *coqueiro* para a arvore, é puramente portugueza, qualquer que seja a origem da palavra.

Vejâmos agora o que dizem os primeiros portuguezes que viram os *coqueiros*. Estes devem ter sido Vasco da Gama e os seus companheiros¹. Ao chegar a Moçambique, escreve o auctor do *Roteiro* o seguinte:

«As palmeiras desta terra dam huum frutu tam grande como melões, e o miolo de dentro é o que comem, e sabe como junça ayellana...»

Esta phrase é de uma significação clarissima. Os viajantes encontram uma arvore que reconhecem ser uma palmeira, e isto era facil estando familiarisados com a *palmeira das tamaras* e outras da Africa; mas reconhecem ser uma palmeira nova para elles. Notam as dimensões desusadas do seu fructo, o gosto do miolo, e não lhe dão nome. Evidentemente não o sabiam. Seguem d'ali na sua derrota bem conhecida, vão a Calicut, sáem de lá, e na costa da India, junto á ilha de Anchediva, tomam uma nau de mouros. Dentro da nau, diz o auctor do *Roteiro*, havia:

«mantimentos e armas, e o mantimento era coquos, e quatro talhas de huuns queijos d'açucuar de palma.»

Esta phrase —ao contrario da primeira— é de difficilima explicação. O nome de *coquo* vem aqui com toda a naturalidade, como uma palavra conhecidissima, de uso corrente. Não me parece natural, que a gente da armada, na curta demora em Melinde e Calicut, se habituasse a ver o fructo, notasse que elle se parecia com o *rosto de um bugio*, se lembresse dos *cocos* com que as mulheres em Portugal mettiam medo ás creanças, e começasse a dar-lhe correntemente aquelle nome. Ha evidentemente aqui uma dificuldade.

¹ Segundo as opiniões mais seguidas e seguras, o *coqueiro* não existia então na costa de Guiné, onde nos annos seguintes foi introduzido pelos portuguezes; e a phrase do *Roteiro* citada nas linhas seguintes, é favoravel a este modo de ver, pois se ali existisse, de certo haveria nas guarnições quem o conhecesse. Na costa oriental tambem não era espontaneo, mas havia sido introduzido pelos arabes muito antes de ali chegarem os portuguezes.

Alem d'isso, a palavra *coco*, no sentido de figura *espantosa y fêa*, de *papão* de creanças, só se encontra empregada por escriptores hespanhoes e portuguezes muito posteriores, como Quevedo, Hurtado de Mendoza, fr. Luiz de Sousa, ou fr. Amador Arrais; e não achei noticia de que tivesse aquella significação na peninsula, no xv seculo. Ha na verdade, a velha palavra hespanhola *coca*, d'onde *cocóte*, que significava cabeça —segundo o *Dicc. de la Real Academia Española*—, e esta pôde em rigor ser a origem da designação dada mais tarde ao fructo.

A etymologia de Orta tem, pois, a seu favor, por um lado a opinião unanime dos escriptores portuguezes e hespanhoes, alguns dos quaes, como Barros e Oviedo, escreviam pouco depois da sua adopção; e por outro o facto de que o emprego do nome data das viagens dos nossos. É certo todavia, que apesar d'isso levanta um certo numero de duvidas.

Afóra esta etymologia corrente, haveria ainda uma mais ou menos aceitável. Seria a derivação do latim *coccus*, grego κόκκος, palavra que propriamente se applica a uma cousa distinta, mas se poderia tomar no sentido de grão ou noz de maiores ou menores dimensões¹; mas tambem não parece natural, que os rudes companheiros de Vasco da Gama se lembressem d'esta classica origem.

É forçoso confessar, que a questão permanece muito obscura; e não é facil encontrar uma solução de todo o ponto satisfactoria.

NOTA (2)

Varios escriptores nossos fallam d'este *coco das Maldivas*, ou *coco do mar*, tendo-o sempre por uma producção marinha. Camões diz o seguinte:

Nas ilhas de Maldiva nasce a planta,
No profundo das aguas soberana,
Cujo pomo contra o veneno urgente
É tido por antidoto excellente.

João de Barros dá-lhe a mesma origem: «em algumas partes debaixo da agua salgada nasce outro genero dellas (arvores), as quaes dão hum pomo maior do que o coco». E muitos annos depois, Rumphius, que era um naturalista perito e investigador, insiste na mesma idéa: *hujus miri miraculi naturæ quod princeps est omnium marinaram rerum ...*

¹ N'este caso o nome tomaria dois c c; e os botanicos, numerosos no principio do nosso seculo, que escreveram *Coccus nucifera*, lembraram-se evidentemente d'esta origem.

Reprehende mesmo Garcia da Orta, por este não aceitar francamente a origem submarina d'aquelle fructo (Cf. *Lusiadas*, x, 136; Barros, *Asia*, iii, iii, 7; Rumphius, *Herb. Amb.*, vi, 210 a 217).

O fructo não nascia, porém, debaixo da agua, pertencia a uma grande palmeira, *Lodoicea Seychellarum*, de habitação muitissimo restricta, pois se encontra espontanea apenas na ilha Praslin, e mais algumas do pequeno archipelago das Seychelles (Cf. Hooker, *Botanical magazine*, tab. 2734).

As Seychelles, ficando fóra do caminho habitual da navegação pelo canal de Moçambique, permaneceram muito tempo desconhecidas ou mal conhecidas. Os portuguezes tiveram, no entanto, noticia d'aquellas ilhas, a que chamaram as *Sete irmãs*, ou os *Sete irmãos*, assim como dos recifes madrepóricos, que lhes demoram a sueste, e ainda conservam nas cartas o nome portuguez de *Saia de malha*¹. Mas as ilhas ficaram desabitadas, e raro visitadas até ao meado do seculo passado. Era, portanto, desconhecida a *Lodoicea Seychellarum*; mas não sucedia o mesmo aos seus fructos. Estes, caíndo no mar, fluctuavam á mercê das correntes e dos ventos; e, impelidos por essas correntes, ajudadas em parte do anno pela monsâo de S.W., eram levados principalmente na direcção das Maldivas, em cujas praias se encontravam com certa frequencia —d'ahi o nome de *coco das Maldivas*. Outros, porém, passavam mais ao sul, e não raro —segundo Rumphius— iam dar ás praias meridionaes de Sumatra, Java, e outras ilhas d'aquelle corda vulcanica, que se estende até Timor. Das grandes dimensões e forma singular d'estes cocos, e do facto correctamente apontado por Orta, e verdadeiro no seu tempo: «que nunca pessoa alguma vio a arvore que dá estes coquos, senão que o mar os deita de si», se originaram naturalmente todas as lendas relativas á sua origem marinha.

Os malayos, que lhes chamavam *calapa laut*, ou *boa pausengi*, diziam: que, nos grandes abysmos do mar do sul, *laut kidol*, se encontrava uma unica arvore, o *pausengi*, a qual dava estes cocos, e cuja copa emergia fóra das aguas. N'essa copa fazia o seu ninho o *Geruda*, aquella enorme ave, que arrebatava nas garras elephantes, rhinocerontes, e outros grandes animaes; e quando alguns barcos para ali se dirigiam, nunca mais podiam sair do abysmo, onde as guarnições eram fatalmente devoradas pelos *Gerudas*. Vemos assim aquella grande extensão dos mares do sul povoada de lendas assustadoras, tal qual o Atlantico ou *Mar tenebroso* da idade media. Rumphius, que escrevia em Amboyna, e já conhecia a

¹ Nas cartas ainda inéditas de Vaz Dourado (1571) estão marcadas numerosas ilhas a nordeste de Madagascar: as do Almirante, de Mascarenhas, do Corpo Santo, os Sete Irmãos, os Tres Irmãos, etc.; parecendo que a maior dos Sete Irmãos deve corresponder á ilha de Mahé das Seychelles. Tive occasião de consultar o exemplar que se encontra no Arquivo da Torre do Tombo, assim como o que hoje pertence á livraria particular de el-rei.

Australia, diz, que tal abysmo não existe no mar, mas que no emtanto as plantas podiam talvez ser submarinas; e, em face de outras difficultades, resigna-se a não profundar muito a questão: *Relinquamus itaque incertam istam arborem in matris naturæ abscondito gremio ...*

Francisco Pyrard de Laval, que naufragou nas Maldivas, e ali permaneceu muito tempo (uns quarenta annos depois de Orta), dá a mesma noticia que este. Diz que os naturaes chamavam ao coco *Tauarcarré*, e acrescenta ... «e julgam que é produzido por algumas arvores, que ha no fundo do mar». Mas em outra passagem dá uma indicação mais chegada á verdade, a qual se pôde talvez referir a algum vago conhecimento das Seychelles, que possuissem os navegadores das Maldivas. A passagem é interessante, e merece ser citada um pouco mais largamente; diz assim:

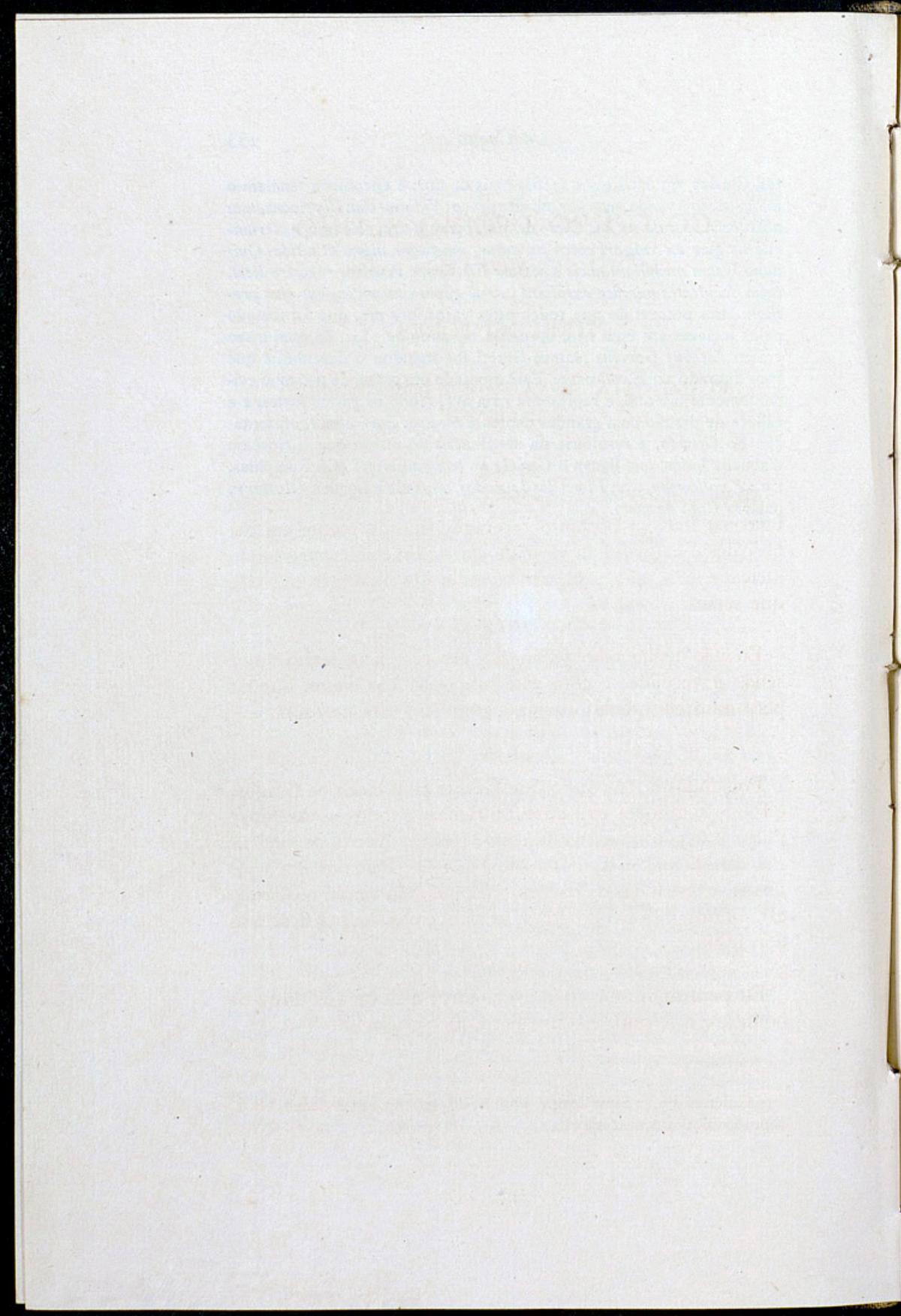
«Algum tempo depois, el-rei (o das Maldivas) enviou por duas vezes um piloto mui experimentado ao descobrimento de certa ilha chamada *Polluoys*, que para elles é ainda quasi incognita, e só dizem que antigamente uma sua barca ahi aportou casualmente, como em suas historias se contém, mas foram forçados a saír d'ella por causa dos grandes tormentos, que lhe fizeram os diabos ... a ilha é fertil em toda a sorte de fructos, e são mesmo de opinião que aquelles grandes côcos medicinaes, que tão caros são, se dão n'aquelle ilha; posto que alguns pensem que vem do fundo do mar.»

É bem possível, que esta vaga tradição tivesse por fundamento uma viagem ás Seychelles, viagem que se não repetiu, porque — como diz Pyrard — quando buscavam a ilha «de proposito ainda a não tem podido achar; e quando a ella tem aportado é por acaso».

Á parte esta curta e vaga noticia, todos tinham o *coco* por uma producção do mar, não só no tempo de Orta, mas mesmo muitos annos depois (Cf. *Viagens de Pyrard de Laval*, I, 192 e 248; Rumphius, l. c.).

Sobre os effeitos do «antidoto excellente» é o nosso medico evidentemente muito sceptico; faz notar com rasão, que as lendas e mysterios davam «ao coquo das ilhas mais auctoridade»; diz que as curas se podiam talvez attribuir á «emaginação»; e termina com um certo desprezo: «e deixemos isto e falemos no costó, pois hé mais usado na fisica». Rumphius, que acreditava piamente nos effeitos do *coco*, não lhe perdoa a sua indifferença: *Garziam porro miror, ipsum harum nucum non majorem habuisse experientiam*. É que de feito o *coco* era então muito procurado e muito louvado; e o mesmo Rumphius conta que um almirante hollandez, Wolferio Hermano — o que no anno de 1602 commandou uma accção nos mares de Bantam contra a esquadra portugueza de André Furtado de Mendonça — possuia um d'estes cocos, pelo qual o imperador Rodolpho II offereceu quatro mil florins. Aquelle *coco* era então o unico que existia na Hollanda. Em Portugal eram mais frequen-

tes. Clusius viu em Lisboa (1563) mais de um; e encontrou tambem o miolo secco á venda, mas por um alto preço: *Vidimus cùm Ulysipone, tum aliis locis, vascula ex hoc Cocco de Maldiva confecta, oblongiora plerumque iis quæ ex vulgari coco parantur, magisque nigra et nitida. Quinimo ipsam medullam nucis siccatam Ulysipone venalem reperire licet, cuius facultates mirifice extollunt ... ob quam causam ingens ejus pretium.* Mais notavel do que todos estes vasos, era um, que foi tomado pelos inglezes em uma náo, aprezada no anno de 1592, do qual o seu amigo *Jacobus Garetus* (James Garet) lhe mandou o desenho, e que vem figurado no *Exoticorum*. Está montado em prata, de trabalho evidentemente oriental, e representa uma ave, tendo as garras fortes, e a cabeça de dragão com grandes dentes á mostra. Será uma representação do *Geruda*, e resultaria na imaginação do artista que o cinzelou d'aquellea lenda, que ligava o *Geruda* ao *boa pausengi*? (Cf. Rumphius, l. c.; *Exoticorum*, 192; *Flora dos Lusiadas*, 86; Yule e Burnell, *Glossary*, palavra *Coco de mer*).



COLOQUIO DECIMO SETIMO

DO COSTO E DA COLERICA PASSIO

INTERLOCUTORES

RUANO, ORTA, SERVA, PAGEM, DOM GERONIMO
E PACIENTE

RUANO

Muyto estimado foy o *costo* antigoamente, e aguora tambem tem seu louvor; portanto receberey grande merce em me abrirdes o caminho da verdade em esta mézinha, não tendo afeiçam nem odio a algumas pesoas de qualquer calidade que sejam.

ORTA

Eu não tenho odio senão aos erros; nem tenho amor senão á verdade; e com este preposito vos diguo, que eu pera mim nam tenho duvida alguma em esta mézinha.

RUANO

Pois todos a temos; porque Galeno com todos os Gregos, e Plinio com todos os Latinos antiguos, e todos os Arabios* põem muitas maneiras do *costo*; e ainda que os boticairos me dizem que o ha em Espanha, e os Italianos em suas terras, e asi todas as nações, mas que não vem a nós senão esta *indica*, e que das outras, se carecemos, he per descuido e avaricia.

ORTA

Eu pera mim tenho não aver outra; e desta vos direy os nomes, e a feiçam, e o uso pera que se usa.

* Galenus, lib. 7, Simplicium; Plinius, lib. 12, cap. 12; Avicena, lib. 2, cap. 165 (nota do auctor).



RUANO

Dizei, com protestação de vir com meu contraponto,
quando fôr necessario.

ORTA

Diguo que *costo* em arabio se chama *cost* ou *cast*; e em guzарат se chama *uplot*; e em malaio, pera onde he grande mercadaria e se guasta muyto, se chama *puchō*; disevos o nome em arabio porque por este he chamado dos Latinos e Gregos; e o do Guzarat porque he a terra mais chegada onde naçe; e disevos o nome malayo, porque a maior cantidade se gasta pera lá, scilicet, pera levar á China (1).

RUANO

E não nace o *costo indicō* no Guzarat?

ORTA

Nace na terra sogeita muitas vezes ao Guzarat, scilicet, confins entre Bengala e o Dely e Cambaya, isto he, terra do Mandou e Chitor; e day vem muytas carretas carregadas d'este *uplot* e de *espique* e de *tincar*, e de outras muytas mercadorias, as quaes vem ter á cidade principal do reino, dita Amadabar, que está no sertam, e tambem vem ter á cidade de Cambayete (cotovello do mar da enseada); e dali se provê a mó parte da Asia das nomeadas mercadorias, e toda a Europa, e alguma parte da Africa (2).

RUANO

Como se podem criar tantos arvores, pois a raiz he o *costo* que gastamos?

ORTA

O mais pouco he raiz; por quanto todo o mais he o pão, nam val mays o pão que a raiz; o arvore em que nasce o comparam alguns que o viram ao sabugo; tem flores e cheira bem; e a feiçam delle he ser branco per dentro, e a casca parda; e algum d'elle tem a cor de buxo e a casca amarella. Onde está, dá grande fragancia e cheiro, que a alguns se lhe mette pollos narizes, e lhes faz dor de cabeça

com sua fortidam; o sabor delle não he amarguo, nem tam pouco doce; posto que alguma cousa amargua, quando he velho; porque, quando he novo, tem o sabor agudo como as outras especiarias; desfaz-se muito em pó, e cheira mais pouquo, e amargua; e esta he a verdade. Deste guastam em muitas mézinhas os fisicos Indianos; este levão a Ormuz os mercadores; donde se provê todo o Coraçone e a Persia. Tambem dahi se leva a Adem, donde se provê a Arabia e Turquia, e nam he muyto ser este *costo* falsificado lá, segundo levam pouca cantidade a Portugal; por onde he de crer que, ou he falso o que usam nas partes distantes de Portugal, ou põem outra cousa por elle.

RUANO

Serapio lhe chama *chost**.

ORTA

Está a letra corruta, e em alguns livros se acha escrito *cast* e *costus*; e os Arabios, com que faley, huns lhes chamam *cast*, outros *costo*, e outros *costi*; e nisto nam tenhaes duvida.

RUANO

Todos põem tres especias; scilicet, *arabio*, este dizem ser branco e leve e aromatico; outro dizem ser *indico*, negro e leve e amarguo; e outro dizem que he da *terra da Siria*, de cor de pão de buxo; o cheiro he estitico. Tambem** *costo doce* e *costo amarguo*; posto que eu não vi *costo doce*, nam pode deixar de o aver, pois doutores de tanta autoridade escrevem delle.

ORTA

Perguntei a muitos mercadores da Arabia e Persia e da Turquia, que me dixeram onde se gastava este *costo* que vay da India, amostrandolho com a mão, elles responderam

* Serapio, cap. 318 (nota do auctor).

** Deve faltar aqui a palavra «dizem», ou outra semelhante.

todos que na Turquia se gastava a mór parte, e na Suria; e os Arabios e Persios me dixeram que tambem o levavam pera sua terra por mercadaria em que se ganhava dinheiro. Pergunteilhe, se avia outro algum em sua terra, todos me dixeram que nam. Perguntei aos fisicos do Nizamaluco, e dixeramme que nunqua viram outro *costo*, senam este da India; e destes fisicos huni delles foy fisico do Xatamaz*, e andou muyto tempo curando no Cairo e em Costantinopla; pois todos estes rezam tinham de conhecer o *costo*.

RUANO

E o que dizeis do *costo doce* e *amargozo*?

ORTA

Bem sabeis que as couisas, quando se vam podreçendo, que amargam muyto; e a cor, que no principio era branca, se faz, quando se corrompe, preta; e no meio deste tempo se faz amarela; e porque este *costo* vem ter de longes terras a nós, ha muyto pouquo delle que não estê começado a corromper. E o que já se vay corrompendo e não he branco, chamão-lhe *amargo*, e ao outro, que está bom, *doce*. E porque os mercadores, que este *costo* levam a vender, eram de diversas partes, tomaram occasiam de dizer, que hum avia na Arabia e outro na India e outro na Siria, vindo todo este da India, e tendo lá seu nacimiento.

RUANO

Laguna, escritor diligente, diz que sam dinos de reprensam os boticairos que, por avaricia ou pouco cuidado, nam trasem o *costo* de Veneza, donde vem da Alexandria, e gastam em seu logar huma mézinha, que nam se paresça mais com o *costo*, que o marmelo com abobra; e outros usam de rai-zes de *menta romana*, a que chamam *costo falso*; e muitos herbolarios vi em Espanha que me dixerão avelo lá visto;

* Isto é, de Thamasp scháh, o successor de Ismael.

e hum me mostrou huma frutice de altura de cinco palmos, e indo lendo pelo livro, achavamos que lhe convinhão os sinaes escritos no livro.

ORTA

Digo que Laguna diz bem, se levarem o *costo* de Veneza, que haja vindo da India, nam falsificado nem podre; e pera mais seguridade e certeza seria melhor que o levassem de Lixboa, onde vai melhor e mais fielmente feito; porque eu o mandei a elrei em quantidade, o anno que fiz as drogas; e se vay pouco de qua, he porque nam tem lá requesta, nem o pedem tanto. E ao que dizeis do herbolario, que em Espanha vos mostrou a frutice do *costo*, nem vós, nem o herbolario, nem o autor do livro, vistes em algum tempo o arvore do *costo*; e por isso vos enganaveis todos; porque, com perdão de todos, hum cego, que era o Pandetario*, guava ao herbolario e a vós: isto vos digo, porque o arvore do *costo* he tamanho como hum azimbro ou medronheiro grande, ou sabugueiro. E a frutiçé, como tinha o pão? era mole, ou delgado ou grosso; despedia bem a casca ou não?

RUANO

Mole, e despedia bem a casca.

ORTA

Pois estoutro he contrairo, que he pão duro, e não tem casca separada (3).

RUANO

Nam se podia perder este *costo doce* pollos muitos tempos e distancia dos lugares?

ORTA

Não: porque as terras são agora mais descubertas e mais sabidas; senam que agora se descobrem mais os erros pa-

* Mattheus Sylvaticus, o auctor do *Liber pandectarum*, já citado antes no *Cologuio do aloés*.

sados, e enganos de gente, que, por venderem melhor suas mercadorias, põem nomes diversos, e dizem ser de longes terras. E abastenos, pera não aver outro *costo* senão este, que os Chins, gente tam descreta e tam sabida, usam desta mézinha e a gastam tanto.

RUANO

Aleguaes com gente muyto barbara e fera, pois sam os Scitas Asianos?

ORTA

Sam os Chins homens muy sutis em comprar e vender, e em officios macanicos; e em letras não dam vantagem a alguns outros, porque tem leis escritas, conformes ao direito comum, e outras muito justas; como se pode ver bem por hum livro que ha dellas nesta India; e huma destas leis, que me dixerão, he, que não pode o homem casar com molher que conheceo, sendo casada com outro marido; quanto mais que os homens que vão á China veem lá praticar muyta justiça e usar della; damse lá gráos e muytas onrras aos letardos, e elles sam os que governão o rei e a terra. Nas pinturas que fazem vem pintadas catedras, e homens que estão lendo, e ouvintes que estão ouvindo; quanto mais que, pera vos convencer seu gram saber, abasta que a arte de emprimir sempre foy lá usada, e nam ha em memoria de homens, ácerca delles, quem a enventou.

RUANO

Isso he verdade, porque quem enventou esta arte foy em Ungria, ou nessas partes mais setentrionaes, as quaes dizem que confinam com a China (4).

SERVA

Um moço está alli, que traz um recado.

ORTA

Venha.

PAGEM

Dom Geronimo lhe manda pedir que queira hir visitar seu irmão, e ha de ser logo, ainda que nam sejam oras de visitação, por ser perigo na tardança; e que lhe fará muyta merce em o fazer.

ORTA

Que doença he, e quanto ha que está doente?

PAGEM

He *morxi*, e ha duas horas que adoeceo.

ORTA

Eu vou apôs vós.

RUANO

He esta enfermidade a que mata muyto asinha, e que poucos escapam della? Dizeime como se chama ácerqua de nós, e delles, e os signaes, e a cura que nella usaes.

ORTA

Acerqua de nós he *colerica passio*; e os Indianos lhe chamão *morxi*; e nós corruptamente lhe chamamos *mordexi*; e os Arabios lhe chamão *hachaiza*, posto que corruptamente se lea em Rasis *saida*. Cá he mais aguda que em nossas terras, porque comumente mata em vinte e quatro horas; e eu já vi pessoa que não durou mais que dez horas, e os que mais duram sam quatro dias; e, porque não ha regra sem exçeisam, vi um homem com muyta costancia de vertude, que viveo vinte dias, sempre arrevesando colora curginosa*, e emfim morreo. Vamos ver este enfermo; e por os signaes vereis vós, como testemunha de vista, que cousa he.

RUANO

Vamos.

* A significação d'esta palavra é para mim muito duvidosa, e é possível que esteja alterada por algum erro typographicico.

ORTA

O pulso tem muyto sumerso, que poucas vezes se sente; muyto frio, com algum suor tambem frio; queixase de grande incendio e calmosa sede; os olhos sam muyto sumidos; nam podem dormir; arrevesam, e saem muyto, até que a vertude he tam fraca que nam pôde expelir cousa alguma; tem caimbra nas pernas. Subí, após mim, que eu vos ensinarei o caminho. Muya saude dê Deos em esta casa. Quanto ha que este mal veio?

ENFERMO

Pôde haver duas oras que me tomou este sair e revesar, com grande agastamento; não arreveso senão agoa, sem nenhum amargoso, nem azedo sabor.

ORTA

Tivestes alguma caimbra nas pernas?

ENFERMO

Per tres ou quatro vezes me tomou, e com fortes esfregações com isto se me tirou, molhando as mãos em azeite de coquo quente; e porém tornou a vir, e fizlhe o mesmo, e tornouse.

ORTA

Que comedes oje?

ENFERMO

Comi pexe de muitas maneiras, e arroz de leite, e alguns pepinos; e asi o que arreveso cheira a pepinos.

ORTA

Isto não padece tardança; emtanto ponham fogareiros e esquentemlhe o corpo; e esfreguemlhe o corpo com panos asperos; e agoa nenhuma beba, em nenhuma maneira della; se fordes constrangido a darlhe a beber alguma pouca, será onde ajam apagado algum ouro fervendo; cautirizemlhe os pés com ferros quentes; e darlheam a beber hum vomitivo; e lançarlheam hum cristel lavativo; o qual tudo vou ordenar á botica; e untalloam com olios quentes pola nuca e espinhaço

todo; e asi lhe untaram as pernas. E como revesar com este vomitivo, e fizer camara com o cristel, vâome dar conta do que pasa, e dirmeam se arrevesa ainda muyto, ou se sae muyto, ou se se esquentou já, ou se tem ainda caimbra, ou se lhe parece o pulso mais, e está mais descoberto ; porque conforme a isto he necesario que obremos, porque nesta infirmitade nam ha de aver descuido no medico, nem nos servidores do enfermo.

DOM GERONIMO

Tudo se fará muyto depressa; eis aqui o boticairo.

ORTA

Façamlhe muyto asinha hum vomitivo de agoa cozida com çevada e cominhos e açucare; porque os acho muito bons pera esta paixão; o cristel será de cozimento de çevada e farélos e olio rosado, e mel rosado, coado; e os olios pera se untar seram de castoreo e de ruda; porque tem respeito ao veneno, tudo misturado. E ácerqua do comer da casa estilem huma galinha gorda, tirandolhe primeiro a gordura que tem; e deitemlhe dentro humas talhadas de marmelos, e se os não acharem frescos sejam de conserva, lavados primeiro com vinho branco, e lançemlhe huma pouca de agoa de canella e rosada, e coral e ouro; e posto que o doutor, que presente está, saiba melhor isto que todos, pera o que se deve fazer, elle me dá a mão a isso, como homem esperimentado nesta terra. E porque elle está presente, diguo que melhor fôra perdiz ou de Ormuz ou da terra, ou guallo, ou galinha de mato; mas em quanto se isso não acha, podem fazer o que disse.

RUANO

Em todo cabo podeis falar, porque ha muyto tempo que nos conhecemos.

ORTA

Deos dê muita saude nesta casa, e não esqueça levarme recado do que passa.

RUANO

Espantado estou da questa enfermidade; porque vi muitos doentes de peste, e nam tem a vertude tam derubada, nem

dura tam pouquo polla mó'r parte. E porque dixe, que coméra pepinos, me lembra, que os doutores dizem de alguns comeres, que, se se corrompem, sam convertidos em natureza de veneno; e estes, se bem me lembra, sam melões, cogombros, e pepinos, e pexegos, e albocorques; por tanto nam he muyto virlhe aquella enfermidade, depois de comer pepinos. E vi mais este paciente ter o hanelito muito frequente.

ORTA

Sabeis em quanta maneira se aconteç isto, que vi hum fidalgo, muito virtuoso, que avia trinta oras que padecia esta enfermidade, e me dizia: já nam saio, nem arreveso, nem tenho caimbra na perna, senam que não posso tomar folego, e isto me mata. Oulhay em que estado estava prós-trada a vertude, que nam podia deitar o folego.

RUANO

A que homens toma mais esta enfermidade? E em que tempos do anno vem mais?

ORTA

Aos homens que muyto comem, e aos que comem máos comeres; como aconteçeo aqui a hum conejo mancebo, que de comer pepinos morreo; e aos que sam dados muyto á conversação das mulheres; e aconteç mais em junho e julho (que he o inverno nesta terra); e porque se causa do comer lhe chamam os Indios *morxi*, que quer dizer, segundo elles, enfermidade causada de muyto comer.

RUANO

Como curam os fisicos da terra esta enfermidade?

ORTA

Damlhe a beber agoa de espresam de arroz com pimenta e cominhos (a que chamão *canje**); cautirizamlhe os pés, como

* Como se vê, a palavra *canje* ou *canja* ainda então não tinha fóros de portuguesa.

mandei fazer áquelle fidalgo; e mais lançam-lhe *pimenta longa* nos olhos pera esprementar a virtude; e pera a caimbra arrocham com percinta a cabeça, e braços e pernas, mui fortemente até os giolhos, e dos giolhos até os pés; e dam-lhe a comer o seu *betre*. E todas estas cousas nam careçem de rasam senam que sam feitas toscamente.

RUANO

E vós os Portuguezes que lhe pondes, ou que lhe fazeis?

ORTA

Damos-lhe a comer perdizes e galinhas estiladas, ou çumo dellas: tambem lhe damos toradas de vinho com canella; posto que estas cousas quentes eu nam uso muito nos comeires, senam postas pela parte de fóra, scilicet, untando o estomago com ólio de *almecega* e *nardino* quentes; trabalho com muita presa de limpar o estomago com mézinhas lavativas somente, e com cristeis; vam mistos segundo que a natureza mais se vay inclinando.

RUANO

Nam se ha de ajudar essa natureza, que he cega, e constrangida de humor venenoso.

ORTA

Todavia porque esse humor, que he venenoso, não enfeione o outro, he bem que se deite fóra cedo; e he bem evacuarse; depois com ólios de *almecega* e pós de canella, confortando o estomago, e a virtude retentiva com algumas ventosas; mas ha de ser isto vacuandose primeiro a mór parte do humor (5).

RUANO

Tendes alguma mézinha particular esprementada?

ORTA

Algumas; scilicet, *triaga* bebida, ou deitada em vinho, ou agoa rosada, ou de canella, segundo a necesidade o requere; o pão de cobra, de que adiante diremos; o *unicornio* espre-

mentado; e o pão de contra erva de Malaca, com que se acham bem os feridos de frécha com peçonha; porém a mézinha que mais aproveita, e com que melhor meachei, he tres grãos de *pedra bezar* (a que chamam *pazár* os Persios), que daqui ao diante falarei, que em tanta maneira aproveita, que casi milagrosamente dilata as forças do coração. Já ouve muytos doentes, que, dandolhe a beber esta pedra, me dizião, nam sabendo o que lhe dera, como desque comeram aquella mézinha lhe parecia que lhe viera novas forças e lhe tornára a alma ao corpo; e em o bispo de Malaca (6) meachei muyto bem, dandolhe esta *pedra bezar* e a *triaga*, depois de vacuada muyta parte da materia, deitáralhe muyta *triaga* em cristeis, acrescentandolhe a cantidade.

RUANO

Nunca vi deitar nessas enfermidades *triaga* em cristeis?

ORTA

He conforme á rezam deitalos nas enfermidades venenosas, como a mim me aconteceo, curando a hum vedor da fazenda de elrey, nosso senhor, de humas camaras venenosas, o qual não querião consentir os meus companheiros fisicos; e porém vendo que se achou bem, folgárão com isso, e o usaram em muitas pessoas depois.

RUANO

Ha algumas enfermidades na India como esta, que derubem a virtude tanto como esta? E a estas que mézinhas lhe pondes por fóra?

ORTA

Muitos homens morrem com a virtude derubada, ou porque tiveram camaras ou pollo muyto uso das mulheres; e a estes (chamão os fisicos indianos *mordexi seco*, scilicet, á enfermidade d'elles) façolhes fomentaçam por fóra, com vinho de cozimento de cominhos, e sobre elles lanço olio *nardino* e de *almecega*, e os comeres quero que cheguem a quente, mais sustancialmente que em calidade; e não quero que se-

jam gemas de ovos, porque sam soversiveis e curruptiveis; e porque da *pedra bezar* ei de falar ao diante, não mais. E, tornando ao *costo*, digo que Mateolo Senense alega alguns que tem que a *raiç angelica* he especia do *costo*, mas que elle nem o dana nem o aprova; e que usam mais conforme á rezam os que usam della em logar do *costo* que os que usam da *menta romana*; e eu diguo que ella não he *costo*, e pôde ser melhor mézinha.

NOTA (1)

Julgou-se durante muito tempo, que a droga chamada *costus* fosse a raiz de uma especie do genero *Costus* da familia das *Scitamineæ*; e o nome dado ao genero resultou mesmo d'aquellea persuasão. Sabe-se hoje, que pertence a uma planta absolutamente distincta e muito afastada, da familia das *Compositæ*, a *Saussurea Lappa*, Clarke (*Aucklandia Costus*, Falconer; *Aplotaxis Lappa*, Decaisne), a qual se encontra, como logo veremos, nas regiões elevadas e centraes da Asia.

Os nomes vulgares, mencionados por Orta, são ainda hoje bem conhecidos:

— «Cost» ou «Cast» em «Arabio». Isto é, *كست*, que vem transcripto nos livros ingleses *kust*; mas devia soar *cast*, melhor *qast*. D'este nome deve vir, como Orta diz, o latino *costus* e o grego *κόστος*; mas é necessário advertir, que o arabico *qast* já vinha do sanskritico *kustha* (Cf. Dymock, *Mat. med.*, 449; Ainslie *Mat. ind.*, II, 165, salva a identificação botanica).

— «Uplot» no Guzerate. Este nome vem mencionado por Dymock, na forma *ouplate*, como sendo ainda usado em Bombaim (Cf. Dymock, l. c.).

— «Puchoo» em malayo. O dr. Royle, comparando o *costo* do norte da India, com uma raiz conhecida nos mercados de Calcutá pelo nome de *puchuk*, reconheceu serem coussas identicas, e acrescenta: *this identity was long ago ascertained by Garcias ab Horto*. Dymock tambem cita o mesmo nome, na forma *patchak*, como usado em Bengala (Cf. Royle, *Ant. of Hindoo med.*, 88; Dymock, l. c.).

NOTA (2)

Podia-se dizer com uma certa approximação, e sem grande erro geographicó, que as terras de «Mandou» e de «Chitor» ficavam entre os reinos de Guzerate e Dehli e Bengala; e tambem era verdade,

que aquellas terras haviam sido tomadas, perdidas, e retomadas pelos exercitos do Guzerate, justamente alguns annos antes.

Os portuguezes chamaram terras ou reino de «Mandou» ao reino mussulmano de Malwá. Mandú era propriamente o nome de uma cidade fortificada, situada na vertente meridional das serras de Vindya, e que foi muito tempo capital d'aquelle estado. Do mesmo modo chamaram reino de Chitor ao principado rajpút de Mewár ou Udipúra, quando o nome pertencia especialmente a uma famosa fortaleza d'este estado. Tanto Barros como Gaspar Corrêa fallam largamente d'estas terras, quando tratam das guerras do sultão Badur; mas sem fixarem bem as suas posições respectivas.

Orta estava enganado, quando julgava que o *costo* vinha d'ali, vinha simplesmente *por ali*, mas procedia de muito mais longe. O conhecido viajante francez, Victor Jacquemont, encontrou (1831) a planta que produz o *costo* nos valles do Kachmira, e vertentes do Himalaya, em altitudes consideraveis. Na mesma região a observou o dr. Falconer, alguns annos depois, verificando bem que d'ella procedia a droga do commercio. Colhe-se ali a raiz da *Saussurea* em grandes quantidades, e uma parte d'esta raiz aromatica é empregada pelos negociantes para conservar e preservar da traça os celebres e preciosos chailes, fabricados n'aquelle região. Alguma segue por terra para a China, *via* Thibet; outra parte é levada a Calcuttá, d'onde se exporta principalmente para a China; e finalmente alguma vem aos portos do occidente, sobretudo a Bombaym (Cf. Falconer, nas *Trans. Linn. Soc.*, xix, 23; Dymock, l. c.).

No tempo de Orta, Bombaym não existia como porto commercial, sendo apenas uma ilha meia deserta, de que elle era foreiro, e as mercadorias affluiam ás cidades do norte, á cidade interior de «Amadabar» (Ahmedábad), e ás cidades maritimás de Diu, de Surraté, ou de Cambayete. Esta ultima, situada no fundo de um golpho, ou — como Orta diz — «no cotovello do mar da enseada», era geralmente chamada Cambaya; mas o nome de Cambayete é correcto, e mais proximo mesmo do antigo nome hindú *Khambavati*, e da fórmula arabica *Kambáyat*. Vendo chegar a Cambayete as longas filas de carretas indianas, carregadas de *espique*, de *uplot*, e de *tincar*, os nossos portuguezes não suppunham que o *uplot* viesse de tão longe, das alturas do Himalaya, e o *tincar* ainda de mais longe, dos planaltos do Thibet.

O *uplot*, mais geralmente chamado *puchô*, era então uma mercadoria importante, principalmente no commercio com a China; e d'isso temos uma prova no facto de el-rei D. Manuel reservar o seu trafico para o estado, pouco depois de nós estabelecermos relações com aquele imperio. Logo no anno de 1520, estando em Evora, D. Manuel prohibiu o commercio da *pimenta* para a China; e, em um regimento sem data, mas provavelmente pouco posterior, enviado a Diogo Ayres, feitor na China, diz o seguinte:

«nós temos defeso a pimenta pera a China, e asi defendemos aguora o puchô e emcenso, que se nom leve desas partes da India pera a China» (*Archivo port.-oriental*, fasc. 5.º, part. II, 49).

Era pois verdade o que Orta dizia, que «a maior cantidade se gasta pera levar a China»; e continua a ser verdade que ainda hoje a maior parte do *costo* vae para o Celeste Imperio. Attribuem-lhe ali numerosas propriedades medicinaes, carminativas, estimulantes, antisepticas e muitas mais; mas é sobretudo empregado para queimar, com uma significação religiosa. Em todas as casas, em todos os juncos e barcos que fluctuam nos enormes rios do Imperio, o *patchak* arde reverentemente, e as espiraes do seu fumo aromatico sobem para a imagem de Buddha, que invariavelmente se encontra em toda a habitação chineza.

NOTA (3)

Parece fóra de duvida, que o *costo* mencionado por Theophrasto, e depois d'ele por Dioscorides, Galeno, Plinio e outros, era este de que tratâmos, e vinha já então do Kachmira aos portos da India occidental, e d'ali, pelos caminhos bem conhecidos, aos mercados do Mediterraneo. As distincções em *arabico*, *indico* e *syriaco*, que Orta menciona pela bôca de Ruano, foram feitas por Dioscorides, o qual falla do κόστος, do ἄραβικος, e do συριακός; mas não é facil saber hoje se eram realmente drogas distinctas, e Sprengel é de opinião, que, pelo menos os dois primeiros, deviam differir apenas no estado de conservação, acrescentando: *quod jam Garcias autumavit*.

A distincção entre doce e amargo tambem devia resultar do estado mais ou menos perfeito da droga. Guibourt, que estudou muito cuidadosamente esta questão do *costus*, e reconheceu que devia pertencer a uma *Composita*, mesmo antes da planta ser conhecida, é da opinião do nosso Orta, admitte como elle que nunca houve mais de uma especie, a mesma que hoje temos, e cita as suas affirmações: *Garcias dit s'être informé des commerçants arabes, turcs et persans, s'il nais-sait chez eux quelque autre espèce de costus que celle tirée de l'Inde, et que tous lui ont répondu ne connaître que le costus de l'Inde.*

Vê-se pois, que as opiniões do nosso escriptor têem sido admittidas geralmente, e citadas como auctoridade. A sua descripção da droga, do aspecto e côr da madeira e da casca, e d'aquelle cheiro forte e que ataca a cabeça, é bastante conforme com os caracteres apontados nos livros modernos de Pharmacographia. Quanto á planta, é claro que a não viu, nem tinha sobre a sua feição idéas muito positivas; e se a comparou com o «sabugo» foi provavelmente pela disposição e dimensões da medulla, que pôde observar nos troncos secos da droga (Cf. Sprengel, *Diosc.* I, 29 e II, 353; Guibourt, *Hist. nat. des drogues*, II, 28).

NOTA (4)

Quasi todos os nossos escriptores quinhentistas, que se ocuparam das cousas do Oriente, louvaram a civilisação da China. Quasi todos admiram a «policia» dos chins, as suas leis, a sua pericia nas artes e officios, a sua perspicacia nos negocios commenciaes. Parece que aquella civilisação material, methodica e regrada, os impressionou mais do que a cultura intellectual dos hindús, muito superior sob alguns pontos de vista, e que elles em geral não comprehenderam.

Garcia da Orta tem, pois, as opiniões dos seus contemporaneos; e, sobre isso, tem um sentimento natural em um antigo estudante em Salamanca, e antigo professor de *Summulas* em Lisboa —uma grande admiração pela importancia dada aos homens de letras, por aquella serie de exames e de «graos», donde saía e ainda sáe toda a rede de funcionarios do Celeste Imperio, desde os infimos, até aos que constituem os mais altos conselhos, e — na sua phrase —«governam o rei e a terra».

Mas a referencia mais interessante d'esta passagem, é sem duvida a que diz respeito á invenção na China da «arte de emprimir». Vemos que ainda neste ponto o nosso escriptor andava bem informado, tendo naturalmente as idéas correntes então, de que a origem d'aquelle arte se perdia na noite dos tempos, e não havia em «memoria d'omens . . . quem a inventou». Muito depois de Ortá, uma das maiores auctoridades sobre as cousas da China, o padre Du Halde, dizia do mesmo modo, que a imprensa existia ali *de temps immémorial*. E se isto não é absolutamente exacto, é pelo menos certo, que a invenção é antiquissima, pois um decreto do imperador Wan-ti (593 J. C.) mandava já que os livros mais importantes fossem reunidos, para serem gravados em madeira, e depois publicados.

Em uma das suas phrases —collocada na bôca do dr. Ruano— o nosso escriptor parece admittir, que a invenção da imprensa tivesse vindo da China para a Europa. A idéa não é nova; e o velho Garcia de Rezende tambem approxima a recente arte europêa da pratica anteriormente seguida na China:

E vimos em nossos dias
A letra de forma achada,
Com que a cada passada
Crescem tantas livrarias,
E a sciencia he augmentada:
Tem Allemanha louvor,
Por della ser o auctor
Da questa cousa tam digna,
Outros affirmam na China
O primeiro inventador.

Modernamente mesmo, aquella idéa não foi de todo abandonada. Disse-se, por exemplo, que um certo Panfilo Castaldi imprimira algumas folhas em Veneza, antes de Gutenberg e de Faust, sendo guiado na sua invenção pelo exame dos livros impressos, que Marco Polo trouxera da China. Estes direitos de prioridade de Castaldi não resistem a um demorado exame, como o que fez sir Henri Yule. Mas é certo, que algumas impressões *xylographicas*, anteriores ás impressões com typos moveis, apresentam uma notável similitude com os trabalhos chins; e é possível que alguns livros impressos fossem trazidos da China, se não por Marco Polo, por algum d'aquelles numerosos frades, franciscanos e dominicos, que então penetraram nas terras do remoto Oriente, e que a inspecção d'esses livros influisse nas primeiras tentativas europeias.

Admittindo, porém, esta influencia —que ainda assim é muito problemática— deveríamos attribuir-a a um ou outro specimen, trazido pelos viajantes, e nunca áquellas comunicações directas de que fala o nosso escriptor. É pelo menos singular a phrase, que elle coloca na bôca do seu interlocutor Ruano: «... em Ungria, ou nessas partes mais setentrionaes, as quaes dizem que confinam com a China». Esta approximação entre a Ungria e a China faz-nos á primeira vista a impressão de um monstruoso erro geographicó. E, no entanto, a phrase tem uma explicação, se não uma desculpa.

O erro de Orta devia resultar da grandissima extensão, que, nos dois ou tres séculos anteriores, tivera o poder dos tartaros —tomando esta palavra *tartaros* na sua mais larga e mais vaga accepção. Por um lado os tartaros haviam conquistado a China, confundiam-se mesmo com os chins; e Orta mostra ter conhecimento d'esta approximação, chamando aos ultimos os *scitas asianos*. Por outro, os tartaros haviam invadido a Europa, ocupado a maior parte do que hoje é a Russia, entrado nas terras da Polonia e da Ungria. Das fronteiras d'estas províncias orientaes da Europa, estendia-se para leste uma enorme Tartaria, que vagamente se fundia com a China do norte, com as terras de Cathayo ou de Kitai. Imaginar, que por este caminho as invenções da civilizada Pe-King se podiam comunicar á civilizada Moguncia, seria hoje absurdo, dado o conhecimento que temos das regiões intermedias. Mas não conhecendo essas regiões, não podendo rectificar as idéas pela inspecção de uma carta exacta, comprehende-se como se podia chegar á singular phrase pronunciada pelo dr. Ruano. O dominico fr. Gaspar da Cruz, que era ilustrado, que esteve muito tempo na China, que conheceu bem os habitos e costumes, e mesmo a geographia das províncias do sul, tambem, depois de uma nebulosa dissertação sobre as fronteiras da China pelo lado do norte, chega á seguinte conclusão: «e aqui parece claro a China confinar com o ultimo d'Allemania».

Não encontrei propriamente noticia d'aquelle impedimento dirigente do matrimonio, que Orta menciona com louvor; mas é certo

que a lei, pela qual estas cousas se regulavam, era na China muito minuciosa. O padre Du Halde enumera longamente muitos casos de nulidade, observados nos casamentos chins.

(Cf. Du Halde, *Description de la Chine*, II, 123 e 249, París, 1735; Firmín Didot, *Essai sur la Typographie*, p. 565 e 918; Garcia de Resende, *Miscellania*, na *Chron. de D. João II*, 163 v.º, Lisboa, 1622; Yule, *Marco Polo*, I, 132, e na primeira edição II, 473; fr. Gaspar da Cruz, *Tratado da China*, 24.)

NOTA (5)

Garcia da Orta descreve um caso de *cholera* de forma grave, do *cholera asiatico* ou *cholera morbus* propriamente dito. Conhecia o *cholera europeu*, que havia sido estudado pelos antigos medicos, Hippocrates, Aretêo, Celso e outros, e a que chama *colerica passio*; conhecia a analogia d'esta enfermidade com aquella que observava na India; mas conhecia tambem a maior gravidade da ultima, dizendo: «ca he mais aguda que em nossas terras».

As temerosas epidemias que devastaram a India no anno de 1817 e seguintes, chamaram especialmente a atenção para esta doença, e levaram quasi a crer que fosse nova, ou pelo menos que se apresentasse então com uma gravidade antes desconhecida. Parece, porém, ter existido na India, tanto na forma sporadica como na forma epidemica, desde tempos muito antigos; e se alguma dúvida se levantou a este respeito, essa duvida deve unicamente resultar dos nomes variados, dados á doença, e das descripções imperfeitas dos seus symptomas. Diz-se que já se encontram referencias ao *cholera* nos escriptos do lendario medico hindú, Susrúta, ou pelo menos em versões tamilicas de fragmentos, que lhe são atribuidos. E o investigador Whitelaw Ainslie dá-nos variados nomes da doença em quasi todas as linguas falladas na India: *ennērum vandie* em tamil; *dānk-lugnā* em deckani; *chirdie-rogum* em sanskrito; *vāntie* em tellingu; *nirtiripa* em maláyalam. Isto parece denunciar um conhecimento muito geral, e provavelmente muito antigo, d'aquelle enfermidade, conhecimento espalhado por todas as regiões da India (Cf. W. Ainslie, *Mat. ind.*, II, 531).

Deixando, porém, este campo escorregadio dos remotos periodos hindús, dos quaes parece haver poucas noticias, ou pelo menos poucas noticias seguras, vejâmos o que diz respeito ao tempo dos portuguezes. Na *Vida de João de Empoli*, aquelle florentino que andou na companhia e na armada dos Albuquerques, diz-se que, estando elle nos portos da China, a guarnição dos navios em que ía foi atacada por uma grave doença, da qual rapidamente morreram 70 homens, e entre elles o proprio João de Empoli; a doença era uma *pessima malitia di frusso*, por onde parece que seria o *cholera*. Quando Martim Affonso de Mello

naufragou na costa de Arracán, se refugiou em uns ilhéos onde a agua era má, e a sua gente foi obrigada a comer umas sementes de leguminosas que encontrou, apareceram na guarnição «humas desinterias ... que he hum mal que em vinte e quatro horas mata», tendo os atacados «sede grandissima, os olhos mui sumidos, grandes vomitos». Estes e outros exemplos seriam suficientes para mostrar como o *cholera* existia então no Oriente, e tomava facilmente uma fórmula epidemica grave (Cf. *Archivo storico Italiano*, 30, citado por Yule e Burnell; Couto, *Asia*, IV, IV, 10).

Mas a noticia mais interessante, é sem duvida a que nos dá Gaspar Corrêa ácerca da epidemia do anno de 1543. Com quanto as suas *Lendas* andem em todas as mãos, a noticia completa tão bem o que diz Garcia da Orta, que a transcrevemos na integra, apesar de longa. E ainda mais somos levados a fazel-o pelo facto de vir incorrectissimamente citada em livros de medicina de auctoridade. O moderno *Dict. Encycl. des Sciences médicales* de Dechambre diz o seguinte (vol. xvi, p. 749): *L'académie des Sciences de Lisbonne a publié sous le nom de Lendas da India des documents dus a Gaspar Corrêa dans lesquels le Dr. Gaskain a retrouvé ce passage du á Christoyal d'Acosta ...* E na transcripção encontra-se a seguinte phrase: *Il est fréquent d'observer dans l'Inde á Morschy une épidémie épouvantable et violente ...* É forçoso confessar, que tudo isto é o mais completo documento de leviandade, que será possível encontrar em um livro serio. As *Lendas da India* transformadas em uma collecção de documentos já não é mau; mas um d'esses documentos attribuido a Christovão da Costa, é a perfeição no erro. Não fallaremos n'aquelle *Morschy*, que significava um lugar ou região! Deixemos o Diccionario, e vejâmos o que disse Gaspar Corrêa:

«N'este inverno¹ ouve em Goa huma dôr mortal, que os da terra chama moryxy, muy geral a toda calidade de pessoa, de minino muy pequeno de mama até velho de oitenta annos, e nas alimarias e aues de criação da casa, que a toda cousa vivente era muy geral, machos e feimes; a qual dôr dava na criatura sem nenhuma causa a que se pudesse reputar, porque assy vinha aos sãos como aos doentes, aos gordos como aos magros, que em nenhuma cousa deste mundo tinha resguardo. A qual dôr dava no estamago, causada de frialdade segundo affirmauão alguns mestres; mas depois se afirmou que lhe nom achauão de que tal dôr se causasse. Era a dôr tão forte, e de tanto mal, que logo se convertia nas sustancias de forte peçonha, a saber: d'arrauesar, e beber muyta agoa, com deseqamento do estamago, e cambra que lh'encolhia

¹ Isto é no verão do anno de 1543, no periodo das chuvas e dos ventos de travessia, que lá chamavam *inverno*.

os neruos das curuas, e nas palmas dos pés, com taes dôres que de todo o enfermo ficava passado de morte, e os olhos quebrados, e as unhas das mãos e dos pés pretas e encolheitas. À qual doença os nossos fisicos nunca acharão cura; e durava o enfermo um só dia, e quando muyto huma noyte, de tal sorte que de cem doentes nom escapauão dez, e estes que escapauão erão alguns por lhe acodirem muy em breve com meizinhas de pouqua sustancia, que sabião os da terra. Foy tanta a mortindade n'este inverno que todo o dia dobravão sinos, e enterrauão mortos de doze e quinze e vinte cada dia; em tanta maneira que mandou o Governador que se nom tangessem sinos nas igrejas, por nom fazer pasmo á gente. E por esta ser huma doença tão espantosa, morrendo hum homem no espirital d'esta doença de moryxy o Governador mandou ajuntar todos mestres, e o mandou abrir, e em todo o corpo de dentro lhe nom acharão mal nenhum, sómente o bucho encolheito, e tamanino como huma muela de gallinha, e assy enverruggado como coiro metido no fogo. Ao que disserão os mestres que o mal d'esta doença dava no bucho, e o encolhia, e fazia logo mortal. E porque hauia grande apressão no enterramento dos mortos, que os crelgos da sé nom podiam tanto soprir, então o bispo dom Affonso¹ d'Albuquerque repartio freguezias pola cidade, e fez freguezias Santa Maria do Rosario, e Santa Maria da Luz; sobre que tiverão muitos debates, porque os crelgos da sé nom quizerão consentir que as freguezias levasssem os dizimos de seus freguezes» (*Lendas*, iv, 288).

Vê-se bem claramente d'esta pagina, que na capital da India portugueza se deu no anno de 1543 uma d'estas explosões epidemicas de *cholera*, que se pôde comparar em gravidade com todas as dos seculos posteriores e mesmo do nosso. Garcia da Orta devia estar então em Goa, observou a epidemia, foi talvez dos mestres que se juntaram para assistir á autopsia do cholericó; mas de nada d'isto falla no *Coloquio*. Como, na sua longa clinica, elle tratou numerosos casos de *cholera*, já sporadica, já epidemica, quiz de certo fundir os resultados da sua experiença na descripção de um caso unico, sem especificar a epocha ou circumstancias em que o observou.

O exame d'esta parte do *Coloquio*, sob o ponto de vista medico, a confrontação dos symptomas descriptos com os mencionados nos livros da actualidade, a discussão do methodo de tratamento, poderiam ser o objecto de uma memoria especial muito interessante; mas saíriam completamente do plano d'estas notas, e entrariam no dominio do *commentario*, que cuidadosamente temos evitado². De resto, a exposição de Garcia da Orta é por si só bastante clara e interessante.

¹ Um lapso de Gaspar Corrêa, o bispo chamava-se D. João.

² Veja-se *Garcia da Orta e o seu tempo*, pag. 313 a 320, onde démos algumas indicações, muito incompletas e imperfeitas.

Ha, porém, um ponto a elucidar em breves palavras—o que se refere aos nomes orientaes da doença. Gaspar Corrêa chama-lhe *moryxy*. Orta diz, que os indianos lhe davam o nome de *morxi*, e os portuguezes corruptamente o de *mordexi*; e mais adiante affirma que *morxi* significa «enfermidade causada de muito comer». Diogo do Couto dá *morxis* como a boa forma correcta, e *mordexim* como a alteração da palavra usada pelos nossos. Esta alteração não me parece provavel; de *morxi* os portuguezes deviam fazer *morxim*, por uma modificação, que foi regular e constante, do *i* terminal agudo, mas não havia rasão para introduzirem a syllaba *de* de *mordexim*. Devemos procurar esta syllaba na origem india. Yule e Burnell, em um excellente artigo do seu *Glossary*, no qual aproveitaram os trabalhos do dr. Macpherson e de Macnamara, dizem que o nome do *cholera* em guzerati parece ser *mōrchi* ou *mōrachī*, e este é evidentemente e quasi sem alteração o *moryxy* de Corrêa, e o *morxi* de Orta; dizem tambem que em marathi e concani se chama *modachī*, *modshī*, ou *modwashī*, que se deriva do verbo *modnen*, significando abater-se, deprimir-se, pelo collapso especial dos ultimos momentos do *cholera*, aquillo a que o nosso medico chamava «vertude derrubada». Os portuguezes ouviram de certo os dois nomes, e fizeram uma certa combinação de que saiu o nome constantemente usado *mordexim*.

Durante mais de dois seculos esta palavra foi empregada pelos portuguezes — e por todos os europeus que viajaram na India — para designar o *cholera*: umas vezes escripta *mordicin* pelos italianos, como Carletti; outras escriptas *mordisin* pelos franceses, como Pyrard; algumas *mordexi* pelos que usavam a lingua latina, como Boncio. Depois, os franceses lembraram-se de lhe dar uma significação, e combinando o som da palavra com os horrores da morte, chamaram á doença, *mort de chien*. Nas *Lettres édifiantes* para o anno de 1702 vem a seguinte phrase, que marca o momento de adopção do novo nome: «*cette grande indigestion qu'on appelle aux Indes mordechin, et que quelques uns de nos Français ont appellée mort-de-chien*». Apesar de ridiculo, este nome foi adoptado, não só em obras francesas, como tambem nos livros escriptos em outras linguas, e houve mesmo um inglez que traduziu á letra: «*the extraordinary diseases of this country are the Cholik, and what they call the Dog's Disease ...*»

Nem sempre, porém, se identificava correctamente a *mort-de-chien* com o *cholera*. Sonnerat, por exemplo, que descreve as duas graves epidemias de *cholera*, que reinaram em Pondichéry alguns annos antes do de 1782 em que elle escreveu, chama-lhe *flux aigu*, e diz logo adiante: «*les indigestions appellées dans l'Inde mort-de-chien son fréquentes*». Parece não ter a noção clara de que o seu *flux aigu* e a *mort-de-chien* eram a mesma cousa. Mais tarde, a identificação fez-se, e Johnson diz em 1813: «*Mort-de-chien is nothing more than the highest degree of*

Cholera Morbus». No nosso seculo os antigos nomes *mordexim e mort-de-chien* caíram em desuso, sendo geralmente substituidos pelo de *cholera*.

O *morxi*, segundo diz Orta, chamava-se em arabico *hachaiça*, nome que na versão de Rasis se encontrava incorrectamente *saida*. Diogo do Couto escreve *sachaiça*, mas n'esta e n'outras passagens suspeito que apenas segue o nosso Orta. Este termo arabico ainda é conhecido na fórmula *haiyah*, e é commumente usado em hindustani para designar o *cholera*; mas encontra-se nas antigas relações mussulmanas de sucessos da India, applicado a epidemias, que nem sempre talvez fossem de *cholera*; por onde parece que primitivamente significaria em geral uma doença grave e contagiosa.

(Cf. Couto, l. c.; Yule e Burnell, *Glossary*, palavra *Mort-de-chien*, donde principalmente extrahi as citações; e tambem Sonnerat, *Voyages*, I, 111 a 115.)

NOTA (6)

Este bispo de Malaca devia ser o primeiro d'aquelle diocese, D. fr. Jorge de Santa Luzia. O bispado de Nossa Senhora da Assumpção da cidade de Malaca foi creado pelo papa Paulo IV, juntamente com o de Santa Cruz de Cochim, e na occasião em que o bispado de Goa foi elevado a arcebispado, a pedido dos tutores de D. Sebastião. Os dois novos bispos, fr. Jorge de Santa Luzia de Malaca, e fr. Jorge Themudo de Cochim foram na armada do anno de 1559, commandada por Pero Vaz de Siqueira. O bispo de Malaca ía na nau Algaravia — Figueiredo Falcão chama-lhe Assumpção — da qual era capitão Francisco de Sousa. N'esta mesma armada passou á India um dos seus mais conhecidos historiadores, Diogo do Couto.

É provável que o bispo tivesse um ataque de *cholera* logo á chegada a Goa, do qual o curou Garcia da Orta, dando-lhe *pedra bezar e triaga*. É lícito attribuir maior accão ao *opio da theriaca* do que á pedra *bezoar*; mas, fosse como fosse, o bispo escapou (Cf. Couto, *Asia*, VII, VIII, 2).

COLOQUIO DECIMO OCTAVO

DA CRISOCOLA E CROCO INDIACO, QUE HE AÇAFRÃO
DA INDIA, E DAS CURCAS

INTERLOCUTORES

RUANO, ORTA, SERVA

RUANO

Encomendaramme e ensinaramme em Portugal que le-
vase de qua *tincal*; e porque se chama *crisocola*, será bem
que façamos delle aqui mençam, e que o leve de qua.

ORTA

Si; mas he das drogas defesas, e por pouquo perdereis
o muyto.

RUANO

Não o quero levar, senam quero saber onde o ha e o nome
delle.

ORTA

Chamase *borax* e *crisocola*, e *tincar* em arabio, e os Gu-
zarates asi o chamam: não se usa na fisica india senão
muyto pouco, e pera sarna e cirurgia: nem nós á usamos
muyto, senão entra no unguento *cetrino*, e nos outros afei-
tes das molheres; e pera os dentes e sarna. E he mercado-
ria que se gasta em todas as partes, pera o ouro e os ou-
tros metaes serem bem feitos e conglutinados; e esta, que
vay de qua, he minorio em huma serra que está apartada
da cidade de Cambayete cem leguas nossas; e trazem a ven-
der ahi e a Amadabar*, e vem das bandas de Chitor e Man-
dou, em muyta cantidade delle; porque em todas as terras
se gasta muyto (1).

* «Madabar» na ed. de Goa; mas por erro evidente. Veja-se o *Colo-
quio anterior*.

RUANO

Pois nisto nam ha mais que falar, falemos no que cha-
mais *açafram da terra*.

ORTA

Essa mézinha he pera falar nella, porque a usam India-
nos medicos; e he mézinha e mercadoria que se leva muyta
pera Arabia e Persia; e nesta cidade ha pouco della, e no
Malavar muyto, scilicet, em Cananor e Calecut. Chamão os
Canarins a esta raiz *aled*; e os Malavares tambem lhe cha-
mão asi, mais propriamente *manjale*; e os Malayos *cunhet*;
os Persios *darzard*, que quer dizer *páo amarello*; e os Ara-
bios *habet*: os quaes todos, e cada um per si, dizem que
não o ha na Persia, nem na Arabia, nem na Turquia este
açafrão, senão o que vay da India.

RUANO

Parece rezam, pois esta he mézinha e tem nome arabio,
que esteja por algum Arabio autor escrita?

ORTA

Rezão tendes, mas não ouso afirmar as cousas sem pri-
meiro as ver bem; e porém eu tenho pera mim por certo que
Avicena escreve deste *açafram da terra* no capitulo 200*,
chamadolhe *calidunium* ou *caletfium*; e fala nisto Avicena
como homem que o nam sabe bem; e alega as sentenças
doutros, como de cousa que não avia em sua regiam; e não
he muito inconveniente o nome arabio agora ser corrompido;
porque parece que os Arabios lhe chamavam como os Indios,
aled, e lhe corromperão o nome chamadolhe *caletfium*; e
mais me faz cuidar isto ser verdade ver, o capitulo de *feçe*
*de curcuma*** ou *curcumani*, que tambem se conforma com
elle; e por tanto vede ambos, e achareis ser verdade o

* Avicena, lib. 2, cap. 200 (nota do auctor); veja-se a nota (2).

** «De feçe», isto é *de fæx*, ou *das fezes de curcuma*; veja-se a
nota (2).

que digo; porque Avicena, quando duvidava de huma cousa, fazia della dous capitulos.

RUANO

Não me parece rezam isso; porque diz que he *meimiram*, que sabemos ser *cilidonia*.

ORTA

Não tenho isto por muyto certo; porque nestes dous capitulos faz esta mézinha amarella, e diz aproveitar muyto aos olhos; e porque estas couosas convém á *cilidonia*, dixerão ser esta mézinha *cilidonia*; mas muyto maior rezão será qualquier destes simples conteudos nestes capitulos ser *açafram da terra*.

RUANO

Pera que o usam nestas terras?

ORTA

Pera tingir e adubar os comeres; asi aqui como na Arabia e na Persia; inda que lá aja o nosso *açafram*, usam deste por mais barato; e qua usam do *açafram* tambem em fisica, mais que pera tudo, pera os olhos e pera a sarna, misturado com çumo de laranja e azeite de coquo. E pois nestes capitulos o louva Avicena pera estes efeitos, este deve ser, que asi he usado; e Avicena falou com duvida nisto, porque por ser cousa fóra de sua terra o não sabia bem; e por isso vos fique ser mézinha boa pera levar pera Portugal (2).

SERVA

As *curcas* que de Cochim vieram, quer vossa mercê que lhas façam em *caril* com galinha, ou que as lance no carneiro?

ORTA

Em ambas as couosas as podes lançar; e entanto traze hum pouco de *açafram da terra*, verde.

RUANO

E que cousa he *curcas* do Malavar?

ORTA

São huns grãos brancos, mayores que avellans, com casca e não tam redondas; sam brancas, e sabem como tubaras da terra cosidas; e ha as no Malavar, onde lhe chamão *chiquilengas*, que quer dizer *ynhames pequenos*: tambem me convidou com ellas em Çurrate, cidade de Cambaya, Coje Çofar, natural de Apulha, feito mouro; e dixeme que as avia no Cairo muitas, e que tambem lá se chamavão *curcas*; e em Cambaia, donde isso era, me dixe que se chamavão *carpatas*; semeáose no Malavar, onde as eu vi primeiro, e naçem em ramos. E pois não he cousa de fisica, pasemos avante, sem mais falar nella; e se vos souberem bem, levalaseis perá o caminho quando fordes (3).

SERVA

Vedes aqui o *açafram verde* e o *seco*; scilicet, a raiz.

RUANO

Primeiro quero que me digaes se escreveu algum escritor deste simple, ao menos Arabio.

ORTA

Não me affirmo muito aver capítulo desta mézinha; senam falando por huma congeitura, acho que escreveo della o Serapio, e chamalhe *abelculcut*; e está corrompida a letra, e ha de dizer *hab alculcul*, que quer dizer *curcas*, ou per ventura nós lhe corrompemos o nome em lhe chamarmos *curcas*. Isto digo porque *hab* quer dizer em arabio *semente grande*, e *al* he articulo de genetivo; e tambem me movia dizer isto, porque o Serapio diz que o muyto uso dellas faz *colerica passio*, e que acresenta a semente; e todas estas cousas dizem os mesmos Malavares, por onde me parece que tudo he hum. Tambem Rasis* falla destas *curcas*, e chamalhe *quilquil*, por ventura corrompidamente. E oulhay a raiz do *açafram verde* e sequa.

* Rasis, 3, ad Almansorem (nota do auctor).

RUANO

Por dentro he bem amarella; e por fóra parece como *gen-givre*; e a folha he como da cana do milho; he maior, e o ramo he feito de folhas*; e a raiz nam queima, nem amarga muyto quando he verde; e se queima, com a muyta humidade não se sente.

ORTA

Provay a seca: esta raiz queima, mas não tanto como o *gengivre*; por onde me parece que não será mal tomada por dentro, e asi não ponho duvida em ser *curcuma*.

RUANO

A merce que de vós quero he que cuideis bem nisto, e saibais dos fisicos cada dia o que sabem della, e torneis a ver os capitulos: e eu tambem os verei oje, pera amanhã tornarmos a falar niso. E isto he bom, porque o que oje nam sabemos, amanhã saberemos.

ORTA

Quanto mais ólho os capitulos, tanto mais me parece ser verdade o que digo; porque alguns dizem que *curcumani* e *meimiram* he *ruiva de tingir*; e ambas as raizes se parecem huma com outra.

* Esta expressão, um tanto singular na fóрма, pôde todavia applicar-se ás folhas envaginadas de uma *Scitaminea*, ou de uma *Musacea*; e prova que Orta examinou com attenção aquelles falsos caules, formados de peciolos sobrepostos.

NOTA (1)

O «borax», ou «crisocolla», ou «tincal» de Orta, era uma substancia bem conhecida, um *borato de soda* natural, que teve importancia no commercio; mas hoje é geralmente substituido pelo que se prepara com o *acido borico*, extrahido das *lagoni* da Toscana.

O nome de *chrysocolla* vinha-lhe do seu emprego como fundente nos trabalhos de ourivesaria; e o de *tincal*, aliás muito conhecido, é

uma ligeira alteração do persiano — Orta diz arabico — تکار, *tinkar*, que deve vir do sanskrito *tankana*.

Em muitos livros antigos e relativamente modernos, como nos tratados de *Mineralogia* de Dufrénoy, de Delafosse e outros, se lê a afirmação vaga de que esta substancia vinha da India; mas não encontrei confirmação segura de tal noticia, e muito menos de que fosse «mineiro em huma serra ... apartada de Cambayete cem leguas nossas». Parece que se extrahia principalmente de alguns lagos do Thibet, e d'ali, pelos desfiladeiros do Himalaya, a traziam aos portos occidentaes da India. Vinha, portanto, *pela* India, e não *da* India. Orta, supondo-a procedente das montanhas de Mandú e de Chitor, teve o mesmo engano, que já no *Coloquio* anterior tivera a proposito do *costo*.

É conhecido o uso industrial d'esta substancia no trabalho dos metais; e o seu emprego na medicina india foi tambem mencionado por Ainslie, se não propriamente na «sarna», pelo menos em affecções aphtosas e cutaneas (Cf. Ainslie, *Mat. ind.*, I, 45).

Pelo que diz Orta se vê, que era «droga defesa», isto é, cujo commerçio estava vedado aos particulares. Já, nas notas ao *Coloquio* anterior, vimos como o *costo* e o *incenso* eram *drogas defesas* no trato com a China, e a proposito da *pimenta* teremos occasião de fallar mais largamente d'estas proibições.

NOTA (2)

O «croco indiaco» de Orta é o rhizoma da *Curcuma longa*, Linn., uma planta da familia das *Scitamineæ*, cultivada com frequencia na India e outras terras da Asia. Esta droga é chamada pelos ingleses *turmeric*, o que parece ser a corrupção de um nome da antiga pharmacia, *terra merita*; mas é mais geralmente designada pelo nome de *curcuma*, do persiano *kukum*.

Vejamos agora os nomes vulgares do nosso escriptor:

— «Alad» entre canarins e malabares. Este é o conhecido nome hindí e bengali, *halad* (Dymock, *Mat. med.*, 764).

— «Manjale» entre malabares. O nome tamil *manjal* (Dymock, l. c.).

— «Cunhet» entre malayos. Varias fórmas d'este nome se usam nas diversas partes do archipelago, por exemplo, *cunjet*, entre as gentes de Macassar (Rumphius, *Herb. amb.*, v, 165).

— «Habet» entre arabes. É um nome que não encontrei, quer esteja muito alterado, quer escapasse ás minhas investigações.

— «Darzard» entre os persas, significando «pau amarelo». A explicação é exacta; *dar* significa pau ou madeira, e *zard* amarelo. No nome hoje mais usado da droga, *zard-chubah*, entra o mesmo adjetivo (Dymock, l. c.).

—Alem de citar estes nomes orientaes, Orta designa a droga pelo de *croco indiaco* e *açafrão da terra*¹. Apesar de o rhizoma da *Curcuma* ser uma cousa absolutamente diversa dos stigmas do *Crocus*, que propriamente constituem o *açafrão*, houve sempre uma certa tendência a approximar as duas substancias, pelo facto de servirem para temperar a comida e de a tingirem fortemente de amarelo. É assim, que um dos nomes do *açafrão*, *kurkum*, veiu a designar mais especialmente a *curcuma*. Ibn Baithar explica claramente esta deslocação de nome. Fallando do rhizoma da *curcuma*, diz assim: ... «os habitantes de Basra chamam a esta raiz *al-kurkum*, e *al-kurkum* é o *açafrão*; e chamam-lhe *açafrão*, porque tinge de amarelo como faz o *açafrão* (Ibn Baithar, versão de Sontheimer, citado por Yule e Burnell, *Glossary*, palavra *saffron*).

O commentario do nosso Orta aos capitulos de Avicenna é muito confuso, porque a questão é muitissimo obscura. O capitulo, que elle chama: «de feç de curcuma ou curcumani», é o cap. 165, e começa por estas palavras: *Crocoma quid est? Dicitur quoil est fax olei de croco ...* O resto do capitulo, aliás curtissimo, nenhum esclarecimento dá. E por aquellas palavras, o medico arabe parece referir-se aos resíduos de algum preparado do *Crocus*, e não á *Curcuma*.

O outro capitulo citado (199 e não 200, como Orta diz) intitula-se: *De Caucho i. Chelidonio maiori*. Em notas marginaes vem os nomes mencionados por Orta, *Chalidunium* e *Chaledfium*. O texto de Avicenna diz assim na versão: *Chaucum quid est? Dixerunt quidam, quod est Vene. Et ipsa quidem dicitur Memiran. Et dixerunt alii, quæ de ea est parva est Memiran, et quæ est magna, est Alvardachale, vel Alvardachule, vel Alxardahune.* Como se vê, a trapalhada não pôde ser mais completa, e difícil será encontrar a explicação d'este enigma. Na exposição do Bellunense temos a seguinte informação: *venæ citrinæ apud Arabes sunt curcuma, apud alios vero sunt radices memiran*. Da primeira parte pôde deduzir-se, que Avicenna quiz fallar da *curcuma*, como supoz Orta; mas na segunda apparece-nos de novo o *memiran*. D'este, diz o mesmo Bellunense: *Memiran est radix nodosa, non multum grossa, citrini coloris sicut curcuma ... et aportatur ex India ... et usitatur in passionibus oculi*. Como se as cousas não estivessem ainda bastante enredadas, vieram os commentadores, e disseram que o *memiran* dos arabes era o κελιδόνιον μέγα dos gregos, e que este era a vulgar *celidonia maior* (*Celidonium majus*, Linn.). Orta conhecia esta identificação, e — com toda a razão — a pôe em duvida, e se mostra pouco disposto a aceitá-la. Mas, apesar de conhecer muitas drogas da India, não conhecia todas, e não conseguiu desfiar completamente a meada.

¹ Isto é, *d'aquella terra*. Esta expressão portugueza *da terra*, geralmente mal interpretada pelos traductores, e que significa o que é proprio da região, em oposição ao que vem de fóra, é equivalente ao qualificativo arabico *beladi*.

O que parece provavel, é que Avicenna e outros arabes conhecessen muito imperfeitamente varias drogas, consistindo em raizes ou rhizomas mais ou menos grossos, mais ou menos amarellos na fractura, trazidos em geral da India, e alguns considerados efficazes no tratamento das doenças de olhos. É claro, porém, que não distinguiam bem essas drogas entre si; e é hoje extremamente difficult procurar o que fosse o *alvardachale* ou o *alvardachule*. O que se pôde apurar como provavel, é que, sob o nome de *Venæ*, de *Memiran* e outros, elles se deviam principalmente referir a tres drogas:

os rhizomas da *Curcuma longa*, Linn., de que antes fallâmos;
os do *Coptis Teeta*, Wallich, uma planta da familia das *Ranunculaceæ*, espontanea nas montanhas de Michmi, a leste do Assam, e que ainda hoje se encontram nos bazares da India, são considerados um medicamento importante nas doenças dos olhos, e são designados pelo nome de *mahmira*;

os do *Thalictrum foliosum*, D. C., da mesma familia, que procedem das vertentes do Himalaya, têem nos bazares do Panjáb o nome de *momiri*, e são muitas vezes confundidos com os da planta precedente.

A primeira droga, a *Curcuma*, era bem conhecida de Orta; mas as outras duas vinham de mais longe, deviam ser raras nos bazares, sobretudo nos bazares da costa, e não admira que escapassem ás suas investigações. Por isso elle se achava um pouco desarmado em frente da intrincada e barbara nomenclatura de Avicenna. É certo, no entanto, que se não sabia bem o que fosse o *memiran*, não estava nada disposto a admittir que fosse a *celidonia*, e n'isso tinha toda a razão (Cf. Avicenna, lib. I, tract. II, cap. 165, 199 e 486; Andreæ Bellun. *Arabic. nom. interpretatio*, palavras *venæ* e *memiran*; Yule e Burnell, *Glossary*, palavra *mamiran*; *Pharmacographia*, 3; *Pharmacopœia of India*, 4 e 5).

O uso da *curcuma* para «tingir e adubar os comeres» é vulgarissimo em todo o Oriente, sendo um dos ingredientes essenciaes do *caril*. É considerada tambem cordial e estomachica; applicada ao tratamento das doenças cutaneas, e, segundo o nosso padre Loureiro, ao de variadissimas enfermidades (Cf. Drury, *Useful plants*, 169; Ainslie, *Mat. ind.*, I, 454; Loureiro, *Flora Cochinchinensis*, I, 9).

NOTA (3)

As «Curcas» do nosso escriptor não são muito facéis de identificar¹. Apesar de elle dizer que «nacem em ramos», creio que deve fallar de

¹ No meu trabalho sobre Garcia da Orta (p. 216) identifiquei-as sem bastante reflexão com a *Curcuma angustifolia*, o que é evidentemente um erro.

órgãos subterrâneos; e por isso faz a referencia aos «ynhames», e ao gosto de «tubaras da terra». Parece pois que seriam uma especie de *Colocasia*, e provavelmente a *Colocasia indica* (*Arum indicum* de Loureiro e de Roxburgh). Esta especie tem uma raiz fibrosa, e numerosos tuberculos pendentes, por onde elle poderia dizer «nacem em ramos». Alem d'isso os tuberculos são comediveis, e entram ás vezes na constituição do caril, como Orta diz das *curcas* (Cf. Roxburgh, *Fl. indica*, III, 498).

Parte dos nomes vulgares, que Orta cita, pertaincem no entanto á especie mais conhecida, *Colocasia antiquorum*, Schott.

—O primeiro é o de *curcas*, o qual, segundo Orta diz, era tambem usado no Cairo, onde a planta era bem conhecida. Prospero Alpino, que, no seculo de Orta (1580-1584), viu a *Colocasia antiquorum* cultivada no Egypto, diz que lhe chamavam *culcas*; e o botanico francez, Delile, dá o mesmo nome nas fórmulas *qolkas* e *koulkas* (pronunciar *kulkas*). O sr. Dymock menciona um nome árabe moderno, *kalkás*. De *culcas* para *curcas* vae uma leve e facil alteração (Cf. De Candolle, *Orig. des plantes cultivées*, 59; Dymock, *Mat. med.*, 818).

—«Chiviquilengas» lhe chamavam no Malabar. Esta designação, apesar de muito alterada, é claramente o nome tamil da *Colocasia antiquorum*, que Dymock dá na forma *shema kalengu*, e Drury na forma *shema kilangu* (Cf. Dymock, I. c., 817; Drury, *Useful plants*, 154).

—Não encontrei o nome de «carpata», usado em Cambaya, segundo Orta.

Em resumo, a curtissima descrição do nosso auctor indicaria de preferencia a *Colocasia indica*, enquanto os nomes vulgares se podem melhor referir á *Colocasia antiquorum*. É, porém, admissivel que os seus informadores applicassem á primeira especie alguns nomes da segunda, que era muito mais conhecida.

É interessante virmos encontrar Coge Çofar, o grande inimigo dos portuguezes, o instigador e a alma dos cercos de Diu, mandando presentes de *curcas* a Garcia da Orta, e ensinando-lhe como se chamavam no Cairo. Orta dá-o como natural «da Pulha», e n'isto se conforma com outros escriptores nossos; Couto, que o diz natural de Otranto; e Barros, que, especificando mais, affirma que elle nascera em Brinde ou Brindisi, e era filho de um albanez e de uma italiana.

Este mestiço, homem de «ardiz e invenções», é um perfeito exemplar do aventureiro levantino d'aquelles tempos. Captivo em rapaz pelos turcos, cujas galés corriam e infestavam então as costas da Apulia, fez-se mahometano, e andou depois mettido nas armadas dos mamelukos, dos turcos e dos rumes, como homem de guerra ou homem de finança—umas vezes «capitão de uma galé», segundo refere Couto; outras «tisoureiro» da armada, segundo assegura Gaspar Corrêa. Vemol-o embarcado já na armada, que pelo anno de 1516 o chamado Soldão de Baby-

lonia, — o ultimo soberano mameluko do Egypto — mandou contra os portuguezes da India. Muitos annos depois, no de 1537, quando a grande armada de rumes foi atacar Diu, Coge Çofar, já então estabelecido na India, e que preparára o ataque por terra, veiu logo a bordo combinar as operaçōes com Soliman Pachá, como conta uma testemunha ocular: «... venne un chiamato il Cosa Zaffer, il quale é da Otranto, ma renegato, et fatto turcho, et era patrono di una galea quando il Signore Turcho mandó l'altra armata...» E finalmente, no segundo cerco, Coge Çofar foi o instigador, o agente diplomatico, e quasi o general em chefe das forças mussulmanas, que se congregaram contra os portuguezes. Dirigi todas as operaçōes do cerco, até que, no dia 24 de junho de 1546, dia de S. João Baptista e de Corpus Christi, «que se acertou este anno todo em hum dia», estando a observar a fortaleza, com a cabeça de fóra de um muro, «passou per hy hum pilouro perdido, que lh'a levou com a mão direita, sobre que a tinha acostada». E assim morreu no seu posto um dos homens, que mais habilmente e com mais persistencia combateram a influencia dos nossos nas terras do Oriente.

(Cf. Barros, *Asia*, III, I, 3; Couto, *Asia*, IV, III, 6; Gaspar Corrēa, *Lendas*, III, 380, IV, 479; *Viaggio di Alessandria nelle Indie*, pag. 149, que faz parte de uma collecção: *Viaggi fatti da Venetia alla Tana*, etc. impressa em Veneza, 1545. Esta curiosa relação de um prisioneiro italiano, que ia nas galés turcas, vem tambem na collecção de Ramusio, com o titulo: *Viaggio scritto per um comito venetiano.*)

Nos intervallos, porém, d'estes rompimentos de guerra, o intelligente e dissimulado italiano dava-se por muito amigo dos portuguezes; e prestou mesmo importantes serviços a Nuno da Cunha, quando foi da morte de Bahádur Schah, ajudando-o a pacificar a cidade de Diu. Talvez de haver sido «tisoureiro», e sobretudo pelo valimento do rei do Guzerate, havia-se tornado extremamente rico; e habitava umas vezes Diu e outras Surrate, onde levava a vida de um grande senhor oriental. Ali o conheceu o nosso Orta, e ali recebeu d'elle o presente das *curcas*.

Orta chama-lhe Coge Çofar, e Coge Çofar ou Coge Sofar lhe chama tambem Barros, e a maior parte dos escriptores portuguezes. Gaspar Corrēa escreve Coje Çafar, ao que parece com melhor orthographia. O veneziano, que citámos, escreve o nome Cosa Zaffer, e julgo que mais correctamente seria Khuádja Tzaffar, طفر خواجه.

COLOQUIO DECIMO NONO

DAS CUBEVAS

INTERLOCUTORES

RUANO, ORTA

RUANO

Das *cubebas* falemos; postoque, como diz Sepulveda, poucas vezes usamos dellas per si, senam em composições.

ORTA

Nam he asi nesta India; antes sam muyto usadas dos Mouros deitadas em vinho pera ajudar a Venus em suas vodas; e na terra donde as ha, que he a Jaoa, as acustumão muito pera a frialdade do estomago; podeis crer que as tem por muy grão mézinha.

RUANO

Muyto me maravilho diso, porque as cousas de que mais temos abundancia estimamos em mais pouco.

ORTA

Não he esa regra em todo certa, porque no Malavar ha muyta cantidad de pimenta, que farta a todo mundo; e gasta tanta o Malavar só, como toda Europa.

RUANO

Dizey como se chama.

ORTA

Os Arabios *cubebe* e *quabeb*, e isto em escritores; e asi de todos *quabebechini*;^{*} e em Jaoa, donde as trazem, se

* Póde talvez ler-se «de todos qua *bebechini*»; mas tendo Orta dado primeiro a fórmula *quabeb*, parece-me mais provavel a leitura que adoptámos; veja-se a nota (1).

chamão *cumucos*, ou em singular *cumuc*; e toda a outra indiana gente, excepto a que fala malayo, lhe chama *cubabchini*.

RUANO

Não tam somente as ha em Malaqua senão na China; pois tem o apelido *da China*.

ORTA

Não as ha na China, senão leváonas da Çunda e da Jaoa pera lá. Como já vos dixe, os Chins navegavão este mar indico, e trazião as mercadorias que no caminho achavão, e por onde hião; e os de Goa e Calecut, e os Guzarates e Arabios ouvirão que lhe chamavão *cumuc*, e corruptamente lhe chamaram *cubabchini*, porque a trazião os Chins. E esta he a verdade, e a origem deste nome.

RUANO

Dizei a feiçam do arvore, pois já dixestes o naçimento; e asi direis se as ha mais que de huma maneira só; porque ao diante provarei averem muitas especias.

ORTA

O arvore he como maçeira no tamanho, e as folhas sobem açima trepando, como nos arvores da pimenta; ou, porque melhor me entendaes, trepam pelo arvore como a éra: e nam he este arvore como murta, nem tem a folha dessa feiçam, senam he como a folha da pimenta; e sam mais estreitas as folhas do arvore das *cubebas*: nacem como cachos, nam pegados os grãos em hum cacho, como uvas; mas dependem de hum pé cada hum; e sam na propria sua regiam tam estimadas estas *cubebas*, que as cozem lá primeiro que dahi as leixem levar: e isto porque, semeandose nas outras terras, nam naçam nellas; e póde ser que por isto se apodreçam na Europa e qua na India. E isto soube eu de Portuguezes, dignos de fé, que me dixerão, e aviam residido muito tempo nas ilhas de Jaoa.

RUANO

Pode ser que seja outro genero de pimenta?

ORTA

Nam o he; porque, em a Çunda, a principal mercadoria que de lá vem he a *pimenta*; e nam defére da do Malavar casi nada; e este arvore é deferente, e o fruto; e na mesma Çunda, posto que a levam á China, he em muyto pouca cantidade, scilicet, pera mézinha; e não pera comer, como a pimenta de que se carregam vinte náos ao menos pera a China: por onde não ha duvida em não ser pimenta. E dam estes arvores flores, que cheirão bem.

RUANO

Traz Mateus Silvatico por autoridade de Serapião*, que o que chamam os Mauritanos *cubebas* he ácerca de Dioscorides *mirtus silvestris*, e que a descrição de Galeno ácerca das *cubebas* he do Dioscorides de *mrito agreste*. E porque nam fala nenhum delles nas *cubebas* nam se ha de presumir que o deixasem de escrever, senão Galeno trata das *cubebas* no *carpessio*, e Dioscorides no capitulo de *mrito agreste*.

ORTA

Não vos pareça que Galeno e Dioscorides escreverão tudo; que muitas cousas deixarão de escrever, que não vieram á sua noticia; e Serapio, e os outros Arabios, falarão de ouvida nas mézinhas da India, e como vião que aproveitava pera alguma cousa alguma mézinha escrita pellos Gregos, logo diziam esta he mézinha de que usam os Indios, e que os Gregos chamão por tal nome. E ajudaos a ser enganados não saber a lingoa grega muyto bem; e por esta rezam errou o Serapio no que disse, e a este emitou o Pandetario. E a causa que dam he muyto fraca, scilicet, porque de outra maneira ficavam faltos Galeno e Diosco-

* Mateus Silvaticus, cap. 288 (nota do auctor).

rides; como que os mesmos nam leixaram muytas couzas de escrever, como diz Avenrrois no 5 do Coliget. Mas que nam seja *mirtio agreste*, *cubebas*, he claro; porque o *mirtus silvestris* he o que chamão *ruscus*; e os que não falam tam bem latim lhe chamão *bruscus*; que he huma frutiçe conhecida, cuja raiz entra no xarope de raizes: e deste parecer he tambem Ruelio, diligente escritor novo; e mais este *mirtus agrestis* não cheira cousa alguma e as *cubebas* cheiram muito bem, sam aromaticas; e as *cubebas* não tem dentro grãos, e o *mirtio agreste* os tem e he mais doç, e as *cubebas* tem sabor agudo. E que *carpessio* não seja *cubebas*, tambem o provarei. E disto nam se segue mas inconveniente que Galeno leixar de escrever das *cubebas*: e não he inconveniente, porque as *cubebas* se criam em ilhas muito distantes donde elle habitava.

RUANO

Day as razões disso; porque Ruelio tam douto, e os Frades italianos que fizeram hum livro de botica, tam curiosos, tam bons boticairos, não tem *carpessio* ser outra cousa senão as *cubebas* de Serapio e de Avicena; porque nas composições, onde Galeno põe *carpessio*, põem Serapio e Aviçena *cubebas*, logo de sua entençam he que tudo he hum?

ORTA

Não vos disse eu já que Serapio errára nisto, e que não he muito, pois era homem; e quis irse por a rezão arriba dita, scilicet, que Galeno e Dioscorides aviam de escrever tudo, e não leixar por escrever cousa alguma; pois agora vos digo que nam me maravilha muito de Aviçena errar tambem. E posto que Aviçena e Serapio conheceram esta mézinha, não entenderam bem a Galeno nem Dioscorides. Diz Ruelio que he melhor *carpessio* o do Ponto, e que em Siria ha muito: e pera isto alega Autuario. Dizei-me, pello amor que ha entre nós, quem deu em Ponto, ou Esclavonia, e na Siria *cubebas*? pois desta India as levam pera lá, por ser mercadoria em que muito ganhão. Gastão boa cantidade

della os Turcos e Arabios, e pera Portugal vay muyta pouca cousa dellas; e a causa he, porque os Mahometistas fazem com as *cubebas* a festa á rainha Venus; e bem pôde ser que o *carpessio* tenha as mesmas forças que tem as *cubebas*.

RUANO

Pois que, será *carpessio* o *mirto silvestre* de Dioscorides?

ORTA

Nem he hum nem outro; porque Galeno diz, em o livro *Antidotorum*, que sam humas festucas*, e pois sabeis que *cubebas* e *mirto agreste* sam frutos tam notos, como ha de ser tudo hum; porque vos afirmo que não vem da Jaoa senão este fruto, sem festucas; nem sam muitas especias, senam huma só; nem he arvore sativa, senam silvestre; e não averia eu por inconveniente que, se a plantasem, nascesse em as terras das mesmas calidades.

RUANO

Dizem os Frades que virão *cubebas* de muitas maneiras; e que estas sam humas sem sabor e outras amaras; e que elles tem outras na sua botica muito melhores.

ORTA

Digo que sem sabor e amaras seram já as corrompidas; e as outras seram de mais pouco tempo colhidas e melhor conservadas. E se muito aporfiardes dizendo que ha outra especia, vos digo que pôde ser, mas eu não o vi até este dia de oje de outra especia, nem vi quem a visse (1).

RUANO

Pois não falta quem diga, que *cubebas* sam semente de vitice.

* A palavra, que segundo creio nunca teve os fóros de portugueza, é tomada na sua accepção latina corrente.

ORTA

Outra nova duvida he essa; diram isso porque huma especia da semente de vitiçe tem sabor de pimenta, estas *cubebas* tem casi o mesmo sabor; mas isto he falso, porque a *vitex* he *agnus castus*, e asi se interpreta; as *cubebas* sam amigas de Venus, e o *agnus castus* inabilita a Venus; e asi as suas forças e estímulos enfraqueçê. E o que diz Antonio Musa que careçemos das *cubebas*, e Serapiam, melhor será dizer que elles se enganáram em lhe dar o signal de *carpessio*, e do *mírto agreste*. E tambem tem o Pandetario que Galeno chama as *cubebas*, *cauli*; e he falso, porque isto he huma especia de *dauco*, scilicet, *dauco silvestre* (2).

NOTA (1)

As *cubebas* são o fructo do *Piper Cubeba*, Linn. f. (*Cubeba officinalis*, Miq.), um arbusto scandente e lenhoso, cujo porte é acertadamente notado pelo nosso escriptor: «trepam pelo arvore como era». Do mesmo modo notou o pequenino pé do fructo, que á primeira vista o distingue da *pimenta*: «dependem de um pé cada hum».

O *Piper Cubeba* é espontaneo em Java, Sumatra e sul de Bornéo, sendo hoje cultivado na ilha de Java, e nas terras de Lampong, na parte meridional da de Sumatra. Orta menciona unicamente Java, pois a Sunda ou Çunda —de que falla— era a parte occidental d'aquelle ilha, tida pelos nossos primeiros navegadores na conta de uma ilha separada.

Os nomes vulgares que cita são bem conhecidos:

— «*Cubebe*», «*quabeb*», «*quabebechiní*», «*cubabchíni*», são as suas fórmas do conhecido nome arabico كباب، *kababah*, e do nome hindustani كباب چيني، *kabab chini*, cuja primeira parte é a simplificação do arabico. Que a segunda parte do nome, *chini*, procedesse de haver sido introduzida esta droga no commercio do Oriente pelos chins, é o que se afigura muito plausivel; mas que a primeira parte, *kabab*, ou *kababah* fosse uma corrupção do nome javanez parece-nos pouco provavel (Cf. Ainslie, *Mat. ind.*, I, 97; Dymock, *Mat. med.*, 724).

— «*Cumucos*» ou «*cumuc*» é efectivamente o nome javanez, que encontrâmos modernamente escripto *cumac* e *kumukus* (Cf. Dymock, I. c.; Crawfurd, *Dict.*, 117).

Não ha rasão alguma para suppor que os antigos escriptores gregos ou latinos conhecessem esta droga¹; mas parece ter sido introduzida no commercio pelos arabes, e foi repetidas vezes mencionada pelos seus escriptores—por Maçudi em uma enumeração, já citada, das especiarias que vinham das longinhas ilhas do Oriente; e por Edrisi, já citado tambem, entre as mercadorias trazidas a Aden.

A confusão entre as *cubebas* e o *καρπετόν* dos gregos, que irritava o nosso escriptor a ponto de elle exclamar: Dizei-me pelo amor que ha entre nós, quem deu na Esclavonia ou na Syria cubebas?! essa confusão parece ter sido feita pelos escriptores arabicos. D'estes passou para os commentadores da Idade media e Renascimento, e para a lingüagem ordinaria das boticas ou *apothecas*, em que as *cubebas* se chamaram muitas vezes *fructus carpesiorum*, ou como em uma lista de drogas, publicada em Ulm no anno de 1596, *fructus carpesiorum vel cubebarum*.

A outra confusão, entre as *cubebas* e o *myrtus agrestis* de Dioscorides—o qual era effectivamente uma especie de *Ruscus*—tambem é da responsabilidade de Serapio; e, segundo diz Sprengel, foi primeiro combatida por Nicolao Leoniceno. Um e outro erro rectifica o nosso escriptor, assim como rectifica os erros relativos ao *Vitex*, e a uma *Umbellifera* (Cf. *Pharmac.*, 527; Sprengel, *Diosc.*, II, 634).

Segundo Orta, empregavam as *cubebas* no Oriente para «ajudar a Venus», e para «a frialdade do estomago»; e Ainslie diz-nos, que modernamente as consideram estomachicas, carminativas e estimulantes, o que confirma aquellas indicações. Na Europa, durante a Idade media, não foram simplesmente julgadas medicinaes, mas eram usadas regularmente como condimento, e pagas por um alto preço, o que de resto sucedia então com todas as especiarias. Depois a importação diminuiu consideravelmente, e quasi se extinguiu; até que no nosso seculo voltou a adquirir importancia, pela sua applicação no tratamento da gonorrhœa (Cf. *Pharmac.*, I. c; Ainslie, *Mat. ind.*, I, 98).

NOTA (2)

Orta menciona n'este *Coloquio* pela primeira vez os «frades ytalianos», mas refere-se a elles de novo nos seguintes com certa frequencia, e parece que teria na India o seu livro. Eram estes frades, os minoritas fra Bartholomeo e fra Angelo Palla. Effectivamente *Bartholomæus Urbevetanus* e *Angelus Palla Juvenatiensis* publicaram no anno de 1543

¹ A identificação, que se pretendeu fazer do *κόμυκον* de Theophrasto com as *cubebas* ou *kumukus* malayo, assenta unicamente sobre uma similaridade de nome, e não tem fundamento real.

em Veneza uns commentarios a Mesué Junior; e n'esse livro — que não vi — se encontram as passagens citadas, na parte I, distinct. I, cap. 36, como se deprehende do que diz Clusius na traducção ou resumo latino dos *Coloquios* de Orta (*Exotic.*, 184).

Sprengel, que faz menção d'este livro, não o tem em grande conta; e o nosso Orta, apesar de chamar aos seus auctores «curiosos» e «bons boticairos», quasi nunca o cita, que não seja para lhe notar algum erro. Parece que estes pobres frades tiveram uma contendâa scientifica com o erudito Matthioli, o qual lhes respondeu dura mas sabiamente, como era seu costume: *acriter sed docte, ut solitus erat* (Cf. Sprengel, *Hist. rei herbariæ*, I, 332, Amstelodami, 1807).

COLOQUIO VIGESIMO

DA DATURA E DOS DORIÕES

INTERLOCUTORES

SERVA, ORTA, PAULA DE ANDRADE, RUANO

SERVA

Á minha senhora deu *datura* a beber huma negra da casa; e tomoule as chaves, e as joyas que tinha ao pescoco, as que tinha na caixa, e fogio com outro negro; merce me fará em a ir socorrer.

ORTA

Como sabeis isso?

SERVA

Porque já tomáram a negra no Passo-Seco e acháramlhe metade das joyas, e ella confesa que deu outra metade a seu amigo, que vai por Agaçaim; pôde ser que seja tambem já tomado.

ORTA

Vamos vela, que he huma molher solteira mestiça (1); e folgareis de a ver, porque a quem dam esta mézinha não falam cousa a preposito; e sempre riem, e sam muito liberaes, porque quantas joyas lhe tomais, vos deixam tomar, e todo o negocio he rir e falar muito pouco, e nam a preposito: e a maneira que qua ha de roubar he deitandolhe esta mézinha no comer; porque os faz estar com este acidente vinte e quatro oras. Deos vos salve, senhora.

PAULA DE ANDRADE

Im, im, im.

ORTA

Nam aveis de responder alguma cousa, mas que he isso?

PAULA DE ANDRADE

Im, im, im.

ORTA

Esfreguemlhe as pernas muyto rijo pera baixo, e atemlhas com huns cairos e os braços; e lançemlhe hum cristel, que lhe agora escreverei, e hum vomitivo; e, desque isso tomar, pôde ser que lhe mande lançar algumas ventosas; e daqui a duas oras, se nam se achar melhor, mandalaei sangrar da vea do artelho, ainda que nisto tenho alguma duvida por ser a materia venenosa.

RUANO

Eu a esta curaria, como quem está frenetica, ou pera frenetica de sangue.

ORTA

O que qua eu uzo he fazerlhe grandes vomitos, pera evacuar o que comeo, juntamente com o que está no estomago; e de verter*, e vacuar com cristeis fortes, e ligaturas, e ventosas, e ás vezes sangria no artelho; e com isto me acho bem, e nenhum me perigou, e todos saráram antes de vinte quatro oras. E a gente desta terra não tem isto por cousa perigosa, nem se tem por ruindade fazerse, senão quando se faz com máo fim: muitos o fazem por zombar de alguma pessoa. E eu vi dous homens, o mais moço delles era de 50 annos, a quem os filhos do Nizamoxa o deram, pera zombar delles, e hum era caçador, e outro era mestre de fazer frechas e arcos, e ambos curei, e ambos foram sãos, sem despôs lhe sentir eu dano algum no cerebro ou meolo.

RUANO

Déstelo já a algum voso negro ou negra?

ORTA

Nam, porque nam me conformei com minha conçuencia a fazelo.

* Na edição de Goa está «de virtir», e o sentido é para mim muito duvidoso.

RUANO

Mandaime buscar essa erva.

ORTA

No campo vola amostrarei, como cavalgarmos; por agora sabei que he huma erva alta, e as folhas da feiçam de *branca ursina*; e as folhas nam sam tam grandes, e sam agudas no cabo, fazendo ponta a modo de lança; e ao redor da folha faz outras pontas da mesma maneira; e he a folha posta em hum tallo grosso, e tem muitos nervos semeados pelo meo; a frol, que naçe pellos ramos, he como rosmaninho na cor; e he a mais redonda, e não tam feita como cubo: desta frol usam mais, ou da semente que nella se encerra; o sabor das folhas dos tallos he casi ensipido, com muita umidade, e he hum pouco amargozo: parece que cheira como rabam, digo como folha delle e ainda nam tam forte; por onde eu creria que he fumosa esta erva, com alguma venonisidade*. Moça, leva esta receita ao boticario, que faça isto muito depressa; e vós outras tende cuydado de me yr dar conta do que passa, e vamos comer (2).

RUANO

Falando com hum homem, que foy muito tempo a Malaca, me dixe que a melhor fruta que avia no mundo era huma que chamavam *doriões*, e lembrovos que tenhamos alguma practica sobre isso.

ORTA

Eu não a provei, e dos homens que a prováram e as outras frutas nossas, ouvi que sabem bem, e outros dizem o contrario, scilicet, que nam sabem tam bem como serejas, ou melões pera o gosto; antes me dizem que no principio

* Toda a descripção da planta, ao lado de traços muito bem observados, contém palavras de difícil explicação; como a herva ser *fumosa*, ou a flor não ser feita como um *cubo*.

vos cheiram a cebolas podres, e desque os vindes a gostar, vos sabem muito bem, em tanta maneira, que dizem que hum mercador veio a Malaca, e que trazia huma não carregada de mercadorias, e que vendeo a não e ellas pera comer, em *doriões* somente. Isto contáram asi, não sei se he verdade, se mentira; mas em Malaca ha muy boas frutas, como uvas e mangas, e as não estimão tanto como *doriões*. E pera que nam gastemos o tempo muito nisto, vos direi como he o *dorião* em breves palavras; pois nam he cousa de fisica, mais que dizerem os Malaios que he bom pera a festa de Venus.

RUANO

Gabaramme esta fruta tanto que me foi neceçario falarvos nella.

ORTA

He o *dorião* hum pomo do tamanho de hum melam, e tem huma casca per fóra muyto grossa, e cercada de bicos pequeninos, a modo do que aqui em Goa chamamos *jáca*, do que ao diante vos farei mençam; he verde per fóra este pomo, e tem apartamentos de dentro, a modo de camaras; e em cada camara tem frutas separadas, na cor e no sabor como manjar branco; e porém não languido, nem que se pegue muyto ás mãos, como o mesmo manjar branco; mas o sabor he muyto gabado de todos, tirando alguns que dizem o que acima dixe; e estas frutas sam do tamanho de hum ovo de galinha pequeno (as que estão no repartimento); algumas ha que não sam brancas, mas como amarelo craro. A frol delle he branca, e tira pouco a amarela; a folha he de comprimento de meo palmo, aguda e saída, e he verde craro per fóra, e verde escuro per dentro; e tem dentro hum caroço como de pexego, e he redondo*. E hum fidalgo desta terra me dise que lhe lembrára ler em Plinio, escrito

* Evidentemente o caroço não estava dentro da folha. É forçoso confessar, que tudo isto não é um modelo de estylo descriptivo.

em toscano, *nobiles doriones*; depois lhe roguey que me buscase isto pera o ver no latim, até o presente me diz que o nam acha. Se eu disto souber alguma cousa eu o escreverei (3).

NOTA (1)

Paula de Andrade era «mestiça», provavelmente *luso-indiana*; e era uma mulher solteira, isto é, levando uma vida livre e solta, que tal foi, por aquelles tempos, a significação habitual da palavra *solteira*. As riquezas accumuladas em Goa, e a reunião ali de muitos mercadores de diversas regiões, e de muitos portuguezes ociosos, haviam criado uma classe numerosa de solteiras, algumas d'ellas elegantes, possuindo joias valiosas, e rodeadas de escravas. Gaspar Corrêa, referindo-se a um período bastante anterior, diz-nos já o seguinte: «Erão todas as mulheres solteiras muyto ricas ... e seu cabedal erão pannos branquos e de seda, e o mais era ouro em cadeas e manilhas; porque havia mulher que hia á igreja e levava tres e quatro escravas carregadas d'ouro». O seu luxo chegou a ser tal, que o honesto e rígido vice-rei, D. Pedro Mascarenhas, tentou atalhal-o, prohibindo, que «nenhuma mulher publica andasse em palanquim, se não descoberta». Vê-se, pois, que o nosso escriptor introduz nos seus dialogos uma figura typica da vida de Goa. Importa pouco saber se Paula de Andrade existiu, ou se Orta a inventou para as necessidades da sua exposição; o que convém notar, é que o caso, se não é verdadeiro, é perfeitamente verosímil.

A negra, isto é, a escrava — porque a palavra *negra* se não applicava unicamente ás africanas — foge depois do roubo para a terra firme, e é apanhada no Passo Secco. Este Passo, assim chamado porque nas marés baixas a ria tinha ali pouca agua, ficava na extremidade oriental da ilha de Goa, no fim da estrada de Santa Luzia, logo adiante da ermida de S. Braz. Havia ali uma fortaleza, confiada a um capitão e um condestabre, tendo ás suas ordens cinco naiques e quarenta piões, que sem dúvida detiveram a negra.

O *amigo* da negra, a quem ella confiára parte do roubo — ainda um traço perfeitamente natural — foge por Agaçaim. O Passo de Agaçaim ficava no sul, entre a ilha e as terras de Salcete; e não havia ali guarda, por o rio ser «muito larguo e ruim desembarcação». Havia unicamente uma barca e um «tenadar».

(Cf. *Garcia da Orta e o seu tempo*, 191; Linschoten, *Navig.*, na carta de Goa; *Tombo do Estado da India*, 73 e 74).

NOTA (2)

Esta «datura» é a *Datura alba*, Nees von Es., ou antes a fórmula de corollas roxas (da «cor do rosmaninho»), chamada *D. fastuosa*, e que não differe especificamente da primeira. Orta descreve-a correctamente, comparando as suas folhas com as da «branca ursina» (*Acanthus*), e notando a inserção da flor, que de feito se afasta um pouco das disposições mais habituaes.

Varias especies de *Datura* possuem propriedades toxicas energicas¹; mas, em dósese convenientes, são applicadas pelos medicos hindús e musulmanos no tratamento de varias doenças. O *extractum daturæ* é a *tinctura daturæ*, preparados com as sementes da *D. alba*; e o *emplastrum* e *cataplasma daturæ*, preparados com as suas folhas, figuram mesmo na *Pharmacopœia of India*, o que prova que foram officialmente adoptados (*Pharmac. of India*, 175, India Office, 1868).

Mas o mais curioso e caracteristico uso da *datura*, é aquele uso criminoso, a que Orta se refere, que todos na India conheciam e conhecem, e do qual fallaram Linschoten, Christovão da Costa, Pyrard de Laval e outros escriptores contemporaneos ou quasi contemporaneos de Garcia da Orta.

Os envenenamentos variavam em gravidade, desde os que tinham por fim causar a morte, até aos que unicamente constituiam uma «zombaria», ou graça, como no caso contado por Orta, e passado com os filhos do Nizam Schah². Deve-se dizer, que a graça era pesada, e bem propria de principes orientaes. Mais habitualmente, porém, a *datura* foi empregada para obter a insensibilidade ou inconsciencia temporaria com um fim mais ou menos condemnavel. Tanto Linschoten, como Pyrard de Laval, se referem ao facto de as mulheres pouco escrupulosas de Goa recorrerem ao uso d'esta planta para adormecerem a vigilancia dos maridos ou dos protectores; e nos casos de roubo, como no de Paula de Andrade, parece ter sido de uso frequentissimo.

Em tempos posteriores a Orta continuou esta pratica, da qual falham Wight, Murray e muitos outros. Nos nossos dias a *Datura* foi ainda empregada regularmente por uma classe de *Thugs*; e um dos autores do *Glossary*, A. Coke Burnell, recorda o facto de ter julgado e condenado muitos d'aquelleis criminosos. Parece que o dr. Norman Chevers deu uma interessante noticia sobre aqueleis *dhaturias* (os envenenado-

¹ O alcaloide da *Datura*, a *daturina*, foi considerado como identico á *atropina*, e tendo portanto a formula $C_{24} H_{38} Az O_6$. Parece, porém, ser muito menos energico.

² Por isso a herba teve entre os portuguezes de Goa o nome de *burladora*, como recorda Christovão da Costa.

res profissionaes com a *datura*), no seu trabalho *Medical jurisprudence of Bengal*; mas não pude consultar este trabalho, e nem mesmo posso encontrar nas minhas notas onde o vi citado.

Os envenenamentos com a *datura* deviam, pois, ser frequentes em Goa, e Orta, escrevendo a historia da sua clinica no Oriente, não podia deixar de mencionar este accidente usual.

NOTA (3)

O «dorião» é o fructo do *Durio zibethinus*, Linn., uma grande arvore pertencente á familia das *Malvaceæ*, tomada esta no seu sentido mais lato.

Orta nunca viu a planta, e nem mesmo pôde provar o fructo, que n'aquelle tempos de viagens demoradas não chegava em bom estado á India. Effectivamente o *Durio zibethinus* habita só nas terras mais chegadas ao equador, varias ilhas do archipelago Malayo, peninsula de Malaca, e parte meridional da Indo-China. Pelas informações que lhe deram, consegue no entanto descrever o fructo com uma certa exactidão, ainda que um pouco confusamente. É tambem exacto, mencionando as encontradas opiniões, correntes sobre o sabor do celebre fructo; desde a opinião dos que o collocavam abajo das fructas euro-peas, e lhe notavam um cheiro repugnante a cebolas podres, até ao caso do mercador que vendeu nau e fazendas só para comer *duriões*. Parece com effeito, que uma certa iniciação é necessaria para apreciar devidamente os *duriões*. Wallace conta, que ás primeiras tentativas em Malaca, o mau cheiro lhe causava uma repugnancia extrema; mas depois, em Bornéo, se tornou um grande admirador do fructo; e termina dizendo: «comer Duriões é uma sensação nova, e vale a pena ir ao Oriente para a experimentar» (Cf. Crawfurd, *Dict. of the Indian Islands*, 125; A. Russel Wallace, *The Malay Archipelago*, 74, London, 1883).



COLOQUIO VIGESIMO PRIMEIRO DO

EBUR OU MARFIM, E DO ELEFANTE; E HE COLOQUIO
que não faz pera fisica, senão pera pasatempo.

INTERLOCUTORES

RUANO, ORTA, SERVA, ANDRÉ MILANÊS

RUANO

Pois que os ossos dos elefantes vem em uso de medecina,
será bem que falemos delles, e do elefante.

ORTA

Do elefante ha muito escrito; mas tem em si tanto que falar, e de que se maravilhar, que não se deve ter por sobrejo falar nelle. E começando do marfim, vos digo que nenhum osso de elefante he pera o uso da fisica, nem da policia*, somente os dentes; e nam vos engane o que se escreve do *espodio*, dizendo que he ossos queimados de elefante, porque ao diante vos farei certo nam o ser, se Deos nos conceder tempo pera isso e pera as outras cousas; e he noto isto, porque dos elefantes que qua morrem não lhe aproveita a gente os ossos, e aproveitalhe a carne pera comer e os dentes pera a policia.

RUANO

E alguns tem cornos?

ORTA

Nam, porque estes que vemos todos sam dentes ou pedaços delles, e cada elefante nam tem mais que dous dentes; e as unhas nam se aproveitam, ainda que Paulo Egineta afirme que si. E o elefante não lhe faleça mais que fallar,

* A palavra «policia» é empregada no sentido de industria, ou de fabrico do que hoje chamariamos objectos de arte; veja-se a nota (4).

pera ser animal racional; e (posto que sejam isto cousas nam pera fisica) mas em Cochim está hum estromento tirado de como falou duas palavras (1); e nam tendo que comer lhe disse o seu mestre (a quem chamam no Malavar *naire* e os Decanins *piluane*) que nam tinha a caldeira boa pera lhe cozer o arroz, e que levase a caldeira ao almoxarife; e que elle lha mandava consertar; ao qual o elefante foy com a caldeira na tromba; e o almoxarife disse ao naire que levasse ao caldereiro, e elle a concertou no fundo somente, onde estava danada, e o elefante a levou a caza, e cozendo nella o arroz, saya della agua por nam estar bem soldada. Entonçes lha deu o naire, e o elefante a tornou a levar ao caldereiro, o qual a tomou e concertou; e de industria a leixou pior que estava primeiro, dandolhe algumas marteladas; e o elefante a levou ao mar, e a meteo na agoa, e olhou se deitava agoa pelo fundo; e como vio que a deitava, a tornou a levar ao caldereiro, dando á porta muitos urros, como quem se aqueixava; e o caldereiro lha concertou, e soldou muito bem; e o elefante a foy provar ao mar, e achou muito boa; entonçes a levou a caza, e lhe fizeram de comer com ella. Vede se averia homem que mais siso tivese: isto pasou asi, e oje neste dia ha testemunhas que o viram, e outras maiores que por comūas leixo de dizer (2).

RUANO

Como se chama o elefante em arabio e indiano?

ORTA

Em arabio se chama *fil*, e o dente *cenafil*, que quer dizer dente de elefante; em guzarate e em decanim *ati*; e em malavar *ane*; e em canarim *açete*; e em lingoa dos cafres da Etiopia *ytembo*; e em nenhuma se chama *baro*, como diz Simão Genoes, porque falar estorrias de longe he bom pera mentir. E em nenhuma cousa de fisica o gastam os Indianos; somente os fisicos Arabios e Turcos, que curam por Aviçena, o gastam no que nós o gastamos.

RUANO

E pois em cousas de policia se gasta nessa terra tanta cantidade quanta vem de Çofala, porque me dizem que tambem vem de Portugal pera qua em mercadorias que elrey manda?

ORTA

Aveis de saber que da Etiopia, scilicet, de Çofala ate Melinde vem cada anno á India seis mil quintaes, afóra o que vem de Portugal, que he muito pouco a respeito destoutro; e afóra isto ha elefantes no Malavar, ainda que poucos, e nam os domam; ha em Ceilam muitos e mui doutrinaveis, e sam os mais estimados que ha na India; ha os em Orixa, em muyta cantidade, e em Bengala e no Patane; e na banda do Decam, do Cotamaluquo que confina com Bengala, ha muitos; e ha os em Pegú, e em Martavam e Siam melhores; e dizem que o rey de Siam tem um elefante branco, e que se chama per onrra rei do elefante branco; se isto he verdade eu nam o sey (3).

RUANO

Inda me nam satisfizestes minha duvida, que he onde se gasta tanto dente de elefante.

ORTA

O marfim na China se gasta algum, e já agora se vay gastando mais; o de Ceilão se gasta em cousas muyto polidas, que se fazem na terra, de cofres e pentes e outras muytas cousas; e o de Pegú e o de Ceilão pela mesma maneira; e todos os seis mil quintais, que vem de Çofala, se gastam em Cambaia, tirando algum pouco que vai pera a China, como já disse. Isto se gasta cada anno, e tanto monta vir muito como pouco (4).

RUANO

Em que o gastam, se o vós nam dixeseis, nam o creria.

ORTA

Aveis de saber que o demonio pôs certa superstição em as mulheres e filhas dos Baneanes, que sam os que vivem segundo o custume pitagorico, e he que, quando morre algum parente, quebram as mulheres todas as manilhas que tem nos braços, as quaes são vinte ao menos; e logo fazem outras novas, como tiram o dó; e estas manilhas sam de marfim todas, postoque algumas sam de tartaruga; e isto ordenou o demonio porque se gastase tanto marfim, que vem da Etiopia cada anno; e sempre se gastará, em quanto esta superstição durar; e val este marfim segundo a grandura dos dentes, porque os dentes meudos valem pouco, e o dos grandes muyto, peso por peso; e tambem se fazem outras cousas da policia de marfim; mas he isto em pouca quantidade.

RUANO

Maravilhado estou desa superstição; porém me disei se tornam a naçer os dentes aos elefantes, ou se lhe caem; porque tambem nam sei como hay tanto elefante no mundo.

ORTA

Tendes muyta rezam niso, porque os elefantes vivem muyto; mas nenhum delles tem mais de douz dentes, nem os mudam, senão ha muyta quantidade delles; e, o que mais he, que as femeas nam tem dentes, e algumas os tem de palmo, nam mais. Nesa Etiopia matam os cafres os elefantes pera lhe comer a carne crua, e nos venderem os dentes; e isto he com armadihas de arvores, e de outras muytas maneiras, que he de presumir que ha mais elefantes em a Etiopia do que ha vacas em Europa.

RUANO

De que doença morrem os elefantes, e de que servem nestas terras?

ORTA

Elles sam muito melancolicos, e am muyto medo, mais de noyte que de dia; e quando dormem de noite, parece

que veem cousas temerosas, e soltamse; por onde a maneira de curar isto, he que dormem os seus naires em cima delles; sempre lhe estão falando porque nam durmam. Tem camaras muitas, muitas vezes, outras vezes tem ciumes muyto fortes, que caem em muy grande furia, e quebram as cadeas, e fazem muyto mal por onde pasam; isto curam os naires, levandoos ao campo, dizendolhes mil injurias, e reprendendoos de seu pouco siso; e asi pera isto e pera outras cousas tem mézinhas particulares de qua da terra. E quanto he o serviço delles, alem de trabalho de acarretar e mudar a artelharia de huma banda pera outra, servem os reis na peleja; e ha rey que tem mil elefantes, e outros menos, e outros mais; vam á guerra armados, em especial na testa e peito, como cavallos encubertados; põemlhes as campainhas das ilhargas pendentes; e põemlhe nos dentes armas engastadas, da feiçam de ferros de arados; e põemlhe castellos emcima em que vam os naires que os regem, onde levam ganchos e bisarmas, e alguns aguora, de pouco pera qua, levam meos berços e panellas de polvora. Eu os vi já pelejar, e o mal que lhe vi fazer não he outra cousa senam pôr a gente em desordem; e fazela fugir ás vezes; dizemme que muitas vezes fogem, e que fazem mais desbaratos nos seus que nos contrairos; isto eu não no vi (5).

RUANO

Ha outra maneira alguma de pelejar delles?

ORTA

Sí; mais isto he hum por hum com os seus naires, que os ensinam adestrandoos em cima delles; e he muy crua batalha, onde se ferem com os dentes, esgrimindo hum, emparandose o outro com seus dentes. Feremse mui bravamente, e muitas vezes se vem a daremse tam grandes golpes, hum a outro, com as testas, que cae hum delles morto no cham; e hum portuguez digno de fé me contou que vira morrer hum muy poderoso elefante de hum encontro que outro lhe deu. Tambem pelejam, embebedandoos; e fogem,

e tomão ás vezes hum homem na tromba e fazemno em pedaços, o qual eu vi já algumas vezes.

RUANO

Diz Plinio que o sangue delle aproveita para muitas cousas, e o figado e a raspadura do marfim, isto he asi?

ORTA

Bem pôde isso ser verdade, mas qua não se usa.

RUANO

Dizem que o elefante dorme com a elefanta, como homem com molher, contrario dos outros cadrupedes.

ORTA

O contrario diso he verdade, porque tem ajuntamento como os outros cadrupedes; nem diferem a mais, sómente que o macho se põe em huma barranceira mais alta, e a femea está mais baixa; isto me contaram Portuguezes dignos de fé. Eu vi já elefantes, mas não os vi ajuntar com elefantas em auto de gerar, sómente conto isto que ouvi.

RUANO

Tambem diz Plinio que a alma dos elefantes tira as serpentes dos seus lugares*.

ORTA

Não sey parte diso, porque não o vi qua, nem ouvi.

RUANO

Tambem diz Plinio que o elefante, quando come o veneno, busca o azambujo pera se curar**.

* *Elephantorum anima serpentes extrahit;* o nosso auctor traduziu mal a palavra *anima*.

** Li. 280, cap. 80 (nota do auctor). É um evidente erro typografico; a phrase de Plinio: ... *occurrit oleastro huic veneno suo*, vem no lib. VIII, 41, ou cap. 27 das mais antigas edições.

ORTA *

Não o vi qua, e por isso não pude saber isso, nem ouvi que os ouvesse na Etiopia, onde os ha.

RUANO

Tambem escreve Plinio que os melhores elefantes e mais belicosos ha na Trapobana que na India.

ORTA

Se Trapobana quer dizer Çeilam, como alguns estimáram, os melhores sam de todos e os mais domaveis; e se quer dizer Çamatra**, tambem os ha, mas nam sam tam bons como os de Çeilam. E muitas vezes cuidam os homens que huma cousa vem de huma terra, e vem de mais longe; asi como muitos cuidaram que o melhor lacre vinha de Çamatra, e por isso até oje lhe chamam *locsumutri*, e este bom lacre nam o ha, senam vem de Pegú; e asi pôde ser dos elefantes de Çamatra.

RUANO

Sam capazes da lingoa da sua regiam, como diz o mesmo Plinio?

ORTA

Nam tam sómente da sua, senam da alhea, se lha ensinam; e os trazidos de Çeilam pera o Guzarate e o Decanim facilmente lhe fazem entender a lingoa os seus mestres; e alguns levaram a Portugal, que lhe fizerão entender portuguez; e asi o entendem alguns na India que vos amostrarei; e sam cubiçosos de gloria, que se lhe dizem que sam de elrei

* Na edição de Goa falta a palavra «Orta»; e isto torna-se claro, porque se seguem as duas perguntas de Ruano. Faltam tambem as quatro palavras, que intercalei em italicico, ou outras quaequer com um sentido analogo. Orta responde naturalmente, que não poude verificar na India o que Plinio disse da Africa; e acrescenta, que lhe não consta haver *açambujos* na Etiopia, onde ha elephantes.

** Orta volta a fallar da identificação da Taprobana com Sumatra, ou com Ceylão; veja-se o que disse a pag. 18 e a pag. 233.

de Portugal, folgam muito, e tem vergonha do mal que fazem; sam agradecidos do bem que lhe fizeram; sam vingativos das injurias que lhe fazem; que já aconteceu em Cochim, porque a hum elefante deitou hum homem humas cascas de coquo, e lho quebrou na cabeça, guardou o bom elefante a casca do coquo na boca, e tendoa guardada em huma queixada, vendo o homem que lhe avia feito a injuria, lhe arremesou a casca do coquo com a tromba; e depois, veo em uso e rifam (como dizem os Castelhanos) dizerem os homens, ainda trago a casca do coquo na queixada, por dizerem ainda me alembra a injuria que me fizeram: e por questo podeis ver que tem memoria os elefantes.

RUANO

Tambem diz Plinio muitas cousas alem destas, scilicet, que tem guerra com o renoçerote sobre o pasto.

ORTA

Estes renoçerotes ha em Cambaia, onde parte com Bengal, e no Patane, e chamalhes *ganda*: não sam tam bons no amansar como os elefantes, e per esta rezam nunqua pude saber isto bem sabido; porém traz rezam que dous animaes tam grandes e feros se queiram mal naturalmente; e quando escrever do *licio* farei memoria deste animal, onde direi o que mais souber (6). E tambem diz Plinio, que com çumo de cevada posto na cabeça se lhe tira a dor que tem; mas a cevada nam a ha em Etiopia, onde vem a mór canticidade, e dos outros cabos ha somente em Bengal, e em Cambaia alguma pouca canticidade; por onde nam sei como se isto pôde esprementar, mas sei que aos mansos lhe poderia fazer proveito.

RUANO

Como se amansam e ensinão?

ORTA

Os novos com açoutes, e com vergonhosas palavras e fome, e boas obras e beneficios que lhe fazem, e bom tra-

tamento: os grandes me dixeram que em Pegú, pera os amansar, os metem em humas caças grandes, de muitas portas pequenas; e dahi os ferem os que estam nas portas com azagayas e zargunchos, e logo se metem dentro, e quando se querem vingar de hum lhe sae o outro, isto lhe fazem até que esteem muy cansados e feridos, e mortos de fome muito; e entonces lhe dizem, depois de muito feridos, que o que lhe fizeram foy feito porque nam cuydem que sam alguem; e que se lançem no cham, e que lhe faram beneficios de amigo; deitase o elefante no cham, e alli o lava o mestre; e elle, desque he lavado e untado com azeite, lhe dam de comer e cada ora lhe vem perguntar o que quer, e como está, e asi, com estes castigos e afagos, depois vayse fazendo manso e domestico (7). Estas cousas do elefante vos quis dizer, porque sam as mais certas, porque muitas outras conta Plinio; mas quero dizer o menos, e mais certo; porque pera a fisica isto sobeja que vos dixe.

SERVA

Está ahi miçer André milanês, o lapidairo.

ORTA

Dilhe que suba.

ANDRÉ MILANÊS

Beijo as mãos de vossa mercê.

ORTA

E nós as vossas.

ANDRÉ

Quereis vender a vossa esmeralda grande ou a pequena, porque ambas vos farei comprar; porque a mais pequena he mais fina.

ORTA

Tudo venderei, e volas darei ambas pera que as mostreis ao comprador somente; e isto confiarei de vossa fé, que as não amostreis mais que ao comprador, e ao seu conselheiro, tornandomas á mão logo, se as não comprar. E comtudo me

dizei se o tempo que estivestes em Pegú vistes caçar elefantes e domar elefantes?

ANDRÉ

Duas vezes: huma foy indo elrey e todo o reyno á caça, e seriam 200:000 pessoas o mais; e cercavão a caça, scilicet, fazendolhe cercos, e como foram pequenos os cercos, porque cada vez se faziam mais pequenos, tomaram grande multidão de veados e porcos e tigres, muytos vivos, e outros mortos a feridas.

ORTA

Deste modo vi fazer caça ao Nizamoxa, e tomar huma grande multidam.

ANDRÉ

Entonçes tiverão cercados 4:000 elefantes, scilicet, femeas e machos e pequeninos; e leixouos yr todos, e ficaramlhe 200, entre grandes e pequenos, por nam despovoar o monte; e isto eu vi, e os domaram, scilicet, os duzentos cercados de grosas traves, e cada vez eram mais pequenos os cercos, e mais fortes, até não aver mais largura, que quanto hum elefante podia caber; e ali por* aquelas aberturas das traves muyto pequenas tomavam cordas grossas de *rotas* (que sam feitas de humas varas que se muyto brandem) e lhas lançavam aos pés, e outras nos dentes, que os faziam estar sem se bulir pera huma parte nem outra, e depois os cingiram com duas cordas pera cavalgarem nelles, e ferindoos bravamente, e elles chorando lagrimas que lhe eu vi, cavalgou em cada hum seu mestre; e metendo os pés pollas çintas lhe dizia que soubessem que se nam tinham siso que os feririam sempre, e os matariam de fome, e como consentissem na verdade, os untariam com azeite e lhes dariam de comer, e foram os lavar; tirando os fóra, a cada hum

* Na edição de Goa está «alimpou», que de modo algum podia ter sentido; na errata manda substituir «ajuntou», que tambem não se percebe, e deve ser um erro. Com as palavras «ali por» a phrase torna-se mais clara; veja-se adiante a nota (8).

meteram entre dous mansos que os aconselháse, e deste modo foram todos domados.

ORTA

Eu já ouvi esta maneira de domar; mas de caçar nam cuidei que em Pegú e Ceilam aviam tantos; e agora me dizei outra alguma maneira de caçar, se sabeis.

ANDRÉ

Tinha elrey fama de hum elefante muyto grande, que andava no mato, e mandou lá elefantas muyto mansas e domésticas, e amestradas, dizendolhes que nam quizesem ter ajuntamento com os elefantes, senam prometendolhe primeiro que consentiriam como chegassem ás suas moradas: isto lhe davam por signaes a entender. E os elefantes, como as femeas lá foram, se vieram pera ellias; e tratando com ellias amores, vieram após ellias, e pascendo pollo campo até os meterem dentro em Pegú (que he grande cidade) e dalli se meteram em parte onde os cerraram; e leixaram por diante yr o outro, e as elefantas lhe tiraram, e ficou aquelle só da maneira dita, e foy domado pela maneira que açima dise (8).

RUANO

Yso está muy bem; porém diz Plinio* que com o bulir dos dentes, e tascar os porcos, os elefantes tornam atrás e sam espantados?

ORTA

Já soube o contrario diso; porque nas estrabarias dos elefantes ha porcos, e nam fazem caso delles: no mato da terra do Malavar ha muitos porcos, donde ha alguns elefantes, e não se diz que delles ajam medo. Verdade he, eu sei isto, o que diz Plinio, que avoreçem os ratos muyto, porque onde dormem os elefantes, se ha ali ratos, dormem os elefantes com a tromba encolheita, porque lhe não morda ou pique nella; e polla mesma rezam avoreçem as formigas. E v. m.

* Livro 8, cap. 9 (nota do auctor).

tenha cuidado de me vender as minhas esmeraldas, e vamos comer. E não me tenhaes por leve por falar tanto nisto, que Mateolo Senense, homem douto, falou muyto do elefante, e não tantas verdades como eu contei.

NOTA (1)

Desde tempos muito antigos, pelo menos desde os tempos de Megasthenes, todos, os que observaram os elephantes, encareceram e louvaram a sua sagacidade. Plinio chegou a attribuir-lhes sentimentos de probidade, de prudencia e de justica, qualidades raras mesmo no homem: *immo vero (quaer etiam in homine rara) probitas, prudentia, æquitas*. D'aqui a dar-lhes o uso da palavra não fá mais que um passo. De resto, a noticia sobre o elephante que fallou não é da lavra do nosso escriptor e da sua exclusiva responsabilidade. Damião de Goes refere tambem como *cousa muy certa*, que estando Diogo Pereira, homem nobre e digno de fé, na cidade de Bisanaga (Bijayanagar), viu ali um elephante escrever com a ponta da tromba; e, perguntando-se-lhe depois o que coméra, respondeu em voz clara: *arroz e bethelem* (betle).

(Cf. Plinio, VIII, 1; Damião de Goes, *Chron. do felic. Rey D. Emanuel*, 275, Lisboa, 1619.)

NOTA (2)

A historia do elephante e do caldeireiro devia ser corrente na India, e contou-a tambem fr. João dos Santos com ligeiras variantes e um pouco simplificada. O mesmo fr. João dos Santos conta outras historias do elephante chamado *Perico*, e Damião de Goes algumas do elephante *Martinho*, que são mais ou menos analogas a esta, e á do elephante e da casca de coco, referida pelo nosso escriptor nas paginas seguintes (Cf. fr. João dos Santos, *Ethiopia oriental*, part. I, livr. III, cap. 15, Evora, 1608).

NOTA (3)

Os nomes vulgares, que Orta cita, são pela maior parte faceis de identificar:

— «Em arabio se chama *fil*, e o dente *cenafil*...» Effectivamente o nome arabico é *فِيل*, *fil*; e o dente chama-se *سن*, *sen* ou *cen*, d'onde *cen-al-fil*.

— «Em malavar *ane* ...»; este é o nome mais vulgar nas linguas dravidicas da India meridional, *áne*, *ána*, *ánei*, em tamil, maláyalam e outras.

— «*Ati*» é, com uma simples e ligeira modificação orthographica, o nome escripto por Hunter, *háti*, *hátti*, *háthi*, e empregado por muitas tribus do leste e do centro da India.

— «*Ytembo*», na Africa; não encontrei este nome na rica nomenclatura africana, em que o elephante se chama *indhlovú*, *n'zamba*, *zou*, *jôu*, *li-tou*, *n,zovo* e de outros modos; mas é bem possivel que *ytembo* fosse ou seja ainda conhecido sem eu o saber. Em todo o caso a palavra tem um certo *facies* africano.

Orta dá a distribuição geographica dos *elephantes*, de um modo que para o seu tempo devia ser muito exacto, posto que as cousas têham mudado consideravelmente de então para cá. Tanto na Asia, como na Africa, os *elephantes* têm pouco a pouco recuado diante do homem; e regiões ha, onde eram numerosos no começo do nosso seculo, e hoje se não encontra um só.

Em primeiro lugar, refere-se ao grande numero de *elephantes* que então havia na Africa, dizendo-nos, que da parte da costa entre Sofala e Melinde se exportavam annualmente para a India seis mil quintaes de marfim, uma exportação a que já se referia antes d'elle Marco Polo, e se referiram depois d'elle fr. João dos Santos e muitos outros. Se attendermos á enorme mortandade d'aquelles animaes, que se tem feito nos seculos seguintes e particularmente no nosso, não parecerá exagerada a sua phrase, de que deviam ser ali mais numerosos do que «vacas em Europa», uma phrase que — seja dito de passagem — parece ocorrer naturalmente aos nossos escriptores; fr. Gaspar de S. Bernardino diz do mesmo modo: ... «os quaes affirmam serem mais que as Vacas em Europa» (*Itin. da India por terra até este reino de Portugal*, 37 v., 1611).

Em relação á India, diz-nos Orta, que os *elephantes* se encontravam no Malabar, Orissa, Bengala, Patane, e parte oriental dos estados do «Cotamaluquo», isto é, do reino de Golconda. Deve advertir-se que *Patane* não significa n'esta passagem o Afghanistan; mas as terras de Behar, no valle medio do Ganges, como já notámos no *Cologuio decimo*. Vê-se, que elle indica quasi todo o planalto, que descáe dos Ghates occidentaes para a costa do golpho de Bengala e valle do Ganges, onde então deviam existir grandes florestas e largos tractos de terrenos incultos e de *jungles*, pelos quaes vagueariam numerosas manadas de *elephantes*, que em tempos mais modernos têm desapparecido ou diminuido consideravelmente.

Aponta a abundancia em Ceylão de *elephantes* «muy doutrinaveis»; no que está perfeitamente de acordo com o que disse Plinio, sobre a intelligencia do elephante da Taprobana; e com o que repetiu nos

nossos dias sir Emerson Tennent, sobre a facilidade com que se amansam e aproveitam os d'aquelle ilha, tanto na propria ilha, como na India, para onde são levados em grande numero¹.

Nota tambem, mais adiante, a existencia de elephantes em Sumatra, no que prova quanto andava bem informado, pois Sumatra é o unico ponto do archipelago Malayo onde elles se encontravam, pelo menos em abundancia² (Cf. Crawfurd, *Dict.*, 135).

Falla-nos por ultimo nos elephantes de Pegu, Martabão e Sião; no que continua a ser exacto, pois todas aquellas terras da Indo-China eram, no seu tempo, uma das regiões do globo em que existia maior numero d'estes grandes pachydermes, tanto no estado selvagem como domesticados. A proposito de Sião, menciona naturalmente o famoso elephante branco, cuja existencia os portuguezes conheciam, e que haviam mesmo verificado muitos annos antes. Segundo conta Gaspar Corrêa, quando Simão de Miranda foi a Sião, no anno de 1511, o rei mandou-lhe mostrar as cousas notaveis da cidade, «... e hum alifante branco que tinha, porque era por todas as partes nomeado por senhor do alifante branco, que outro nom havia» (*Lendas*, II, 263).

Como se vê, não escapa á enumeração do nosso escriptor terra alguma em que se criassem então aquelles notaveis animaes.

NOTA (4)

Esta noticia de Orta sobre a grande quantidade de marfim que se trabalhava em Cambaya, é confirmada e explicada por Duarte Barbosa nas seguintes phrases, pelas quaes se vê bem o que era a «policia» de Orta:

«Nesta cidade se gasta grande soma de marfim, em obras que nela fazem muyto sotis e marchetadas, e outras obras de torno, como saom manilhas, cabos dadaguas, e em tresados, jogos demxadrex, e tavolas, porque ha hy muy deliquados torneiros que fazem tudo; e muytos ley-
tos de marfim, de torno, de muy sotis obras, e contas de muytas ma-
neiras ...» (D. Barbosa, *Livro*, 286).

¹ No fim do *Coloquio da Canella*, Orta tinha dito: que todos os elephantes das outras regiões guardavam respeito e obediencia aos de Ceylão. Isto era uma velha crença, que, apesar de não ter fundamento, foi muitas vezes repetida, nomeadamente pelo viajante francez Tavernier.

² Disse-se tambem, mas com alguma duvida, que os havia igualmente em Borneo, só em parte da ilha e em pequena quantidade. Os elephantes de Ceylão e de Sumatra apresentam varias diferenças osteologicas do da India (*Elephas indicus*, Cuv.); e são considerados por alguns naturalistas como uma especie particular, *Elephas sumatranaus*.

NOTA (5)

É bem conhecido de todos, o facto de se terem empregado regularmente na guerra os elephantes, não só os *asiaticos*, que ainda hoje se domesticam facilmente, como tambem os *africanos*, que desde tempos muito antigos deixaram de ser domados; e este assumpto tem sido tratado variadas vezes, e foi mesmo o objecto de um livro especial (Armandi, *Hist. militaire des elephants*).

Fallando da India, lembram-nos logo os elephantes de Poro, e o terror que a sua vista causou aos cavallos dos soldados de Alexandre na batalha do Hitaspis. Eram duzentos, collocados na frente das tropas indianas, de cem em cem pés; e, no mais acceso da refrega, os soldados de Poro acolhiam-se junto d'elles, *ad elephantes tanquam ad amicos muros confugiunt*; de modo que a batalha tomava um aspecto singular, e diverso do de todas as outras, *eratque hæc pugna nulli priorum certamine similis*. Depois de Poro, e até ao tempo de Orta, os elephantes continuaram a entrar regularmente na composição dos exercitos asiaticos; e na grande batalha de Panipát (1526), as forças de Dehli contavam —segundo Gaspar Corrêa— «oitocentos alifantes», numero que não é exagerado, e o proprio commandante das tropas mongoes, Báber, calculava em proximamente mil.

(Cf. Arriani de exp. Alex. Magni, 339 et seqq. versão de N. Blanardo; Lendas, III, 573; Erskine, *Hist. of Báber*, I, 434).

Orta não nos dá, portanto, novidade alguma em relação ao emprego militar dos elephantes; mas dá-nos uma indicação muito interessante sobre a sua adaptação, então recente, á nova arte da guerra, «aguora de pouco pera qua levão mèos berços e panellas de polvora». Era a combinação da polvora e da artilheria com o elephante.

Nos combates com os portuguezes, os elephantes não figuraram muito a miúdo, porque esses combates se localisaram geralmente nas terras do litoral, ataques e defezas de praças, em que mal podiam ser empregados. Comtudo, em algumas occasões, os nossos soldados encontraram-se face a face com elles; e parece que ao principio com certo receio. Na tomada de Malaca, andavam pela rua dez elephantes: ... «estavão muitos mouros e El Rey com os alifantes, que remeterão com os nossos com grandes bramidos por fazer espanto, de que os nossos ouverão temor e nom forão adiante». Tornou-se necessário, que Fernão Gomes de Lemos, Vasco Fernandes Coutinho e D. João de Lima dessem o exemplo, atacando-os ás lançadas pelas trombas, para que os soldados cobrassem animo (Lendas, II, 240).

O nosso Orta, porém, diz que os viu pelejar; mas não diz onde. Talvez em alguma guerra interior, entre príncipes mussulmanos e hindús, a que elle acompanhasse o seu amigo Buhrán Nizam Schah. Em todo

o caso descreve acertadamente a sua acção, dizendo que os não viu fazer mais do que lançar a confusão nas fileiras do inimigo. Refere-se também ao perigo que havia na sua debandada, quando, feridos e aterrados, fugiam, e contribuiam para a derrota do proprio exercito. Isto é evidentemente uma reminiscencia das suas leituras. Arriano conta, que assim se terminou a batalha do Hitaspis; e Plinio dá a mesma noticia de um modo geral: *vulneratique et territi retro semper cedunt, haud minore partium suarum pernicie.* É sem duvida a estas notícias classicas, que o nosso escriptor se reporta; mas, com os seus escrupulos habituaes, acrescenta: «isto eu não no vi» (Cf. Arriano, l. c.; Plinio, VIII, 10).

NOTA (6)

Quando Orta, no *Coloquio trigesimo primeiro*, volta a fallar da ganda, ou rhinoceronte, dá a noticia, aliás bem conhecida por outras fontes, de que el-rei D. Manuel mandou um d'estes animaes de presente ao papa. Como o presente da ganda se liga com o de um elephante, mandado ao mesmo papa Leão X, procuraremos n'este lugar, como e quando foi a remessa dos dois grandes e então quasi desconhecidos pachydermes.

Alguns dos nossos escriptores, menos bem informados, dizem que D. Manuel mandou juntamente ... «hum Elefante e huma Abada, que forão os primeyros que em a cidade de Roma se viram do Oriente». A noticia não é absolutamente exacta, porque os dois animaes foram separados.

Primeiro foi o elephante, e a sua chegada a Roma tomou as proporções de um grande acontecimento —foi um *succeso*, como hoje se diria. Nos tempos aureos da antiga Roma haviam-se visto no Circo muitos elephantes; e Plinio conta, que só no triumpho de L. Metello figuraram 140, tomados aos carthaginezes. Depois d'isso vieram muitas vezes ao Circo, onde se fizeram crueis hecatombes d'aquelle grande e pacificos animaes. Não sei, se entre todos os elephantes trazidos a Roma, se não encontraria um unico asiatico —uma opinião, a que nos referiremos adiante. É natural que algum ali viesse; mas é certo que a maior parte, ou quasi totalidade, devia vir da Africa, onde os elephantes eram então numerosissimos, e se encontravam muito mais ao norte do que hoje¹. Fosse como fosse, já nos ultimos tempos do Imperio se viram menos na Europa; e depois, durante a Idade-media, tornaram-se rarissimos. Podemos apenas apontar um ou outro; como foi aquelle que o

¹ Segundo Sir Emerson Tennent, os elephantes trazidos por Pyrrho á Italia eram asiaticos; mas posteriormente quasi todos os que vieram a Roma deviam ser africanos.

grande khalifa Harun-er-Raschid mandou a Carlos Magno no anno de 802; e o que S. Luiz, rei de França, enviou a Henrique III de Inglaterra no anno de 1255. Como se vê d'estes exemplos, o presente de D. Manuel era digno do faustoso rei que o mandava, e do faustoso pontífice que o recebia (Cf. *Benedictina lusitana*, II, 385; *Plinio*, VIII, 6; *Annales Francorum*, A. D. 810; *Tennent, Ceylon*, II, 295).

O elephante fazia parte do riquissimo presente, levado por Tristão da Cunha na conhecida embaixada do anno de 1514, no qual entravam outros animaes: um cavallo «persio» mandado a D. Manuel pelo rei de Hormuz; e uma onça de caça, ou *chitá*. Todos os historiadores do felicissimo rei, como Damião de Goes e Jeronymo Osorio, descrevem miudamente a entrada em Roma da embaixada; mas as relações mais interessantes e vivas são sem duvida alguma as que se encontram na carta do dr. João de Faria, e na de Nicolau de Faria, estribeiro pequeno d'El-Rei, o qual levava especialmente a seu cargo os animaes. Este conta todos os trabalhos que passou para desembarcar o elephante, e para o levar depois até Roma. A curiosidade de o ver era intensa. As estradas estavam apinhadas de gente. Uma noite, vieram dez ou doze condes e duques, com tochas, examinar o monstruoso e desconhecido animal. Em outra occasião, o povo chegou a destelhar a estrebaria, onde o tinham alojado, para o contemplar á vontade. Pelos caminhos viam-se «senhores e bispos e mulheres em mulas», que vinham ao seu encontro; e já proximo de Roma vieram «as irmans do papa com muitas mulheres fremosas». Quando se tratou de apparelhar e ataviar o elephante para a entrada solemne, o apertão era tal, que o papa teve de mandar a sua guarda suissa para fazer a policia: «a guarda dos soíços toda». Afinal conseguiram vestir o elephante; Nicolau de Faria ficou satisfeito com o seu aspecto, e escreve a D. Manuel: «hia tanto fremoso, sendo muyto fêo, que hera cousa gentil de ver».

Na pomposa passagem de Tristão da Cunha pelas ruas de Roma, o «fremoso» animal atraia todas as attenções; e quando chegou onde estava o papa portou-se admiravelmente; fez as suas reverencias, e, tomndo agua perfumada em uma dorna que ali estava, borrifou o pontífice e o sagrado collegio dos cardeaes. Depois voltou-se para o povo, e aspergiu-o com menos respeito e mais agua: *in plebem deinde conversus, eam aqua, quasi ludum exhibere vellet, immodice perfudit*, diz-nos Jeronymo Osorio, no seu impeccavel latim. Nicolau de Faria ficou radiante; o elephante encheu-lhe as medidas, excedeu-as mesmo: ... «fez cousas maravilhosas, e muyto melhores do que cuidei, nem do que esperava», escrevia elle nos dias seguintes a D. Manuel. Leão X tambem estava contentissimo: ... «mais risonhoso que hum minino.»

Como fosse necessário apagar as glorias da antiga Roma, procuraram averiguar se todos os elephantes, que ali vieram nos remotos tempos da Republica e dos Cesares, procediam da Africa, e parece que

chegaram a esse convencimento: tomou-se «conclusam perante o papa que nunca vêo nenhum da India senam este», escrevia a D. Manuel um dos secretarios da embaixada, o Dr. João de Faria. O mesmo João de Faria resumia assim as suas impressões sobre a vinda do elephante: ... «e certo foy grande consideração de vosa alteza mandalo a Roma, porque triunfou da India aquelle dia em Roma, e nom era obediencia mas triunfo de vosa alteza que entrou em Roma».

(Cf. Damião de Goes, *Chronica*, 233 v.; H. Osorio, *De Rebus Emanuelis*, 346, Olyssippone, 1571; Carta do Dr. João de Faria de 18 de março de 1514, e carta de Nicolau de Faria da mesma data, no *Corpo dipl. port.*, 1, 234 a 242, Lisboa, 1862.)

O rhinoceronte veiu mais tarde e foi menos feliz. No anno de 1513 — Garcia da Orta diz 1512 — Affonso de Albuquerque mandou Diogo Fernandes de Béja ao rei do Guzerate, que então era Muzaffar Scháh, pedir-lhe permissão para construir uma fortaleza em Diu, o constante desejo dos portuguezes. Muzaffar, menos imprudente que o seu sucessor Bahádúr, recusou; mas, para não romper com o impetuoso governador, envolveu a recusa em muitos protestos de amisade, e em paga do rico presente que recebéra enviou tambem um presente, no qual entrava o rhinoceronte. Este animal não era raro nas provincias centraes e septentrionaes da India; mas não tinha sido visto até então pelos portuguezes de Goa. Gaspar Corrêa descreve-o com muita exactidão: «... era alimaria mansa, baixa de corpo hum pouco comprido, os coiros, pés e mãos d'alifante, a cabeça como de porquo comprida, e os olhos juntos do focinho, e sobre as ventas tinha hum corno, grosso e curto, e delgado na ponta; comia herba, palha, arroz cosido». Por esta ganda¹ ou rhinoceronte ser um animal estranho e raro, Affonso de Albuquerque determinou mandal-o a D. Manuel, sabendo quanto este estimava todas as curiosidades orientaes.

Chegou a salvamento a Lisboa, onde ficou na *ménagerie* de D. Manuel até ao anno de 1517. N'esse anno o rei quiz ver uma lucta entre o rhinoceronte e um elephante que então tinha. Lembrava-se dos espectaculos da velha Roma, ou do que lhe contavam os portuguezes de torna viagem ácerca dos habitos dos grandes monarchas orientaes; e queria tambem verificar a antiga e persistente lenda sobre o odio, que se suppunha existir entre os dois grandes herbívoros. No mez de fevereiro do anno de 1517, em um pateo que então havia diante da casa da contratação da India, pozeram os animaes em face um do outro. O rhinoceronte accometeu o elephante; mas este, que ainda era novo,

¹ Ganda lhe chamaram os portuguezes, do nome indiano *gainda*, *genda*, *ganda*. O nome de *abada* ou *bada*, dado ao mesmo animal e ainda conservado na designação commercial das *pontas de abada*, é de origem pouco clara.

possuiu-se de tal medo, que arrombou as grades de ferro de uma janela baixa, e fugiu até á sua estrebaria habitual, dando urros e bramidos, e deixando o rhinoceronte senhor do campo. Pouco depois, D. Manuel mandou este ultimo a Leão X. No mez de outubro do anno de 1517 embarcaram-no em uma nau, commandada por João de Pina, com destino aos portos da Italia. A nau tocou em Marselha, onde então se achava Francisco I—parece que o rhinoceronte estava destinado a ser visto pelos homens mais salientes do seculo xvi. Effectivamente foi desembarcado a pedido do rei; e, embarcando de novo, a nau seguiu a sua derrota, indo perder-se nas costas da Italia. A grande baixella e todo o riquissimo presente, destinado a Leão X, foi ao fundo; e o rhinoceronte afogou-se, mas veiu dar á praia. Tiraram-lhe então a pelle, que encheram de palha e levaram ao papa; e assim terminou o rhinoceronte do rei de Cambaya a sua accidentada existencia.

(Cf. Gaspar Corrêa, *Lendas*, II, 373; Damião de Goes, *Chron.*, 276 e 277.)

NOTA (7)

Este modo de amansar os elephantes captivos —logo veremos o modo de os capturar— é ainda hoje seguido nos seus traços geraes.

Sir Emerson Tennent, no seu livro sobre Ceylão já tantas vezes citado, descreve os processos seguidos n'aquella ilha; e, do mesmo modo que Orta, falla da successão de mau e bom tratamento com que conseguem domar os mais rebeldes. Em quanto o elephante procura atacar com a tromba, os homens que o rodeiam ferem-no com o *hendu*, que é um longo pau, terminado por uma ponta de ferro aguçada, tendo ao lado outra ponta recurvada á maneira de um croque —os «zargunchos» de Orta. Logo, porém, que elle começa a ceder, passam a affagal-o, cantando-lhe cantigas doces, entremeadas de exclamações amigaveis: Oh! meu pae! Oh! meu filhol! Oh! minha mãe! segundo o sexo e idade do animal. Circumstancia curiosa, esta pratica de cantar aos elephantes é antiquissima, e já foi mencionada por Arriano, que provavelmente copiou a noticia de Megasthenes: *Indi circumstantes tympanorum ac cymbalorum pulsu cantuque eos exhilarant ac demulcent*. É, como se vê, a mesma mistura de «castigos» e de «afagos», de que falla o nosso escriptor (Cf. Tennent, *Ceylon*, II, 383; Arriani *Indica*, p. 536).

O que Orta nos disse antes sobre as doenças dos elephantes, tambem é interessante e exacto. Aquelles grandes pachydermes são sujeitos a variadas e graves enfermidades, e ha na India, e em geral no Oriente, uma numerosa classe de medicos ou alveitares de elephantes, usando de uma materia medica especial. Sir Emerson Tennent diz, que, nos primeiros tempos de captiveiro, elles morrem muitas vezes de desalento, de desgosto, ou, na intraduzivel expressão ingleza, *broken heart*;

e isto lembra a phrase de Orta de que são «muito melancolicos». Quanto aos «ciumes», que os fazem caír em «muy grande furia», é este um estado perfeitamente conhecido, em que o elephante se torna, o que no Oriente chamam *must*. O elephante *must*, o que lhe succede sobretudo na epocha do cio, passa da extrema docilidade a ser um animal perigosissimo. No livro de Mason sobre o Burmá se podem ler algumas anecdotas curiosas ácerca dos encontros pouco agradaveis com elephantes n'aquelle estado. Ali se diz, que o melhor modo de tratamento consiste em os largar algum tempo na floresta: *a better plan when practicable, is to turn the animal loose in the forest, near water, whence, if a female elephant is tethered near him, he will never wander far, and may soon be reclaimed.* Esta noticia moderna coincide de uma maneira notavel com a indicação de Orta de que os seus Naires os levavam «ao campo», quando os viam assim excitados.

(Cf. Tennent, *Ceylon*, II, 386; Mason, *Burma its people and productions*, I, 449, enlarged by W. Theobald, Hertford, 1882.)

NOTA (8)

O modo de capturar os elephantes, na India e outras terras orientaes onde abundam ou abundavam, não tem variado essencialmente desde os tempos mais remotos de que temos noticia. Ha muitos pontos de similitudine entre as grandes caçadas, de que trata o nosso Garcia Orta e depois d'elle varios escriptores mais modernos, e aquellas que minuciosamente descreveu Megasthenes na sua *Indica*¹.

Segundo a versão de Arriano, que pouco differe da de Strabão, os indianos escolhiam um terreno plano, nas proximidades das florestas frequentadas pelos elephantes, e abriam ali uma larga valla, que encerrava um grande espaço, deixando apenas como passagem para o interior uma ponte estreita. A terra, retirada da valla, reforçava-a com uma especie de vallado alto, em que elles praticavam escavações onde ficavam vigiando. Feito isto, collocavam dentro do recinto algumas femeas mansas; e, chegando a noite, as manadas de elephantes bravos, que ali as sentiam, procuravam a entrada, e vinham ter á ponte, coberta e dissimulada com terra e palha. Apenas entravam, os caçadores corrían a retirar a ponte, e a dar aviso ás aldeias proximas. Esperavam então alguns dias, para que a manada captiva se enfraquecesse com a fome

¹ O livro de Megasthenes perdeu-se, mas foi tantas vezes citado e extractado por Arriano, por Strabão, por Æliano e por outros, que é possivel reconstruir-o em parte. Esta recensão dos fragmentos da *Indica* foi feita pelo dr. Schwanbeck; e eu cito pela versão de Mac Crindle, publicada no *Indian Antiquary*, vol. VI, (1877), p. 112 e seguintes.

e a sêde, e entravam depois no recinto, montados nos seus elephantes mansos, os mais fortes e adestrados, com a ajuda dos quaes conseguiam ligar os prisioneiros. Seguia-se o processo de os domar, em que intervinham os cantos e toques de timbales, a que nos referimos na nota anterior.

Do mesmo modo que nos processos mais modernos, o fim era encurralar a manada brava em um recinto fechado. Recorria-se, porém, a um artificio diverso das grandes batidas, talvez porque os elephantes fossem então mais abundantes e menos suspeitosos, e tambem porque a população devia ser muito menos densa.

Posteriormente adoptaram-se os dois methodos, mencionados pelo nosso escriptor. Por um d'esses methodos, podem capturar-se os elephantes machos isolados, empregando as femeas mansas; mas as couosas não se passam exactamente como conta micer André Milanez, ou antes Garcia da Orta. As femeas, chamadas *kumkis*, não vão sózinhas á floresta, vão montadas pelos seus *mahuts*; e são estes que ligam o elephante macho adulto, ou *gundah*, quando elle está entretido, e entalado entre duas ou melhor tres femeas. Em toda a operação, que é perigosa e exige uma grande coragem e uma grande dextreza, os caçadores são ajudados pelas *kumkis*, com muita intelligencia; mas vae longe d'essa intelligencia áquelle processo de sedução consciente e encommendada, que descreve o nosso escriptor. Este, ou antes os seus informadores, juntaram um pouco de phantasia ao modo por que as couosas se deviam realmente passar. Em todo o caso, aquelle metodo de caça foi seguido em varias regiões orientaes. No fim do seculo passado (1790), Corse descreveu-o como regularmente praticado na região de Tipura, situada a leste do Ganges, e, portanto, já nos confins da Indo-China, e não muito longe d'aquellas terras de Pegu, d'onc vinha o lapidario italiano. E um seculo antes (1681), Knox diz que era tambem usado em Ceylão. O nosso João Ribeiro dá igualmente a descripção de um modo de capturar os elephantes na ilha de Ceylão, em que intervinham as femeas chamadas ali *alias*; mas em que o papel principal era representado por um elephante macho domestico, o famoso *Ortelá*.

O outro metodo, descripto por Orta, consistia em fazer grandes batidas, pelas quaes as manadas eram obrigadas a entrar em recintos, fechados por estacarias fortes, capturando-se assim machos e femeas de todas as idades. É este um metodo muito conhecido, e vem minuciosamente descripto por Corse, para o periodo e região acima citados. O recinto, chamado *keddah*¹ no Bengala, consta de tres grandes espacos circulares, unidos por corredores. Na extremidade ha um cor-

¹ *Keddah*, ou *khedā*; de *khednā*, caçar ou perseguir.

redor ultimo, que vae estreitando a ponto de o elephante se não poder voltar quando ali entra. E os homens, collocados pela parte de fóra dos troncos e traves fortes, que limitam aquella especie de funil, conseguem então laçal-o e ligal-o. É evidentemente esta operação que o nosso escriptor pretendeu descrever, posto que as suas phrases sejam um tanto confusas, alem de estarem deturpadas pelos erros typographicos. Tanto Tennent, como Corse, descrevem as cordas com que os elephantes são atados, e que, como bem se pôde imaginar, devem ser fortissimas. O material varia, havendo cordas de cairo, outras de couro de veado entrançado, e devendo havel-as tambem das «rotas» de que Orta falla, sobretudo nas terras de Burma e de Pegu, onde são frequentissimas as especies de *Calamus*, chamadas *rotangs* ou *rattans*.

Notaremos de passagem, que as grandes batidas aos elephantes, hoje usadas tambem em Ceylão, não se faziam antigamente n'aquelle ilha. Parece, que a introducção ou generalisacão ali d'este metodo de caçar é devido aos portuguezes; e o recinto, chamado na India *keddah*, recebe ali o nome de *korahl*, ou *corral*, que é evidentemente a palavra portugueza *curral*.

Em resumo, vemos que as affirmações do nosso escriptor, á parte pequenas exagerações em uma ou outra circumstancia, são conformes com tudo quanto nos dizem outros escriptores.

É ainda de notar, que Orta não nos falla de caçadas feitas nas regiões occidentaes da India, e pelo contrario nos diz explicitamente, que não domavam os elephantes do Malabar. Vê-se, pois, que já no seu tempo estes não deviam ser muito numerosos. Quando quer descrever as grandes batidas, introduz no *Coloquio* um novo personagem, um italiano, negociante em pedras preciosas. Este micr André, real ou inventado, traz-lhe noticias de longe, das terras situadas para alem do Ganges, nas quaes os elephantes eram e continuaram a ser abundantissimos. Pôde parecer e é talvez exagerado aquelle numero de 4:000 elephantes, cercados por 200:000 pessoas. É certo, porém, que o delta do Irawaddi, e todo o seu valle com as montanhas vizinhas, se podem contar entre as regiões onde os grandes pachydermes foram mais numerosos; e que, por outro lado, os reis de Pegu e outros reinos proximos governavam provincias densamente povoadas, e dispunham arbitaria e despoticamente do tempo e dos serviços dos seus subditos.

(Cf. os fragmentos de Strabão e de Arriano, no *Ind. Antiquary*, vi, 239; John Corse, *An account of the method of catching wild elephants at Tipura*, nas *Asiatical researches*, iii, 229; Mason, *Burma*, i, 447; Knox, *Hist. relation of Ceylon*, i, cap. vi, p. 21, 1681; Tennent, *Ceylon*, ii, 335 a 377; Yule e Burnel, *Glossary*, palavras *elephant*, *keddah*, *corral*; Ribeiro, *Fatalidade historica*, nas *Not. para a hist. das nações ultramarinas*, v, 49, Lisboa, 1836.)

COLOQUIO VIGESIMO SEGUNDO

DO FAUFEL E DOS FIGOS DA INDIA

INTERLOCUTORES

RUANO, ORTA

RUANO

Do que chamam em Portugal *avelam da India* falemos, pois me dixestes no *betre** que he muyto usada ácerca de todos; porque nós pouco usamos della; antes falando a verdade comvosco nunca a vi, porque em lugar della pômos *sandalo vermelho*.

ORTA

He qua mantimento comum pera comer, mesturado com o *betre*; e nas terras onde nam ha *betre* tambem se usa por masticatorio com cravo. Ao que dizeis que lá em seu lugar deitam *sandalo vermelho*, não me parece bem, pois em seu lugar deitam huma mézinha, que muytas vezes se falsifica, e deitam hum pão vermelho por ella lá, porque como o *sandalo vermelho* careçe de cheiro, e nam o ha em Timor donde vem o outro, como vos direi falando nelle, he muyto máo de desçernir entre hum pão e outro; e mais val esta *areca* menos, e não se corrompe. E a rezam porque se nam leva a Portugal de qua, he porque não a pedem os boticairos, que nem elles nem os fisicos sam tam curiosos que a peçam, mas era rezam que lha lançassem em casa, como carne de touro. E pois a vistes já, querovos dizer os nomes nas terras onde nasce: acerqua dos Arabios *faufel*, posto que

* Orta suppõe ter inserido o *Coloquio do betre* no seu logar alphabeticó; mas deixou de o fazer, e dá-o no fim do livro. Pelos motivos, que veremos ao diante, conservâmos-lhe a mesma situação.

Aviçena* lhe chame corruptamente *filfel*, e asi lhe chamam em Dofar e Xael, terras da Arabia, scilicet, *faufel*, e ha nestas terras da Arabia muyto boa, posto que he pouca; e no Malavar lhe chamam *pac*; e os Naires (que sam os cavaleiros) *areca*, he donde os Portuguezes tomarão o nome, por ser terra primeiro conhecida de nós, e ha y muyta cantidade; e os Guzarates e os Decanins a chamam *çupari*; e estes tem muyto pouca, somente na fralda do mar, e he muyto boa essa que ha em Chaul, porque he mercadoria pera Ormuz; e melhor he a de Mombaim, terra e ylha de que elrei nosso senhor me fez merce, aforada emfatiota. E em todas as terras de Baçaim he tambem muyto boa; e levase dahi pera o Decam; e a de Cochim tambem, scilicet, huma preta e pequena que chamam *chacani*, muito dura depois de sequa; e em Malaca ha *areca* pouca, mas abasta á terra, chamase *pinam*; e em Çeilam ha mayor cantidade della, que farta a huma parte do Decam, scilicet, a terra do Cotamaluco e a Bisnaga: e de Çeilam a levam a Ormuz e a Cambaia, e ás ylhas de Maldivas; e em Çeilam lhe chamam *poaz*.

RUANO

Diz Serapio que as terras da Arabia careçem desta *areca*.

ORTA

Verdade diz por a maior parte, porque a Arabia he grande, e nam a ha mais que em Xael e em Dofar, portos do mar; porque esta arvore ama o mar, e longe delle nam se cria; porque se se criasse, nam a deixariam de plantar; porque os Mouros e Gentios nenhum dia passam sem a comer; e os Mouros e Moalis (que sam os que seguem a ley contra Mafamede) guardam dez dias de huma sua festa ou jejum; quando diz que cercados em huma fortaleza morreram os filhos do Ali, genro do Mafamede; em dez dias que elles

* Avicena, lib. 2, cap. 262 (nota do auctor).

forão cercados, dormem no chão e não comem *betre*, e nestes dias mastigam *cardamomo* e *areca*, tanto em uso tem o mastigar pera purgar o estamago e cerebro.

RUANO

Já me dixestes com que mesturam o *betre*; porém dizeime agora como entram as mézinhas, se pera ajudar, se pera retificar.

ORTA

O *betre* he quente, como vos dixe, e a *areca* he fria e temperam*; e a cal he muito mais quente, posto que elles nam usam pera o *betre* desta nossa cal de pedra, senão de huma feita de cascas de ostras, que não he tam forte. Com esta *areca* se mesturam estas mézinhas que vistes, porque he fria e seca, e muito mais seca quando não he seca ao sol; e lançamlhe o *cate*, que he huma mézinha de que ao diante vos farei mençam; porque, asi ella como o *cate* sam boas mézinhas pera apertar as gingivas, fortificar os dentes, e confortar o estamago; e pera a emotoica, e pera vomito e camaras. Tambem o arvore donde se colhe he direito e muito esponjoso, e as folhas delle são como as da nossa palmeira; he este fruto semelhante á *noz noscada*, e não he tam grande, e muito duro per dentro, e tem veas brancas e vermelhas; he do tamanho das nozes pequenas redondas com que os moços jogam; nam he perfeitamente redondo, porque faz o asento de huma banda de modo que se póde ter; mais isto nam aconteçe em todos os generos de *areca*, porque vos nam enganeis. Cobrese este fruto com huma corteza muito lanuginosa, e amarela por fóra, que parece muito ao fruto das *tamaras* quando está maduro, e antes que seja seco; e quando esta *areca* he verde he estupefativa e embebeda, porque os que a comem se sentem bebedos, e comemna por nam sentir a dor grande que tem.

* Isto é, «temperada».

RUANO

Como a comem estas gentes indicas, ou como fazem as mesturas?

ORTA

O comum faz a *areca* em pedaços meudos, com humas tesouras grosas que tem pera iso, e asi a mastigam, juntamente com o *cate*, e logo tomam as folhas do *betre*, tirandolhe primeiro os nervos com a unha do dedo polegar, que pera iso tem feita em ponta delgada; e isto lhe fazem por ser mais tenro; e asi mastigam tudo juntamente, e o primeiro que fazem, botam fóra o que primeiro mastigão, se tem muyto *betre*, e tomão outras folhas, e fazem outros masticatorios, e lanção hum cospinho, que parece sangue; e asi purgão a cabeça e o estamago e confortão as gengivas e dentes; e sempre andam mastiguando este *betre* até que se enfadam; e as mulheres mais que os homens. E os senhores fazem da *areca* humas piollas pequenas, e com ellas misturam *cate* e *camfora* e *pó de linaloes* e algum *ambre*; e desta feiçam he a *areca* dos senhores. Diz Serapio* que no sabor se sente quentura com alguma amaridão: provei esta, e he como hum pão estetica, sem sabor ou casi. Serapio nam conheceo esta *areca*, e se a conheceo não a provou.

RUANO

O Silvatico diz que a vio, e que a trazia mesturada na *canella* de Calecut, e que veo ay por acerto.

ORTA

Podia ser que os Mouros de Calecut a levasem pera o Estreito; e porém pois hia com a *canella* mesturada, nam era senam de Ceilam; e a de Calecut, como dixe, he muita della preta, a que chamão *checani*; e a de Ceilam he branca, se a viram, bem se podia conhecer.

* Serapio, ca. 345 (nota do auctor).

RUANO

Sabeis que aproveita pera alguma cousa, alem das já ditas?

ORTA

Eu mando estillar esta agoa, e em secreto uso della pera curar as camaras colericas, e achome bem (1).

RUANO

Isto pouco me aproveita; pois em Espanha nam a ha verde, pera se estilar; e portanto comamos, que já he tempo.

ORTA

Seja asi, e lavay as mãos.

RUANO

De huma cousa me maravilho, que sempre comemos dos figos á mesa, e sempre me sabem bem; e nam tamsomente a my que venho do mar, mas a vós e a quantos ha nesta mesa; por onde me parece muyto boa fruta, pois não emfastia. E será bem que, falando e comendo, saybamos como se chama em todas as lingoas, e quantas maneiras ha delles, e pera que sam noçivos, e o que vos parece; porque bem sei que não escreve delles Dioscorides, nem Galeno, nem Paulo, nem os Arabios.

ORTA

Iso nam he asi, falando com vosso perdam, porque Avicena e Serapiam e Rasis escrevem delles, asi escreveram outros que eu nam vi.

RUANO

Muyto me contais; não me dareis nesses Arabios capitulo em que nos figuos falle, dizeimo porque folgarei de ouvir.

ORTA

Eu trabalhei de o saber, e soubeo; e os figos na lingoa canarim e decanim e guzарат e bengala se chama *quelli*, e os Malavares lhe chamam *palam*, e o Malayo *piçam*; porque em todas estas terras os ha, e vos ponho o nome nesas

lingoas, e tambem os ha em outras muitas. O Arabio lhe chama *musa* ou *amusa*; fazem delles capitulo Aviçena e Serapiam, e chamamlhe pollo mesmo nome; e Rasis tambem lhe chama pelo mesmo nome; tambem ha estes figuos em Guiné, chamamlhe *bananas*.

RUANO

Que diz cada hum destes escritores dos figos, e que dizem a gente da terra pera que he bom, e a quem faz mal?

ORTA

Diz Aviçena* que o nutrimento deste figuo he pouquo, e que acrecenta collora e freima, e que aproveita pera adustão do peito e do pulmão, e que agrava o estamago; e que he bom tomar, depois que o comem os colericos, *oximel* com sementes, e os freimaticos *mel*; e que acrecenta a semente, e aproveita aos rins e provoca a orina. Rasis diz** que faz dano ao estamago, e tira o apetite e a secura, que faz brando o ventre, e que tira a espridam da garganta. Serapio diz***, alegando a outros, que *musa* he quente e humida no fim do primeiro gráo; e que aproveita pera o ardor do peito e do pulmão; e quem muyto usa della padece pesadume no estamago; e que acrecenta a criança na madre; e que aproveita aos rins, e provoca a orina, excita a deleitaçam carnal, e que grava**** no estamago: isto diz da sentença dos outros escritores, por onde está bem craro todos estes homens conheceram os figos. E se isto nam abasta, perguntai a qualquer Arabio, e dirvos ha como se chama

* Liv. 2, cap. 492 (nota do auctor).

** Cap. 3, ad Almansorem (nota do auctor).

*** Serapio, cap. 84 (nota do auctor).

**** «Grava», no sentido de *pesa*.

amusa, e outros *musay*: ha os em o Cairo e Damasco e Jerusalem (2).

RUANO

Muyto folgo de vos ouvir isso.

ORTA

Pois aveis mais de saber que hum frade de Sam Francisco, que esteve em Jerusalem, e escreve dos misterios da Terra Santa, gaba muyto esta fruta; e diz que se chamou *musa* porque he fruto dino das Musas ou de ellas o comerem; e diz que nesta fruta pecou Adam (3); que as folhas sam muyto grandes mais que de huma braça, e douis palmos e meo de largo: tem um nervo por o meo grosso e verde, e lança por onde ha de deitar o fruto primeiro humas flores emburilhadas roxas, á feiçam de hum ovo, e do comprimento de huma mão, e o fruto que deita he hum ramo de figos, que tem cento, e ás vezes duzentos figos.

RUANO

Eu nam sey se he o arvore do paraiso terreal, e tenho nisto o que tem os sagrados doutores. E não posso leixar de confessar ser muito boa fruta; e queria saber se ha alguma cousa pera que aproveitem, alem das cousas que escrevem estes Arabios; e onde sam os melhores, e quantas maneiras se comem.

ORTA

Em Martavam e Pegú dizem que sam muito bons, porque em Bengala onde ha muytos veo esa casta, e prantaramna por ser melhor, e chamamlhe agora *figos martabanis*: e os que mais cheiram e pera mim de melhor gosto, sam *cenorrins*, que sam huns figuos lisos e muyto amarelos e compridos: os *chincapalões* sam do Malavar, e bons, e sam huns figos verdes e compridos e de muito bom sabor: os de Çofala já os provei, sam muyto gabados, eu os achei de bom sabor; mas como eu era novo, que vinha de Portugal, tudo me sabia bem; e por iso nam sam bom juiz; chamamlhe os Cafres *ininga*, e tambem os ha na costa do Abexim e no

Cabo Verde. Como já dixe ha no Malavar, e em Baçaim, e em outras partes figos grosos do comprimento de hum palmo; sabem muyto bem asados, e deitados em vinho com canella per cima, e sabem a marmellos asados e muyto melhor.

RUANO

Eu os provei já tres ou quatro vezes, e souberamme muito melhor.

ORTA

Tambem se cortão estes polo meo, e fregem os em açucare até que estejam bem torrados, e com canella por cima sabem muyto bem.

RUANO

Tambem os provei aqui os dias de peixe; e sabiamme muyto bem, e não sabia o que era.

ORTA

Levam os pera Portugal por matalotagem; e comem os com açucare, e pera o mar he bom comer. Os fisicos desta terra dizem que sam muyto bons; e dam os em dieta, pera as febres, e pera outras enfermidades. Bem sei que todas estas cousas que vos dixe sam cousas de pouca sustancia, senam digovolas porque, quando fordes a Espanha, não digam que não sabeis dar conta das cousas desta terra; e não porque isto seja necessario pera a fisica.

RUANO

Faz Ruelio hum capitulo dos figos da India, allegando a Estrabo e Teofrasto, e põe delles algumas especias; e em outro cabo tambem falla das arvores perigrinas, e vayme parecendo que conhecera estes homens os figuos da India.

ORTA

Eu ly isso do mesmo autor; e se acerta em huma cousa erra em muytas (como quem diz huma no cravo e quatro na ferradura) (4); e porém a derradeira especia que põe, a

que mais se posa acomodar esta arvore destes figos, he porque diz que naçē de si mesma: esta he verdadeira, porque esta arvore não se pranta mais de huma vez; e dá hum ramo que tem ás vezes 200 figos, e alguns mais e outros menos; e logo day avante naçē ao pé outra arvore dos mesmos ramos ou do tronco; porque o tronco he hum ajuntamento de cortezas*, e os figuos nasçem no olho da figueira apegados ao pão.

RUANO

O fruto que em Italia chamam *musa* he porventura este figuo?

ORTA

Eu como não fuy a Italia não o sey bem sabido; porém soube aqui de alguns Venezianos, aqui moradores, que essa fruta ha em Veneza; e he como amexas; e pôde ser que aja em Espanha essa especia de amexas, porque dizem que he muyto doce.

RUANO

Escreve Mateolo Senense de hum genero de palmeira da India, e a discriçām nam he conforme a esta figueira que chamais, e isto diz no capitulo das palmas: mas quem lha mandou escrita do Egypto não lha mandou bem, e por isso não falo nella.

ORTA

Bem sey que figos ha na Nova Espanha, e em o Perú, e nós os temos no Brasil, e no Cuncam, indo de Chaul a Goa (scilicet em Carapatam)**; e em alguns cabos de Portugal os ha plantados, como na quinta de Dom Francisco de Castelo Branco (5); e, por estas causas, não era bem dizermos cousas tam notas a todos.

* A mesma acertada observação já Orta fez em um dos *Coloquios* precedentes, a propósito de uma *Scitaminea*.

** Vindo de Chaul para Goa ao longo da costa encontrava-se efectivamente o pequeno logar de Carapatão, do qual falla Barros, e que era bem conhecido.

RUANO

Estas cousas dos figos eu nam as preguntei em Espanha, e vós dizeisme tantas cousas de siso e boas, que he nece-sario perguntarvos tudo; e nesta que vós dizeis nam ser de muyta estima me dixeste o nome dos autores, que nestes figos falam, e me apontastes onde; cousa foi essa que eu estimei em muito.

NOTA (1)

O «faufel» é a *Areca catechu*, Linn., uma elegante palmeira de pa-tria mal definida, mas cultivada com frequencia nas regiões quentes da Asia. A sua semente, de que Orta dá uma descripção bastante exacta, é geralmente conhecida pelo nome de *noz de areca*, impropriamente pelo de *noz de betel*, e por varios outros. Esta semente forma parte essencial de um masticatorio muitissimo usado no Oriente, e do qual fallaremos detidamente a proposito do *betre ou Piper Betle*.

Os nomes vulgares de Orta são exactos e de facil identificação:

— «Faufel acerqua dos Arabios»; este é o nome arabico mais geral, **فوفل**, *fusaf*, ou, na fórmua persiana, *pupal* (Dymock, *Mat. med.*, 802; Ainslie, *Mat. ind.*, II, 268).

— «Cupari» entre guzerates e deckanis; é o nome commum nas lin-guas indianas de derivação sanskritica, hindi, bengali e outras, *supari* (Dymock, I. c.; Ainslie, I. c.).

— «Pac» no Malabar; que vem a ser o nome tamil da semente, dado por Dymock na fórmua *pakku*, e por Ainslie na fórmua *paak*. O nome da arequeira é ali *paak-maram*.

— «Areca» no mesmo Malabar, mas entre a classe elevada, ou Naires, de quem os portuguezes o tomaram. Este nome, que veiu a tornar-se o mais geral, deve derivar-se da designação da semente em maláy-alam, *adakka*, adoptada e alterada pelos nossos, e por elles transmitida a outras linguas. O sr. De Candolle cita um nome telingu, *arek*; mas sem mencionar auctoridade; e que provavelmente é moderno e já influenciado na fórmua pelos portuguezes (Cf. Yule e Burnell, *Glossary*, palavra *Areca*; De Candolle, *Orig. des plantes cultivées*, 344).

— «Chacani» no mesmo Malabar, a uma semente mais preta e mais pequena e dura que a de outras terras. Isto não é propriamente um nome da *areca*, nem o de uma variedade; é simplesmente o de um modo particular de preparação: consiste na areca colhida em verde e fervida depois, chamada *areca vermelha*, ou *chikni supari* (Cf. Dymock, I. c.).

— «Poaz» em Ceylão. No *Index* de Piddington vem um nome singhalez similhante, *puvak* (*Index*, 7).

— «Pinam» em Malaca. Este é o nome vulgar mais conhecido em todas as terras e ilhas orientaes, onde é fallada a lingua malaya; e que Rumphius, Crawfurd e muitos outros citam nas fórmulas *pinanga*, *pi-nang*, *penang*.

A *arequeira* é ainda vulgar ao longo da costa da India, do Guzerate a Cochim, incluindo as terras de Baçaim, e aquella boa ilha de «Mombaim» de Orta, da qual teremos de fallar em mais algumas notas. E Ceylão continua a ser uma região productora e exportadora de *areca*. Nos annos de 1870 e 1871 — ultimos de que tive noticia, — exportou aquella ilha, principalmente para a India, *noz de areca* no valor de 63:000 libras esterlinas em cada anno. Das informações de Orta sobre a distribuição geographica da *arequeira*, a mais interessante é sem duvida a que diz respeito á sua cultura nas terras da Arabia, facto menos geralmente conhecido. Xael ou Xaer era então uma povoação de certa importancia, com um porto mau e difficil, mas onde apesar d'isso se fazia um commercio activo, e d'onde se exportavam os melhores cavallos para a India — segundo diz Duarte Barbosa. Estava situada na costa do Hadramaut, entre Aden e o cabo de Fartaque, *Ras Fartak*; e tinha para o interior alguns campos ferteis, onde cultivavam «trigo, tamaras, uvas», e — segundo agora vemos — *arequeiras*. Dofar ficava para leste, na região mais arida de Mahra, para alem do cabo de Fartaque; e era o porto classico da exportação do *incenso*, que tambem saía por Xaer, e por Soer na costa de Oman, que é necessário não confundir com Xaer. Era naturalissimo que os arabes, em relações directas com a costa da India, introduzissem nas suas culturas uma planta, da qual usavam com tanta frequencia quasi como os hindús, tanto os orthodoxos ou *sunnitas*, como os *schiiitas*, a que Orta chama *Modalis* (Cf. Duarte Barbosa, *Livro*, 264 e 265; Barros, *Asia*, I, ix, 1, e-iii, vii, 9).

O principal uso da *areca* é no masticatorio, vulgar em todas as terras do Oriente, e do qual fallaremos em outro *Coloquio*; mas era tambem considerada aphrodisiaca e adstringente, e não admira que Orta a empregasse na sua clinica, e «em secreto» (porquê em segredo?) usasse d'ella «pera curar as camaras colericas». Dos usos da *areca*, e do modo por que se prepara a *chikni supari*, e o extracto chamado *supari che phul*, se pôde encontrar uma noticia interessante no livro de Dymock e mais extensamente no de Drury (*Mat. med.*, 802, *Useful plants of India*, 48).

NOTA (2)

Os «figos» do nosso Orta são as hoje vulgarissimas *bananas*, o fruto das numerosas variedades da *Musa sapientum*, R. Br. (incluindo a

M. paradisiaca, Linn., e a *M. sapientum*, Linn., que parece não serem especificamente distinctas). Era uma planta commum na India, e em geral na Asia, tendo naturalmente nomes variados nas diversas regiões:

— «Quelli» na lingua «canarim» e outras. Encontrâmos em um livro portuguez moderno, o nome concani, escripto pelo mesmo modo *quêlli*; e varios escriptores nos dão as fórmulas *kely*, *kela*, *kala*, *kayla*, *kail*, usadas em diversas linguagens indianas de derivação sanskritica. Devem todas ser modificações e simplificações do sanskritico काली, *kadalī* (Cf. Costa, *Manual do agric. indiano*, II, 209; Rhede, *Hort. mal.* I, cap. 6; Dymock, *Mat. med.*, 777; Ainslie, *Mat. ind.*, I, 316; Drury, *Useful plants*, 300).

— «Palam» entre malabares. É talvez uma parte do nome, que Ainslie escreve *pullum*, ou mais provavelmente a conhecida designação no sul de *bala* ou *vala*, mencionada por Rhede e outros.

— «Piçam» em malayo; é o conhecido nome nas terras do archipelago Indiano, *pissang* (Cf. Rumphius, *Herb. amb.*, V, 125).

— «Musa» e «amusa» entre os arabes. Este foi e é o nome arabico mais commum, جوز, *mauz*, e جوزاً, *al-mauz*, derivado, segundo parece, do sanskritico *mocha*. Usado na Syria, no Egypto e outras regiões da bacia mediterranica, foi um dos primeiros conhecidos na Europa, sendo mais tarde adoptado para a designação scientifica do genero.

— «Bananas» em Guiné. Orta dá assim succintamente e sem explicações uma origem africana ao nome, que hoje é de todos o mais vulgar. É possivel que tenha rasão; a palavra não é seguramente asiatica, e tambem não parece ser americana. Em primeiro lugar, é necessario advertir, que Orta não emprega a designação de Guiné no sentido restricto que hoje lhe damos; mas no sentido antigo mais lato de *terra dos negros* em geral, ao longo da costa occidental da Africa. A *bananeira* não é oriunda d'estas regiões. Os botanicos, que mais se têem ocupado da origem das plantas cultivadas, como Roberto Brown e De Candolle, inclinam-se para a procedencia asiatica da *bananeira* de fructos alimenticios, e admitem a sua introducção na Africa. Não se trata, porém, de uma introducção recente e pela costa occidental; mas de uma introducção antiquissima pelo oriente. Edrisi já menciona cinco variedades da planta, cultivadas nas ilhas de Zaledj, em face das costas do Zendj; e é provavel que fossem cultivadas igualmente na propria costa do Zendj, isto é, na costa oriental da Africa. Dada a facilidade da cultura e a abundancia do producto, é facil admittir que a planta se propagasse entre as populações negras da Africa equatorial, onde hoje é abundantissima, e chegasse até ao Congo e regiões occidentaes — a Guiné de Orta. N'este trajecto podia muito bem receber dos negros o nome de *banana*, cuja significação nos é desconhecida, mas que tem

bastante o cunho de um vocabulo africano. Alguns annos depois de Orta, Duarte Lopes refere-se ás que viu no Congo, do seguinte modo: *altri frutti sono, che nominano Banana, i quali crediamo essere le Muse d'Egitto e di Soria.* A ultima parte da phrase pôde ser uma intercalação do erudito italiano Pigafetta, que escreveu a relação verbal do viajante portuguez; mas a primeira, *que chamam Bananas*, é claramente de Duarte Lopes, e parece bem indicar um nome local africano. Annos antes, o *piloto portuguez*, cuja interessante relação Ramusio nos conservou, refere-se á introducção da planta na ilha de S. Thomé nos seguintes termos: *vi hanno cominciato a piantar quella herba che diventa in un'anno così grande che par arbore: e fa quelli raspi a modo di fichi, che in Alessandria di Egitto come ho inteso chiamano Muse, in detta isole le demandono Abellana.* Falla evidentemente de uma introducção directa, recente, e feita pelos portuguezes, de plantas trazidas talvez da India; e vê-se que então (1540) não conheciam em S. Thomé o nome de *banana*, que pelo contrario era vulgar (1578) no interior do Congo. Tudo isto parece favoravel á origem africana da palavra, e corrobora a opinião de Orta (Cf. R. Brown, em Tuckey, *Narr. of an exp. to the Zaire*, 470, London, 1818; De Candolle, *Origine*, 242; Edrisi, I, 59; Pigafetta, *Relatione del Reame di Congo*, 41, Roma, 1591; Ramusio, I, 118).

Qualquer que fosse a patria da especie *Musa sapientum*, é certo que foi cultivada na India e outras regiões orientaes desde tempos extremamente remotos, dando ali logar á formação de um numero consideravel de variedades, mais ou menos apreciadas. Orta enumera algumas, a que se referem tambem outros escriptores do tempo, como Linschoten e varios mais.

NOTA (3)

Não seria facil averiguar bem ao certo quem fosse este frade de S. Francisco, e não haveria muito interesse em o fazer, pois entre os numerosissimos franciscanos que visitaram a Terra Santa, muitos repetiram sem duvida as asserções a que Orta se refere.

Esta tradição, que ligava a *bananeira* ao Paraíso terrestre, era corrente entre os christãos orientaes, e tambem entre os mussulmanos. Aquelle incansavel compilador de todas as tradições e de todas as anecdotas arabicas, Maçudi, enumera as trinta fructas que Adão levou consigo do Paraíso: dez com casca; dez com caroço; dez sem casca nem caroço. Entre as primeiras dez inclue a banana, *جافا, al-mauz*. Os christãos, pela sua parte, viam na *bananeira* aquella arvore, de cujas folhas Adão e Eva se cobriram depois do peccado, quando attentaram em que estavam nus: *cumque cognovissent se esse nudos, consuerunt fo-*

lia ficus, et fecerunt sibi perizomata. Fr. João de Marignolli¹, depois das suas viagens no Oriente, referindo-se a esta passagem do *Genesis*, diz que tomaram folhas do *ficus seu musarum*. E, voltando ao mesmo assunto a propósito de Ceylão, repete: *et de istis foliis ficus (musæ, quas incolæ ficus vocant) Adam et Eva fecerunt sibi perizomata ad cooperiendum turpitudinem suam.* As grandes dimensões das folhas das bananeiras suscitavam naturalmente a idéa de que poderiam servir para improvisar um vestuário, n'aquelle subita revelação do pudor. Na Europa continuava no entanto a tradição, que seguia á letra o texto da *Vulgata*; e, entre outros, o nosso fr. Izidoro de Barreira, no seu curioso *Tractado da significação das plantas*, admite que aquelle folha do Paraíso fosse a da *figueira*, e dá-lhe a accepção de penitencia. D'estas duas tradições paralelas resultou sem duvida a persistencia com que os christãos do Oriente chamaram *figo á banana*, e que de certo se não pôde explicar pela similaridade dos dois fructos.

Identificou-se tambem a *banana* com o fructo da arvore, que estava ao meio do Paraíso, aquelle que Eva julgou, *bonum ... ad vescendum, et pulchrum oculis, aspectuque delectabile*. No interessante *Itinerario de Terra Sancta* de fr. Pantaleão de Aveiro², encontra-se indicado essa opinião como corrente nas terras orientaes. Fallando de algumas plantas, que viu na ilha de Chypre, diz assim:

“... e muita quantidade de musas, a que naquellas partes, e em todas as mais orientaes onde as ha, chamão por outro nome Pomum Paradiſi ... Dizem e affirmão os orientaes e palestinos ser aquella a arvore da qual comeo o nosso Padre Adão no Parayzo terreal, sendo-lhe vedada pelo Senhor Deos, movido de sua suavidade e fermosura ... e creo eu serem as bananas do nosso S. Thomé.”

Julgava-se encontrar a marca da origem divina, na cruz que se via em uma secção transversal do fructo; e á qual se refere tambem o nosso fr. Pantaleão. Seculos antes, fr. João de Marignolli dizia o mesmo, com mais intimativa: *et istud vidimus cum oculis nostris, quod ubicunque inciditur per transversum, in utraque parte incisuræ videtur imago hominis crucifixi.* O padre Vincenzo Maria é menos afirmativo, refugia-se em um compromisso, e explica, que na fructa da India se via unicamente a cruz, mas na fructa da Phenicia se podia distinguir a imagem do crucificado; e que, por isso, os christãos quebravam as bananas, sem nunca

¹ Este fr. João era minorita; mas não pôde ser o franciscano a quem Orta se refere, pois as suas recordações orientaes estavam então ineditas no manuscrito do *Chronicon Bohemorum*, e seguramente não chegaram ao conhecimento do nosso escriptor.

² Tambem este não pôde ser o franciscano citado, pois elle fez a peregrinação no anno de 1563, e publicou o livro annos depois.

as cortarem. Assim a folha da *bananeira* identificava-se por um lado com a folha da *figueira*, enquanto a *banana* se identificava por outro com a *maçã*. Fr. Pantaleão diz que lhe chamavam *pomum paradisi*; e em outros livros do tempo, como no de Aldrovando, vem aquelle nome *poma paradisea* aplicado ao fructo da maceira.

N'aqueellas interpretações criticas, que julgam ver nas palavras do *Genesis* sobre o primeiro peccado, uma allusão á attracção natural e mutua dos dois sexos, a significação phallica é geralmente attribuida á serpente. Agrippa de Colonia —citado por Gubernatis— dil-o muito claro: *Hunc serpentem non aliud arbitramur, quam sensibilem carnalemque affectum, imo quem recte dixerimus, ipsum carnalis concupiscentiae genitale viri membrum, membrum reptile, membrum serpens ... quod Eym tentavit atque decepit.* Circumstancia curiosa, houve quem no Oriente deslocasse esta significação, da serpente para o proprio fructo do *lignum vitae*, que julgavam ser a *banana*. O honesto e grave Rumphius diz o seguinte: *quum fructus refert membrum virile, cuius adspicere Eva in effrenam illam cupiditatem instigata fuit.*

Em resumo, vê-se que a opinião do franciscano citado por Orta, quem quer que elle fosse, não era uma opinião individual, e pelo contrario a expressão da crença corrente e vulgar em todas as terras do Oriente.

(Cf. *Genesis*, m; Maçudi, *Prairies*, 1, 61; Yule, *Cathay*, 352 e 360; Fr. Izidoro de Barreira, *Tract. da sign. das plantas*, 237, Lisboa, 1622; Fr. Pantaleão d'Aveiro, *Itin. de Terra Santa*, cap. x, pag. 32 v., Lisboa, 1596; Gubernatis, *Mythologie des plantes*, 1, 2 a 28; Rumphius, *Herb. Amb.*, v, 127.)

NOTA (4)

Foi sempre uma questão debatida e que excitou um certo interesse, o saber se os antigos escriptores conheceram a *bananeira*. Theophrasto, fallando das arvores da India, tem a seguinte passagem:

«Ha outra arvore, grande, tendo um fructo de incrivel grandeza e suavidade, do qual se alimentam os sabios da India que andam nús. Ha outra, tendo as folhas de forma oblonga, similhantes ás pendas das aves (*στρουθῶν πτεροῖς ἀμαλον*), e do tamanho de douz covados. Ha ainda outra, cujo fructo é longo, não recto mas torcido (*καρπὸς ... καὶ οὐκ εἰδός ἀλλὰ σκολιός*), e de gosto doce; este, porém, produz desynterias, pelo que Alexandre prohibiu que os seus soldados o comessem.»

É claro, que Theophrasto falla n'esta passagem de tres arvores; mas a primeira duvida é, se as tres são realmente distinctas, ou se elle, mal e imperfeitamente informado, distribuiu os caracteres de uma só pelas tres, misturando-lhe outros que lhe não pertenciam. Dos caracteres, uns quadram á *bananeira* e outros não. O fructo não é de incrivel

grandeza, se o considerarmos correctamente como sendo a *banana*; mas é de incrivel grandeza se tomaram como fructo o *caixo de bananas*. As folhas grandes existem na planta, ainda que as da *musa* tenham muito mais de dois covados. E aquele fructo doce, longo e curvado, parece ser exactamente a *banana*; mas, por outro lado, esta fornece uma alimentação sadia, e não é provavel que Alexandre a prohibisse aos seus soldados, enquanto outras fructas da India estariam n'este caso. Em resumo, parece haver aqui uma certa mescla de plantas; mas temos a impressão de que as phrases de Theophrasto assentam sobre algumas noticias incompletas da *bananeira*, trazidas da India pelos gregos do exercito.

Plinio tem um paragrapho, mil vezes citado e debatido, mas que será necessário citar mais uma vez. Diz assim: *Major alia: pomo et suavitate præcellentior, quo sapientes Indorum vivunt. Folium alas avium imitatur, longitudine trium cubitorum, latitudine duum. Fructum cortice mittit, admirabilem succi dulcedine, ut uno quaternos satiet. Arbori nomen palæ, pomo arienæ. Plurima est in Sydracis, expeditio num Alexandri termino. Est et alia similis huic, dulcior pomo, sed interaneorum valetudini infesta. Edixerat Alexander, ne quis agminis sui id pomo attingeret.* É evidente que Plinio leu Theophrasto, e em parte o traduziu. Junta-lhe, porém, algumas noticias suas, como o nome da arvore, *Pala*, e o nome do fructo, *Ariena*; e reune em uma só as duas primeiras arvores do botanico grego. A *Pala* tem sido geralmente identificada com a *bala* ou *vala* do Malabar, isto é, com a *bananeira*. O grande investigador das antiguidades indianas, Lassen, como o grande geographo Ritter, concordaram n'aquelle identificação. É certo, no entanto, que ella levanta algumas dificuldades. Modernamente Yule advogou uma identificação diversa, e supoz que a *Pala* fosse a *jagueira*, fundando-se em alguns dos caracteres citados, como no *fructum cortice mittit*, e no *uno quaternos satiet*. Apesar da engenhosa discussão de Yule, ainda nos resta a opinião de que os dois antigos escriptores tiveram alguma noticia da *bananeira*.

A questão era, porém, complicada, e não admira que o erudito medico francez, Jean de La Ruelle (Ruellio) desse «huma no cravo e quatro na ferradura», como lhe diz maliciosamente o nosso Orta.

(Cf. Theophrasto, *Hist. plantarum*, iv, 4, pag. 64 da edição Wimmer; Plinio, xii, 12; Yule e Burnell, *Glossary*, palavra *Jack*.)

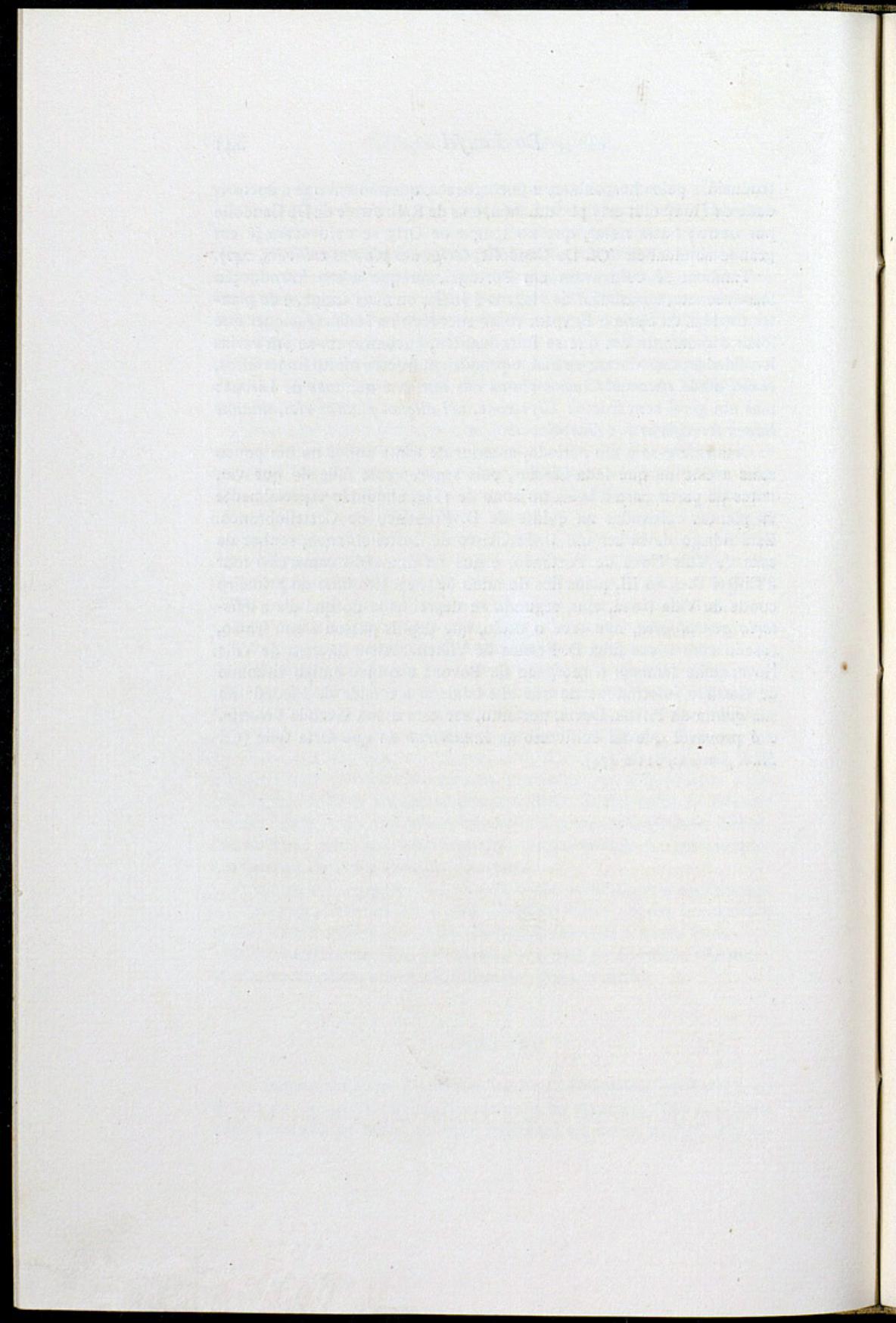
NOTA (5)

As *bananeiras* eram frequentes na Nova Hespanha, no Peru e no Brazil, ou em geral nas regiões quentes da America. Não vem para aqui a questão de saber, se eram indigenas ali, ou se haviam sido in-

troduzidas pelos hespanhoes e portuguezes, questão em que a auctoridade de Humboldt está por um lado, e as de R. Brown e de De Candolle por outro; basta notar, que no tempo de Orta se cultivavam já em grande abundancia (Cf. De Candolle, *Orig. des plantes cultivées*, 242).

Tambem se cultivavam em Portugal, ou que a sua introducção fosse recente, e posterior ás viagens á India, ou mais antiga, e de plantas trazidas da Syria e Egypto, como sucedeua na Italia. Qualquer que fosse o momento em que se introduziram, encontravam-se em varias localidades; mas davam-se mal, e produziam fructos muito imperfeitos, como ainda sucede. Clusius viu-as nas hortas e quintaes de Lisboa; mas em geral sem fructo: *Ulysipone, ubi aliquot plantas vidi, minimè tamen fructiferas ... (Exotic., 230)*.

Orta refere-se a um periodo, anterior de trinta annos ou um pouco mais a este de que falla Clusius, pois seguramente falla do que viu, antes de partir para a India no anno de 1534, alludindo especialmente ás plantas cultivadas na quinta de D. Francisco de Castellobranco. Este fidalgo devia ser um D. Francisco de Castellobranco, senhor da casa de Villa Nova de Portimão, e que foi nomeado camareiro mór d'El-Rei D. João III, pelos fins do anno de 1527. Era filho do primeiro conde de Villa Nova, mas, segundo se deprehende do que diz a *História genealogica*, não teve o titulo, que depois passou a seu irmão, casado com a sua filha D. Branca de Vilhena. Alem da casa de Villa Nova, tinha tambem o morgado da Povoa; e o meu amigo visconde de Castilho informa-me de que elle edificou a ermida da Piedade na sua quinta da Povoa. Devia, portanto, ser esta a sua vivenda favorita, e é provavel que ali cultivasse as *bananeiras* de que Orta falla (Cf. *Hist. gen.*, xi, 311 e 474).



COLOQUIO VIGESIMO TERCEIRO

DO FOLIO INDO OU FOLHA DA INDIA

INTERLOCUTORES

RUANO, ORTA, SERVA

RUANO

Sam muito bem alembrado que me dixestes, falando no *betre**, que não era *folio indo*; e foy isto cousa pera my de muito preço; porque os fisicos, que muito presumem saber dos que destas partes foram, o dizem ser; e o que mais he, os modernos escritores e o Laguna lhe chamão em suas escrituras *tembul*, e dizem que asi lhe chamão os Mauritanos. Ora pois me prometestes dizer que cousa era o *folio indo*, e provar ser cousa diversa, e a ordem o pede, dizeimo.

ORTA

De serem cousas diversas he craro, como vos dixe, pois Aviçena faz douis capitulos, scilicet, o de *folio indo* que he 259, e do *tambul* que he 707**; nisto não ha que falar, porque o de *folio indo* chamasse *cadegi indi*, e o de *betre, tambul*. E *betre* já vos dixe como chamavam os Indios, e o *folio indo* lhe chamão os Indios *tamalapatra*, e os Gregos e Latinos corrompidamente lhe chamaram *malabatum****. E *cadegi indi* em arabio quer dizer *folha da India*; e Aviçena foy traduto da propria maneira que está no arabio, e *lingoa de vaca*, e *lingoa de passaro*, e *melam da India*, asi está no arabio, scilicet, esses nomes que igualmente significam o mesmo: asi

* Veja-se a nota á pag. 325.

** O cap. do *tembul* em Avicenna é 709.

*** Dioscorides, Liv. I, cap. 11; Plinio; Galenus, Simplicium medicamentorum (nota do auctor).

folio indo não se chama *folio* per excelencia, somente porque está asi *folio indo*; e se o quereis ver logo volo amos-trarei. Moça traze cá aquellas folhas, que trouxe da botica na algibeira.

SERVA

Eilas aqui.

ORTA

Que vos parece?

RUANO

Pareçeme folhas de laranjeira, senam que sam mais agudas: a cor he verde escura, tem pelo meio hum nervo e dous outros que o acompanham até á ponta, que he signal pera ser bem conhecida quando outra vez a vir.

ORTA

Cheirai: o cheiro he muito suave, e nam he tam forte como o do *espiquenardo*, nem como o da maçan; cheira tam bem como cravo, nem he tam agudo cheiro como canella.

RUANO

Dizeime a feiçam do arvore, que nam pareçem estas folhas cousa que está sobre a agoa, como as que chamam lentilhas de agoa, como decraram todos a Dioscorides; porque Dioscorides diz á maneira de lentilha.

ORTA

A Dioscorides e a Plinio foi dada falsa enformaçam, por-que estas folhas naçem em huma arvore grande, longe donde ha alagoas, e nam dentro das alagoas; o arvore que dá este *folio* indo* em outros cabos o ha tambem; e asi o ha em Cambaia, e os buticairos (a que chamam *gandis*) que vendem mézinhas, como lhe perguntardes per *tamalapatra*, logo vos entenderam; porque he lingoa da terra e o chamam asi.

* Orta escreve umas vezes «*folio indo*», e outras «*folium indu*»; re-duzimos tudo á mesma fórmula.

RUANO

Logo enganados viviamos nesta mézinha, como em outras muitas até agora; na terra do Preste Joam diz hum frade de San Francisco, que fez *Modus faciendi*, que o ha; e que ás suas mãos veo ter este *folio indo*, e que vinha intitulado *folhas do arvore da canella*: e que nam lhe parecia folhas naciadas em agoa, senam em arvore, que em seu defeito* (pois o não ha) he bem que ponham o *espique ou maça*.

ORTA

Bem podiam ser folhas de *canella* aquellas, e não he muito deferente *folio indo* della; senam que a de *canella* he mais estreita e menos aguda, e nam tem aquelles nervos que tem o *folio indo*; mas nem *canella* nem *folio indo* ha nas terras do Preste Joam; nem tal ouvi dizer, perguntando a quantos lá andaram; e quanto he ao que poram em seu logar, dirvoloeys ao cabo.

RUANO

Dioscorides diz que alguns, pollo cheiro, dixeram ser folha do arvore do *espiquenardo*, por a semelhança do cheiro; e que como o colhem, o passam com um fio; enfiadas as folhas as tem e as guardam pera as vender; e que as lagôas sequas, onde se isto dá, sam queimadas, porque senam sam queimadas não naçe mais isto nellas; e que o melhor he mais novo e inteiro; e que de branco vaise sendo preto; e que com o cheiro fira a cabeça, que muyto tempo permaneça neste cheiro; e que imite ao *nardo*, e nam tenha gosto de sal.

ORTA

O cheiro bem vedes que nam he tam forte como o do *nardo*, que he mais suave; e o *nardo* nam he arvore; e a maneira de colher não he asi, senão colhem as folhas, e dellas fazem fardos, e os levam a vender. E pois nam nasçem nas alagoas, não he rezam que se queimem pera nascer outro;

* «Defeito» por falta, como o francez *défaut*.

e todas as terras que se am de semear queimam-se; mas não todas as outras, e as que não se queimão nam leixa por isso de naçer erva nellas. A cor he verde craro; e as coussas que se guardam não ficam tam craras, chegamse mais a preto que a verde escuro; e nam tem cheiro de *salva* algum delles, e he verdade que o inteiro he melhor, porque tem a virtude mais conservada, nem o cheiro fere a cabeça tanto como os outros cheiros; e postoque Autuario diga que os Mouros lhe chamam *tembul*, tambem se enganou como outros.

RUANO

Plinio diz* que o ha em Siria em folhas retortas, donde sae o olio pera o unguento; e que em Egipto ha mais abundancia delle; e que o mais louvado vem da India; e que se gera sobre agoa; e que cheira mais que o *açafram*; e que o mais sabe a *salva* e cheira, e o somenos na bondade he mais craro e melhor, que he semelhante ao *nardo*; e que deitado em vinho excede todos os cheiros; e que o preço delle foy cousa milagrosa, scilicet, até trezentas livras e do olio até 60 livras**. Isto diz Plinio, ao qual responda e satisfaça.

ORTA

Avôlo em Siria e em Egipto nam o sey; mas tive amizade com fisicos do Cairo e de Damasco, scilicet, de Alepo, e todos me dixeram que o não havia na Siria, nem em Egipto; nem cheira tanto como *açafram*, nem como o *nardo*, nem he cousa do *nardo*, porque o *nardo* vem de duzentas legoas donde he este seco, posto que lá o pôde aver; e mais *nardo* he cousa que se semea, e este he arvore agreste e grande. E das outras cousas da eleiçam delle já respondi confutando a Dioscorides; e que o cheiro no vinho fervido no *folio indo* preceda todos os cheiros, seria iso em seu tempo; porque

* Plinio, lib. 12, cap. 26 (nota do auctor).

** Na edição de Goa está 600, mas deve ler-se 60; veja-se a nota (1).

não avia entonçes *beijoim de boninas*, nem *ambar*, nem *almocre*, nem *calambuco*, como agora ha; porque as cousas da policia vam em crecimento, e pôde ser que as de vertude não tanto; por onde nunca mais creais que se perderam cousas de cheiro; e asi como *cinamomo*, em que aprofiaveis os dias passados, porque o mundo he mais descoberto, e a gente tem a condiçam que dise.

RUANO

Galen, nem Rasis, não dizem cousa de novo, somente ter a vertude do *espique*. Aviçena* diz que he chegado a esta mesma virtude, e que as folhas sam as de *saisifrão*, e que nasce em agoa e terra çenosa, sem ter raiz, á maneira de lentilha de agoa, onde alguns cuidaram que era asi como folha de *golfam*; e que o seu olio tem a vertude do *laserpicium*, e do *olio de açafram*, e que he mais forte.

ORTA

Todo mais diso he provado ser falso em Dioscorides e Plinio, por onde não he necessario mais responder; porque Aviçena e Serapio e Rasis não souberam mais nesta mézinha alem dos Gregos, somente saberem que *malabatum* ácerca dos Gregos era *folio indo*, e trasladaram o que diseram os Gregos, somente acrescentando algumas cousas em dizer o pera que aproveitava; e todos dizem que aproveita pera provocar a orina, e pera o cheiro máo da boca, e que conserva os panos, e defendeos da traça; e per derradeiro dizem que aproveita pera todas as cousas, como o *espiquenardo*.

RUANO

Estes escritores modernos huns confessam que o não conhecem, nem o viram, e estes, a meu juizo, falam melhor; outros dizem que viram em seu lugar deitar folhas do arvore do *cravo*, outros da *canella*; porque o autor que fez

* Avicenna, 661, Serapio (nota do auctor). Tudo quanto Orta repete vem no capitulo 259, correctamente citado na pagina anterior.

Luminare majus diz que hum mercador lhe vendera folhas de *cravo*, e dixe que aquillo era *folio indo*, o outro franciscano que açima dixe, diz que lhe derão por elle folhas de *canella*. Antonio Musa diz que o vio em Veneza, e que lhe amostraram o *folio indo* da Siria, e o *folio indo* da India, e porém que elle os nam conheceo: declarayme isto, e que poremos em seu lugar lá em Espanha, faleçendonos o *folio indo*, como nos faleçe.

ORTA

O que dixe que vira folhas de *cravo* me parece que nam dixe bem, porque donde naçe o *cravo* até onde naçe o *folio indo* he viagem de douss annos de caminho; e o que dixe das folhas de *canella*, pudia ser que yriam lá mesturadas com a *canella*: e quanto he ao que poram em seu lugar, eu queria que levassem de qua tanto *folio indo* que bastase* toda a Europa. E facilmente se podia levar de qua; mas já que o nam levam, usem folhas de *canella* em seu lugar; e nam as achando da *canella* sequa ou do *espi-quenardo*, *maça* não ponham em seu lugar, porque nam he tam semelhante a elle como as outras mézinhas. Aviçena manda pôr em seu lugar tambem *thalisafar*, segundo emenda André Belunensis; mas eu nam conheço esta mézinha, nem me parece semelhante ao *folio indo*; e deste parecer he Mateolo Senense, contra hum moderno escritor.

* Deve ler-se, «que bastase a toda»; ou antes talvez que «abastase toda».

NOTA (1)

A droga, chamada por Orta «*folio indo*», ou «*folha da India*», é ainda conhecida e usada n'aquelle região, e consiste nas folhas secas de uma ou mais especies do genero *Cinnamomum*. Estas folhas, oblongo-lanceoladas, percorridas da base ao apice por tres nervuras bem apparentes, foram tão exactamente descriptas pelo nosso auctor, que nenhuma duvida pôde restar sobre a sua identificação, independentemente mesmo dos nomes vulgares, a que logo nos referiremos.

Diz-nos Dymock, que aquellas folhas se encontram ainda hoje nas lojas de todos os droguistas da India; são consideradas um medicamento estimulante, carminativo, diuretico, diaphoretico, etc.; e são vulgarmente designadas pelo nome de *tajpát* ou *tejpát*. Julga-se em geral que o *tejpát* procede da especie *Cinnamomum Tamala*, Nees ab Es., ainda que parte se atribue tambem ao *C. nitidum*, Hooker e Blume, e a outras especies. Todas estas plantas são arvores de dimensões regulares, como bem advertiu Orta; e não vivem em lagoas ou logares pantanosos, mas pelo contrario nas florestas das regiões montanhosas. O *C. Tamala*, por exemplo, é particularmente abundante nas serras de Khasya, e nas regiões vizinhas de Silhet e Nepaul (Cf. Dymock, *Mat. med.*, 670; Guibourt, *Hist. des drogues*, II, 413; *Pharmacographia*, 480; *Pharmac. of India*, 196).

Orta cita apenas dois nomes vulgares, ambos bem conhecidos como tendo sido applicados á mesma droga, e que, portanto, confirmam a identificação resultante das suas notas descriptivas:

— «*Tamalapatra*» entre os indios. Este nome significa *folha de tamala*, pois *pátrra* quer dizer folha em sanskrito. O nome de *tamala* foi dado antigamente na India a uma ou a mais especies de *Cinnamomum*; e em uma lista de nomes vulgares, publicada pelo celebre indianista sir William Jones nos fins do seculo passado, encontrâmos ainda *Tama'la* como o nome do *Laurus* (hoje *Cinnamomum*). Depois, ao que parece, aquella designação caiu em desuso, e foi substituida pela de *tejpát*, simplificação de *tej-pattra*, que se diz significar *folha pungente* (Cf. *Asiatic researches*, vol. IV (1799), p. 235; Dymock, l. c.).

— «*Cadegi indi*» em arabio. Deve ler-se *cadegi indi*, e é o conhecido nome arabico سادج, *sadadj*, seguido do qualificativo هندي, *hindi*.

O *folio indo* de Orta é, portanto, e sem a menor duvida, o *sadadj hindi* dos arabes, e o *tamala pattra* dos antigos indianos; e esta droga era, segundo todas as probabilidades, o *μαλαθρόν* de Dioscorides, e o *malobathron* de Plinio. Em primeiro logar, o nome grego é uma derivação simples e facil de *tamala pattra*; e em segundo, vê-se que Dioscorides tem um conhecimento bastante exacto da droga. Cita as suas propriedades medicinaes, analogas ás que os orientaes lhe attribuem; e aponta o emprego das folhas para preservar a roupa da traça, um habito ainda conservado na India. O erudito e zeloso commentador de Dioscorides, Sprengel, admitte esta identificação; e reconhece quanto as investigações do nosso Orta esclareceram aquele ponto duvidoso: *obscuro huic loco lucem primus attulit Garcias, dum Cassiae esse folium perhiberet.*

É claro ao mesmo tempo, que Dioscorides tinha as mais incompletas e erradas noticias sobre a planta de que a droga procedia. Suppõe ser uma planta aquatica; diz-nos que as suas folhas se encontravam fluctuando sobre as aguas; e dá-nos outras informaçōes igualmente

desviadas da verdade. Orta, com a sua experiença pessoal, não tem dificuldade em rectificar estes enganos, que eram naturalissimos. Dioscorides podia ver as *folhas* no mercado de Alexandria; mas seguramente não encontrava quem lhe descrevesse as arvores, que habitavam nas remotas regiões da India central, então pouco menos de desconhecidas.

A noticia de Plinio é ainda mais incorrecta que a de Dioscorides. Dá-nos aquella curiosa e interessante informação sobre os preços da droga, textualmente citada pelo nosso escriptor: *in pretio quidem prodigo simile est a X. singulis ad X. ccc pervenire libras: oleum autem ipsum in libras, X. LX.* Mas depois repete o que o auctor grego diz erradamente sobre o *habitat* aquático da planta; e quando nos falla do oleo que se extrahia da folha, e do seu subtilissimo perfume —a *tamala pattræ* é quasi inodora— leva-nos a crer, que confundia sob um nome mal applicado drogas diversas, e que hoje é difficil saber quaes fossem. É igualmente inexacto sobre a procedencia do *malobathron*, citando a Syria, o Egypto, e apenas vagamente a India.

No entanto, um contemporaneo de Dioscorides e de Plinio, mas tendo mais immediato conhecimento do Oriente do que elles, o auctor do *Periplo*, dá, sob uma forma fabulosa e singular, uma indicação muito chegada á verdade, pelo que diz respeito ás regiões d'onde vinha o *malabathrum*. Diz que uns certos povos de diminuta estatura, os *Sesadæ*, habitando nas fronteiras de uma grande região, que parece ser a China, usavam celebrar uma festa nos confins das suas terras. Traziam consigo cargas de folhas e ramos, que depois, quando se retiravam, ficavam espalhadas pelo chão. Vinham então os outros povos da vizinhança, recolhiam aquelles ramos, e grupavam as folhas pelas suas grandezas em tres sortes: *hadrosphærum*, *mesosphærum* e *microsphærum malabathrum*. Estas eram as tres qualidades de *malabathrum*, que aquelles povos traziam a vender á India. Se despirmos a historia das suas circumstancias fabulosas, fica-nos a indicação de que a droga vinha das regiões intermedias entre a India e a China; e é justamente por ahí, Nepaul, e vertentes proximas do Himalaya, que varias especies de *Cinnamomum*, por exemplo o *C. Tamala*, se encontram ainda hoje. É bem possivel que algumas tribus da montanha, das que constituem a complicada ethnographia da grande cordilheira asiatica, se occupassem especialmente na colheita das folhas de *tamala*, e vendessem a droga aos mercadores indianos, os quaes a traziam aos portos do Malabar, frequentados pelos antigos navegadores do mar Vermelho. A noticia do *Periplo*, embora envolvida em circumstancias de phantasia, é pois claramente favoravel á identificação do *malabathrum* dos antigos com a *tamala pattræ* da India.

(Cf. Dioscorides, I, 11, vol. I, p. 21 e vol. II, p. 348, ed. Sprengel; Plinio, XII, 59, e XXIII, 48; Muller, *Geogr. Gr. Minores*, I, 303.)

Alem de corrigir os erros de Dioscorides e de Plinio, em grande parte ainda seguidos por Avicenna e outros arabes, Garcia da Orta teve de deslindar uma confusão de origem mais moderna.

Em seguida ás viagens portuguezas, ou talvez mesmo antes, houve quem julgasse que o *tembul* era identico á *tamalapatra*. Este erro era naturalissimo. Os viajantes sabiam que havia na India uma droga ou substancia, tida em grande conta, e chamada por excellencia a *folha*, ou a *folha da India*. Quando ao chegarem ali, encontraram uma folha em uso constante, offerecida ceremoniosamente aos hospedes, e ocupando um logar saliente nos habitos typicos da região, elles tomaram essa folha, que era o *betle*, *tembul*, ou *pan* (a folha do *Piper Betle*), como sendo a celebre *folha da India*. Todos se enganaram, mesmo os mais minuciosos e os mais exactos; Duarte Barbosa tambem suppõe que o *betele* é a *folha da India*. A confusão persistiu muito tempo. Ramusio, no fim do *Sommario de regni città*, dá a figura da *foglia detta Betelle*; mas é curioso que a sua figura se não parece nem de longe com a folha do *Piper*, e é pelo contrario uma representação bastante exacta da folha do *Cinnamomum*. Das relações dos viajantes, a confusão passou para as obras de materia medica, a de Laguna e outras. Quando Garcia da Orta foi para a India e viu o *tembul*, caíu no mesmo erro. Depois —como conta em outro *Coloquio*— o seu amigo Nizam Scháh explicou-lhe que eram cousas muito diferentes, e elle fez então a distincção correcta entre as duas folhas, que são absolutamente diversas. Conheceu depois perfeitamente o *betre* ou *tembul*, a cujo uso nunca se pôde habituar; e conheceu tambem a *tamalapatra*, que encontrava em todas as boticas indianas, d'onde —como nos diz— trazia alguns exemplares na algibeira. É singular, que este *Coloquio*, em que a distincção foi feita tão explicita e claramente, escapasse ás investigações do eruditissimo dr. Vincent, o qual ainda no nosso seculo tomava o *tamalapatrae* o *tembul* como sendo a mesma cousa.

(Cf. Ramusio, *Delle navig.*, I, 337 v.; Yule, *Cathay*, cxlv; Yule e Burnell, *Glossary*, palavra *Malabathrum*.)

O *tejpát* continua a ser usado na materia medica india; mas deixou ha muito de figurar na europea. No tempo de Orta, porém, vinha em quantidades consideraveis para o Occidente, posto que elle diz que podia vir muito mais. Vinha principalmente a Veneza, onde Antonio Musa o viu, e onde o viu tambem o dr. Paludano: *plurimum transfertur, præcipue Venetias*. No fim do seculo xvii ainda Pomet dizia, *j'avoue en avoir bien vu et bien vendu ... por onde se vê*, que continuava a ser uma droga procurada (Cf. Linschoten, *Navig.*, 84; Pomet, *Hist. des drogues*, I, 160, 2^{ème} édition).

Nas substancias que se podiam empregar como *sucedaneos* do «folio indo» é Orta correcto, arredando completamente a folha do *cravo*



e a *maça*, que effectivamente são cousas absolutamente diversas; e admittindo que se podesse usar da *folha da canela*, que na realidade é muito analoga. Por ultimo declara não conhecer o «thalisafar», que —segundo Avicenna— se podia substituir ao «folio indo». Este «thalisafar» ou *talisfar* é de difícil identificação; mas d'elle teremos ainda de fallar em mais de uma nota.

NOTA (2)

Orta cita n'este *Coloquio* um frade franciscano «que fez *Modus faciendi*», e um escriptor «que fez *Luminare majus*». Estes livros, mencionados assim brevemente e sem nome de auctor, são difficeis de encontrar; e devo dizer que, apesar das minhas pesquisas, em que fui auxiliado por pessoas muito competentes, me é impossivel dar qualquer indicação sobre o *Luminare majus*.

O *Modus faciendi* julgo ser o *Modum faciendi in medicina*, escripto por fr. Bernardino de Laredo, leigo minorita da provincia dos Anjos, e que, antes de entrar em religião, havia sido medico. Ha, porém, uma dificuldade. Tanto fr. Lucas Wadding, nos *Scriptores ordinis minorum*, p. 56, como Nicolau Antonio na *Bibliotheca Hispana*, p. 170, citam apenas uma edição de Alcalá de Henares do anno de 1617 (Compluti, 1617). É claro que o nosso Orta não viu nem podia ver tal edição. Fr. Bernardino de Laredo viveu, no entanto, muito antes de Orta, e deve ter escripto nos primeiros annos do seculo xvi. Nicolau Antonio, que o dá como hespanhol e natural de Sevilha, cita na sua *Bibliotheca Hispana nova* o manuscrito da *Bibliotheca lusitana* de Jorge Cardoso¹, o qual suppunha que fr. Bernardino fosse portuguez, e affirma que fôra medico de D. João II de Portugal: *medicinæ doctor et Joannis II Portugalliarum regis medicus, uti legimus in schedis mss. Georgii Cardosi, qui ipse lusitanum existimabat, inde forsitan quod in Lusitaniam vixisset*. Sendo isto assim, é bem possivel que Orta conhecesse a obra; ou que existisse uma edição anterior á de 1617, e que os bibliographos não conheciam; ou que elle visse em Portugal alguma copia manu-scripta.

É claro que todas as duvidas se desvaneceriam, consultando a obra e procurando lá a affirmatione citada por Orta; mas não me foi possivel encontrar nas bibliothecas de Lisboa o *Modum faciendi*.

¹ Estas notas manuscritas perderam-se, mas foram vistas e consultadas por varios eruditos do seculo passado. No meu exemplar da primeira edição de Nicolau Antonio, annotado, creio eu, por meu bisavô, Antonio de Mello, ou pelo seu amigo o bispo Cenaculo, vem uma nota manuscrita marginal, onde não só se aponta o que disse Jorge Cardoso de fr. Bernardino de Laredo, mas se marca o sitio e a pagina do mss. (tom. I.^o, fol. 44), indicação que se não encontra na passagem citada da 2.^a edição de Nicolau Antonio. É claro, pois, que o annotador, quem quer que fosse, havia visto o manuscrito.

COLOQUIO VIGESIMO QUARTO

DE DUAS MANEIRAS DE GALANGA

INTERLOCUTORES

RUANO, ORTA

RUANO

Galanga he huma mézinha muyto necessaria; e posto que eu pera my tenho que os Gregos a não conhiceram, ao menos debaixo d'este nome, he muyto necessaria em todas as boticas: falemos nella hum pouco.

ORTA

O nome he em arabio *calvegiam*, e ainda que acheis por todollos Mauritanos escrito *chamligiam* ou *galungem*, como Serapio* lido corrutamente escreve, nam lhe deis fé; porque todos os Arabios lhe chamão asi. E esta que chamamos *galanga* he de duas maneiras, scilicet, huma pequena, muyto cheirosa, trazida da China a estas terras, e daqui pera Portugal e pera outros cabos do ponente: a esta chamão na China *lavandou*. E ha outra mais grande, achada na Jaoa, chamada ácerca delles *lancuaž*; esta he grande, e não tam cheirosa nem tam aromatica como a primeira; e porém ambas chamamos nós outros os de qua da India *lancuaž*. A primeira pequena he huma frutiçe ou mata de dous palmos em comprimento; tem folhas como murta; dizem os Chins que naçe sem ser prantada; e a maior que naçe na Jaoa he da altura de çinquo palmos; faz as raizes grandes, e tem nós como cana, e tambem a outra da China tem asi; e esta da Java tem folhas à feiçam de huma grande lança, e floreçe com flor branca; deita sementes, mas nam

* Serapio, cap. 332 (nota do auctor).

se semea com ellas, ainda que nesta terra he semeada nas ortas em pouca quantidade, scilicet, aquillo que se gasta na terra em saladas e em mézinhas da gente india, principalmente da que vem da Jaoa, que sam as parteiras (a que chamão *daias*) e tem cá officio de fisicos*. Semease das rai-zes della mesma, como o *gengivre*, e nam doutra maneira**; ainda que acheis escrito o contrario não o creais; porque nem Avicena, nem Serapiam, nem outros Arabios tiveram della noticia somente confusa; e porque era de duas ma-neiras, postoque a primeira da China he mais louvada, nam falaram nisto como homens que sabiam disto bem, senam (como se soe dizer) ás apalpadellas; e já pode ser que esta seja a causa porque Avicena escreve della dous capitulos, scilicet, hum 321 debaixo do nome de *calungiam*; e outro 196 debaixo do nome de *caserhendar*; e qual destas seja a da China, de que mais usamos, ou qual seja a de Java de que menos usamos, não o sey, porque elles nam escrévem senam duvidando; e porque falam desta maneira, asaz será pera vós conhacerdes ambas de vista, asi sequas como verdes; porque eu volas amostrarey oje.

RUANO

O Belunense, no seu Dicionairo, diz que Aviçena escreve de ambas, e que nam he mais de huma; e a causa he porque nas couzas duvidosas faz 2 capitulos; porque o que se deixou de escrever em hum, se escreva em outro.

ORTA

Antes faz isso onde acha duvida; e a mi me parece que vyo estas duas maneiras de *galaniga*, e por isso fez 2 capi-

* Esta noticia, de que as parteiras javanezas vinham para a India exercer o seu officio, é interessante, e só a encontrei no nosso escri-
ptor.

** Propagava-se pelos rhizomas, e isto explica a phrase de Orta:
semeaya-se mas não com as sementes.

tulos; e pois somos certos da mézinha, não façamos tanto caso dos nomes.

RUANO

Pois Dioscorides não fala neste simple, nem os Gregos, posto que o alega o Pandetario, e os Arabios escrevem pouco e duvidoso, como dizeis, será rezam que siguamos os modernos, no que bem falarem. Antonio Musa curioso e bem entendido, diz que a Lioniçeno lhe pareçeo que esta, que nas boticas chamamos *galanga*, he *acoro*, porque o que usamos por *acoro*, que he huma raiz de *espaldana*, não o parece ser, por ser raiz sem cheiro, nem sabor quente e agudo (condições que sam neçesarias pera o *acoro* que nós falsamente chamamos *espaldana*): e diz que o mesmo lhe parece a elle, considerando a *galanga* com seu cheiro e sabor.

ORTA

Já vos dixe, falando no *calamo aromatico*, que o *acoro* não era *calamo aromatico*, e asi vereis as razões em que me fundei; e mais o *acoro* he amargoso em sabor, e o *calamo aromatico* he agudo em sabor; e mais o *acoro* he raiz de cor branca, e o *calamo aromatico* he mais amarollo. Agora vos diguo que a *galanga* he muito menos pera se dizer della que he o *acoro*; porque a *galanga* he mais quente e com mais suave cheiro; e as cousas pera que aproveita a *galanga*, tiradas dos Arabios que escrevem dellas, nam sam aquellas pera que aproveita o *acoro*; porque as da *galanga* sam pera o estamago, e pera o mau cheiro da boca, as do *acoro* sam pera o cerebro e pera os nervos; e lembra-me que, curando o Nizamoxa de hum tremor, nunqua os fisicos fizeram menção da *galanga*; nem Antonio Musa teve isso, senam porque nam conheceo o naçimento da *galanga*.

RUANO

Pois os Frades italianos, que escreveram, dizem que mais verdadeiramente a *galanga* que usamos he raiz de *esquiananto*.

ORTA

Isto quanto seja alheo de razam o podeis bem ver; porque o *esquinanto* naçe em grande soma na Arabia, scilicet, em Mascate e Calaiate*, e a China e Jaoa** são muito longe destas partes; e mais o *esquinanto* tem raiz muito mais pequena.

RUANO

Menardo, e os Frades que escreveram sobre Mesue, dizem que o *calamo aromatico* he *acoro*; e o que chamamos *acoro* não o he: por amor de mim que me digais se achandovos em Espanha se usarieis do *acoro* que chamamos, pois o há; e se o não avieis de usar, que porieis em seu lugar?

ORTA

Se me eu acháse em Galacia que ha verdadeiro *acoro*, e se o prováse e lhe acháse as condições que delle escrevem os autores, usálohia; mas se o eu visse tal como o que chamamos em Portugal *espadana*, não usaria delle, e poria em seu lugar *calamo aromatico*, e não já *galanga*; isto sem dúvida nenhuma; porque mais me inclino ao *calamo* servir por *acoro*, que a *galanga*; e tenho mais rezam, como já vos dixe; e mais nesta terra usam delle as enfermidades dos nervos, e não de *galanga* (1).

RUANO

Tomarei vosso conselho, levandome Deos a Espanha.

* «Caliate» na ed. de Goa.

** A orthographia de Orta em todo este *Coloquio* é Jaua, que poderia ler-se Java; mas em outras passagens escreve Jaoa, e esta era a pronuncia habitual por aquelles tempos.

NOTA (1)

Este *Coloquio* é scientificamente interessante, porque Garcia da Orta estabelece n'elle pela primeira vez a distincção entre as duas espécies

de galanga que se encontravam no commerçio. E um dos mais zelosos e eruditos pharmacologistas modernos, Daniel Hanbury, reconhece esse interesse nas seguintes palavras: *Garcia d'Orta ... is, I think, the first writer to point out (1563) that there are two sorts of galangal—the one, as he says, of smaller size and more potent virtues brought from China, the other a thicker and less aromatic rhizome produced in Java. This distinction is perfectly correct (Science papers, 373).*

A primeira, ou a da China (*Radix Galangæ minoris*), é o rhizoma da *Alpinia officinarum*, Hance. Posto que a droga fosse conhecida de tempos antigos, a planta só foi botanicamente descripta no anno de 1870, em uma communicação feita á Sociedade Linneana de Londres pelo dr. Hance, que havia examinado specimens colhidos no norte de Hai-nan. Inutil será dizer, que Orta andava mal informado, quando atribuia áquella *Scitaminea* «folhas como murta». Pelo contrario, quando falla do rhizoma, que viu, é correcto dizendo, que tem «nós como cana», e é mais pequeno e aromatico do que o da especie seguinte.

A galanga maior, ou de Java (*Radix Galangæ majoris*), é produzida pela especie *Alpinia Galanga*, Wild. (*Maranta Galanga*, Linn.). São exactas as indicações de Orta, sobre as suas «folhas á feiçam de uma grande lança», e sobre as flores de côr branca. E são exactas, porque elle n'este caso não curava por informações, mas havia visto a planta, semeada — como diz — nas hortas de Goa.

A galanga menor ainda figura no commerçio da Europa, posto que o seu uso medicinal esteja quasi abandonado, sendo apenas empregada como um condimento stimulante, principalmente na Russia. Na India, encontram-se nos mercados as duas especies, vindo esta menor da China, e a maior de Java ou do sul e leste da mesma India, onde hoje se cultiva.

(Cf. *J. of the Linn. Soc.*, xiii (1873), 6; *Pharmac.*, 580; D. Hanbury, *Science papers*, 370; Dymock, *Mat. med.*, 774; uma boa descripção da *A. Galanga*, em Roxburgh, *Fl. Ind.*, 1, 59; e Rumphius, *Herb. Amb.*, v, 143.)

Vejamos agora os nomes vulgares, indicados por Orta:
 — «Calvegiā» entre os arabes. O nome arabico d'esta droga é خولنجان, que se deve ler *khulandjan*, mas nas transcripções mediaevas incorrectas podia dar logar a todas as fórmas mencionadas pelo nosso escriptor. Dymock aponta um nome sanskrito *kulinjana*, supondo-o corrompido do arabico; mas Flückiger cita o nome chin *kau-liang kiang*, d'onde pôde derivar tanto o sanscritico, como o arabico. É claro, que de todos estes nomes, passando pelo *galungen* da versão de Serapio, deve vir a palavra *galanga* (Cf. Dymock, l. c; Ainslie, *Mat. ind.*, 1, 140; *Exotic.*, 251, *Pharmac.*, 580).

— «Lauandou» na China, naturalmente á forma menor que d'ali vinha. No livro de Ainslie, encontrâmos o mesmo nome *louandon*, mas sem indicação da auctoridade em que se funda (Cf. Ainslie, l. c.).

— «Lancuaz» em Java. Esta designação é bem conhecida, e vem citada por Ainslie e Rumphius nas fórmas *lancquas* e *lanquas*. Os malayos chamam tambem *lanquas* á *galanga menor* da China, distinguindo-a pela designação de *lanquas-kitsjil* (Ainslie, l. c; Rumphius, l. c.).

Avicenna fallou d'esta droga, o que era natural, pois foi bem conhecida dos arabes, e vem já mencionada por Ibn Khurdádbah no ix seculo; assim como vem repetidas vezes citada pelos ultimos auctores gregos, como Nicolau Myrepso e Auctuario. É certo, porém, que os seus dois capitulos, 196 e 321, são muito curtos, muito confusos, e de modo nenhum indicam que elle distinguisse nem clara, nem mesmo approximadamente as duas especies de *galanga*.

Na ultima parte do *Coloquio*, Orta volta ainda ás confusões feitas pelos auctores antigos e seus contemporaneos entre *acoro*, *calamo aromatico* e *galanga*, discussão a que já nos referimos a proposito do *calamo*, e que não tem interesse especial.

COLOQUIO VIGESIMO QUINTO

DO CRAVO

INTERLOCUTORES

RUANO, ORTA

RUANO

Do *gariofilo* falemos; pois he pera essas partes donde vem a *galanga*.

ORTA

Esqueçeovos de falarmos nelle na letra c; porque o bom latim he *cariofilo*, e o máo latim he *gariofilo*, segundo podeis ver em estes modernos que escrevem.

RUANO

Não tenho que ver com isso, porque asi o aprendi toda minha vida.

ORTA

E se vos mostrar em Plinio chamarlhe asi, que direis*?

RUANO

Que confesso ser mais latino, mas o uso me desculpa.

ORTA

Os vossos Gregos nam falaram neste *gariofilo*, somente Paulo Egineta, que diz que he folha de *noz*; porque o *gariofilo* asi se decrara que tem folha de *noz***; mas este nam

* Nas duas edições de Plinio, que tenho á mão, isto é, na de Sigismundus Galenius de 1549, e na de Littré de 1848, está escrito *garophyllum* e *garyophyllum*; mas pôde talvez em alguma edição anterior encontrar-se *caryophyllum*.

** Supondo a palavra derivada de *κάρπων* e de *φύλλον*; mas ainda assim o sentido não seria exactamente o que Orta indica; veja-se a nota (1).

parece que o conheceo. E asi o diz Serapio que nas definições gregas não se acha este nome; e depois alega a Galeno e a Paulo, que diz que o terladou ao pé da letra; e eu em Dioscorides nam o achei.

RUANO

Pois ainda vos darei partes donde o Galeno falla nelle.

ORTA

Em livros que sam proprios de Galeno não o achareis.

RUANO

No segundo livro de Dinamedis faz mençam de *gariofilo*, e no terceiro tambem; e mais muitos Arabios* dizem que Galeno o diz; e por ventura estes terladaram alguns livros de Galeno, de que nós careçemos polo tempo os perder.

ORTA

Esses livros que dizeis, em que fala Galeno no *cariofilo*, não sam avidos por de Galeno; assaz he pera my que Ruelio, tam diligente escriptor e tam lido, diz que o nam achou em Galeno**.

RUANO

Pois esse que dizeis cita a Paulo, e a Aecio, e a Plinio***, e diz que ha na India hum gram semelhante ao da *pimenta*, senão que he grande e mais comprido, e que este se chama *cariofilo*.

ORTA

Eu nam vos nego falarem eses homens nelle, mas nego vos falar Galeno nelle; e mais vos digo que esta mézinha foy achada muyto tarde, primeiro pera mézinha e cheiro, e depois pera cozinha. E gastase em tanta maneira, que

* Avicena e Serapio (nota do auctor).

** O livro de «Dinamedis», ou de *Dynamidiis*, é effectivamente contado entre os apocryphos de Galeno.

*** Plinio, livro 12, cap. 7 (nota do auctor).

de mil partes a huma se gasta em mézinha, e o resto em cosinha; portanto vos quero dizer o nome delle em arabio e na terra onde o ha.

RUANO

Tudo me haveis de dizer muyto craramente.

ORTA

O nome latino he *cariofilum*, e outros lhe chamam *gariofilum* (como vos dixe já); o Arabio, o Persio, o Turco, e a mór parte dos Indianos lhe chamam *calafur*; e em Maluco, donde somente o ha, e em todas esas terras lhe chamam *chanque*; e os nomes postos no Pandetario, scilicet, *armufel*, não ha tal nome; e o nome que está em arabio escrito *carrumfel* foy vicio do escriptor Arabio, ou a curruçam dos tempos (1). E pois somos certos da cousa e ninguem descrepa della, nam nos matemos pollos nomes. Naçe a arvore deste *cravo* em Maluco, e sam humas ylhas sogeitas a elrey de Portugal, e tomadas per guerra justa muyto tempo ha. Estas sam as ylhas da contenda entre elrey de Portugal e o de Castella, sobre que tanto se preitiou, e vós como afeiçoados a vosso rey, pesarvosha da justiça e da pose que temos tam justa.

RUANO

Tenho tam pouco de elrey de Castella e do de Portugal, que posso dizer por mim: tantos moinhos tenho qua como lá. E falando comvosco a verdade, mais devo a elrey de Portugal, pois esta não em que vim he a maior parte deste meu cunhado que a feitoriza; e estes proveitos tenho de elrey de Portugal, que do de Castella nunqua tive algum, nem espero de o ter.

ORTA

Aveis de saber que Maluquo está dentro na conquista de elrey de Portugal, e mais duzentas legoas ávante, como se tem achado pelos eclipses; senam entrou o demonio em hum Portuguez*, e porque elrey não lhe fez huma merce injusta

* Magalhães (nota do auctor).

que lhe pedia, se foy lançar em Castella e fez armar navios, e elle descobrio per hum estreito nam sabido como pudessem vir ao Maluco; e indo lá, morreo elle e a mór parte da gente que com elle hia; e não poderam tornar pollo caminho por onde vieram. E outro bacharel Faleiro, que com elle hia, endoudeceo de ver que contra seu rey hia; e nam indo ao descobrimento morreo*. E já outras vezes vieram Castelhanos a Maluco, e nam puderão tornar; e os que se defenderam dos Portuguezes morrerão muytos delles; e a outros, que se entregáram, lhes foy dada liberdade e embarcações e merces, pera se yrem a Castella; tanta he a clemencia de elrey nosso senhor com os christãos vencidos (2). E hum rey de huma ilha chamada Tarnate, vindo os Castelhanos a elle que os ajudasse, lhes dixe que o *cravo* era dado por Deos aos Portuguezes, pois cada *cravo* tinha cinquo quinas de elrey de Portugal; pôde ser que este dixe isto por premisam e vontade de Deos, ainda que era infiel: asi profetisou Balam e a sua asna, sendo animal irracional, falo isto debaxo da correiçam da Santa Madre Igreja. E depois este rey se fez cristão, e fez doaçam a elrey de Portugal de seu reino, e eu o conheci em Goa (3). E tornando ao *cravo*, digo que somente o ha nestas ilhas de Maluco, que sam 5, e dahi se reparte por todalas partes do mundo. E se vos dixeram que em Ceilam avia arvores do *cravo*, dizeilhe que si; mas que não dam fruto ahi, nem em outra parte alguma, senão em Maluco. E sam os arvores da altura e feiçam de louro; fazem os arvores copa em cima, e dam muyta frol que se faz em *cravo*; e naçe como murta, e a frol he primeiro alva, e depois verde, e depois vermelha e dura, que he o *cravo*. E dizemme pessoas que o viram, dinas de fé, que quando está este *cravo* verde nos arvores, dam o mais excelente cheiro do mundo os arvores; e des que colhem este *cravo*, o sequam, e fica da cor que o vedes agora. Naçem em gomos, como os mur-

* Faleiro não foi na viagem, como parece resultar da primeira parte da phrase; veja-se a nota (2).

tinhos, como já vos dixe; e dizem alguns que se lhe chove, que se mete por dentro, e não he asi, somente nam vem á perfeiçam os cachos; e colhemnos, porque os ramos que fazem copa grande, deitamlhe cordas para colher *cravo*; e isto he causa que os arvores sejam açoutados e fustigados, e não dam pera o anno tam boa novidade; e secam estes *cravos* per dous ou tres dias, e asi os vendem e guardam pera os levar a Malaca e a outras partes; e aquelle *cravo* que fica no arvore por colher se faz mais grosso, e folgam com elle na Jaoa; e nós com o outro que chamamos de cabeça. E mais haveis de saber, que ao redor do arvore do *cravo* nam se dá erva alguma, porque o cravo leva todo o çumo da terra.

RUANO

E o que os Castelhanos chamão *fuste*, e os Portuguezes *bastam* donde he?

ORTA

Sam os páos donde estes *cravos* pendem, como as flores pendem dos páos meudos; e o *cravo* grande que vos dixe, he o que chamamos *madre do cravo*, e não porque o seja; não he macho, como dizem Aviçena e Serapiam, que tudo he hum; mas hum he mais velho que outro, porque o que chamamos *madre do cravo* nam he do mesmo anno senam do anno pasado; isto me dixeram pesoas que o sabiam, que foy hum feitor desse Maluco, que o tal *cravo* he fruito muito maduro que cay em baixo.

RUANO

Fazem alguns beneficios a estes arvores do *cravo*, ou plantamnos, ou alimpamnos do mato ou podamnos?

ORTA

Nam mais que alimpar o cham, onde am de colher o *cravo*; e as arvores naçem sem ser semeadas, nem enxeridas*; e não naçem muyto perto do mar, senão hum tiro de falcão

* Parece que no sentido de mettidas na terra, ou plantadas de estaca.

do mar ao menos, bem que está em ylhas cercadas do mar, e que não se quer muyto perto do mar, nem tam pouco muyto longe. Sam estas ylhas, donde naçe o *cravo*, cinquo, como dixe, e humas das principaes se chama Geloulo; e por iso chamaram ao *cravo* em Espanha *cravo girofe*, porque he de Geloulo*; e tambem lhe chamamos *cravo*, porque he feito á feiçam de prego. E dizem alguns que quando he boa novidade, he mais a cantidad de *cravo* que de folhas, e a folha não cheira tanto como o *cravo*, e o pão não cheira senão quando he seco alguma cousa. Estes arvores naçem do *cravo* que cae ao pé, como as castanhas em nossa terra, mas não he necesairo, porque sempre a terra dá esse *cravo*, e nunca lhe faleçe chuiva com que se crie e dê fruto, por ser perto da linha. Naçem estes arvores do *cravo*, e criamse, e fortificamse em oyto annos, segundo diz a gente da terra, e asi dizem que duram cem annos. E nam vos digam algumas pessoas que se colhem os *cravos* á mão, porque he falço, que nam se colhem senam muyto per força, como vos dixe; e colhemse dê meado de setembro até janeiro e fevereiro.

RUANO

Usa a gente desta terra do *cravo* em comer ou em mézinhas?

ORTA

Segundo tenho por emformaçam, nam faziam caso destas arvores os Malucos até que os Chins vieram a esta terra com suas náos, e levaram dahi á sua terra este *cravo*, e á India e á Persia e Arabia; isto tem elles por memoria antigoa entre si. E conservase o *cravo* muyto bem com agoa do mar deitada nelle, e doutra maneira se faz podre.

RUANO

Pois a gente de Maluco dizeis que nam usa do *cravo*, a outra gente da India usa muyto delle. E os Portuguezes que cá moram?

* Perdoe-nos o nosso Orta, mas não é por isso; veja-se a nota (1).

ORTA

Quando o *cravo* he verde fazem os que moram em Maluco conserva de vinagre e sal (a que chamam *achar*), e fazem os verdes em conserva de açucare; e já os comi e sam bons; e da conserva de vinagre usa a gente de Malaca que os pode aver, e fazem as mulheres Portuguezas que lá moram agua estilada dos *cravos* verdes, e he muyto cheirosa e muyto cordeal; e seria boa pera levar ao reino; e muitos fisicos Indianos fazem huns suadoiros com *cravo* e *noz*, e *maça* e *pimenta longua* e *preta*, fazendo disto os suadoiros; e dizem que, com isto, se tira a sarna castelhana. Eu a vi tambem* a fisicos Portuguezes, e não me pareceo muito boa fisica. Algumas pessoas põem qua o *cravo* pisado na testa, e dizem que se acham bem com elle pera a dor da cabeça, e que se lhe tira; e nam he muito se a dor he de causa fria. As mulheres prezamse muyto de mastigar *cravo*, pera lhe cheirar bem a boca, e nam tam somente as Indianas, mas as Portuguezas.

RUANO

Serapiam alegua a Galeno, que diz que he folha de *noz*: por ventura a arvore do *cravo* e da *noz* he tudo huma?

ORTA

Deferentes sam as terras muyto, porque huma he Banda e outra Maluco; e o *cravo* he mercadoria pera Banda, e o arvore da *noz* tem as folhas redondas, e parece pereira, e o do *cravo* parece louro.

RUANO

Diz Aviçena** e outros alguns, que o arvore he como *sambacus*, e que he mais negro?

ORTA

Nem he como *sambacus* (erva que chamamos jazmim), nem como *sambucus*, a que chamamos sabugueiro, senam

* Deve faltar aqui o verbo «usar», ou outro de igual sentido.

** Liv. 2, cap. 318 (nota do auctor).

he como loureiro: bem vêdes a deferença que ha de hum a outro.

RUANO

Diz ser trazido de humas ilhas da India, e que a gomma delle, ou resina, he semelhante a trementina em virtude.

ORTA

No que diz que he trazido de humas ylhas da India, diz verdade; mas o que dixe da goma, não ha tal goma em Maluco: falei com muitos homens que moráram lá, e todos me dixeram que nunca virão tal goma. Eu não vos negarey que todas as arvores deitam goma ou resina, em especial se lhe derem cutiladas; mas até o presente nam se esprementou; nem, com seu perdão, falaram verdade os que escreverão da Nova Espanha, que dixeram que a goma do *cravo* era *almecega*; porque os arvores sam de diversas maneiras, não aviam de dar goma de huma maneira, e que fose de huma compreisão. As folhas do *cravo* não vem á India, senão casualmente, por tanto não escrevo dellas. O cheiro do *cravo* sei dizer que he o mais suave e o melhor do mundo, em especial de longe. Eu esprementei isto vindo de Cochim a Goa, e com vento pola prôa; e remavamos de noite com a calmaria, e estava huma não surta mais de huma legoa de nós, e o cheiro foy tam grande e tam suave que nos veo, que cuidava eu que ao longo da costa avia matas das flores, que em nossa terra chamamos cravos; e pergunmando, me dixeram que era a não que viera de Maluco; entonçes cahi no caso, e achei ser verdade; e depois mo dixeram homens de Maluco, que quando o *cravo* he seco lhe dá grande cheiro longe donde está (4).

RUANO

Lendo Serapio e Avicena*, acho muitos nomes que devem ser corrompidos, scilicet, os nomes dos autores; folgaria muyto me dixestes disto o que sabeis.

* Serapio, 319; Avicena, Lib. 2, cap. 318 (nota do auctor).

ORTA

Não sey senão humas couzas muyto geraes; a Rasis chamam elles *Benzacaria**, e a Mesue *Menxus***.

RUANO

Alegua Serapio não se ha de ler senão com aspiraçam *Haclim*, e este me parece que deve ser *Aly*.

ORTA

Não he senão *Hachim*, que quer dizer filosofo***; e por que, entre elles, averá algum que se chama por excelencia filosofo, pôde ser que seja este o que elles alegam.

RUANO

A erva que chamamos *cravos* ha em Maluco, ou cá na India?

ORTA

Em Maluquo não a ha; e porém da China veo a estas partes****; e não cheira tambem como o de Portugal; e deve a causa disto ser terem elles a virtude muyto suprificial; e por esta terra ser quente, resolvese asinha a vertude delles. E nisto não falemos mais, pois sabeis melhor destes cravos que eu; e vos direi que na ilha de Sam Lourenço, em huma certa parte della, ha huma fructa muito redonda, maior que avelan com casca, e cheira muyto a *cravo*; mas nam o he, nem aduba como *cravo******.

* Sobre o nome dado a Rasis, veja-se a nota a pag. 39.

** O nome de Mesué escrevia-se ماسويه, *Masuijah*, que muito mal pronunciado podia soar «Menxus».

*** Hakim, حکیم, significava propriamente sabio, ou philosopho, e era o titulo geral dos medicos mussulmanos no Oriente.

**** Loureiro na *Flora cochinchinensis* cita o *Dianthus caryophylloides* como usualmente cultivado na China.

***** A *Ravensara aromatica*, veja-se a nota a pag. 218.

NOTA (1)

É extremamente duvidoso, que o *garyophyllum* de Plinio, do qual este auctor diz apenas ser um grão similar á pimenta, maior e mais fragil, fosse o *cravo*. É só alguns seculos depois, que nós encontrâmos uma referencia clara áquelle especiaria no livro de Cosmas, o qual diz que a havia na ilha de Ceylão, para onde a traziam de muito mais longe. Posteriormente a Cosmas, Paulo de Egina referiu-se tambem ao *cravo* de uma maneira explicita, e que não pôde deixar duvidas, como deixa a curta indicação de Plinio. Isto pelo que diz respeito ao conhecimento da especiaria na Europa, porque em relação á India e á China ha noticias de que foi ali usada muito antes (Cf. Plin., XII, 15; Flückiger e Hanbury, *Pharmac.*, 250; Dymock, *Mat. med.*, 328).

A especiaria, que os portuguezes chamaram e chamam *cravo*, consiste na flor completa de uma bella arvore da familia das *Myrtaceæ*, o *Caryophyllus aromaticus*, Linn. (*Eugenia caryophyllata*, Thunberg), a qual nos tempos de Orta se cultivava unicamente nas Molucas; mas depois foi levada para outras partes da Asia, e mesmo para algumas ilhas da costa africana, como Pemba e Zanzibar.

— O nome que alguns escriptores gregos applicaram a esta especiaria, καρόφαλλον, deriva-se geralmente da fórmula que as petalas tomam no botão, assimilhando-se a uma pequena noz (κάρυον). Tem-se, porém, advertido que a orthographia grega é incerta — o que não escapou a Orta — e o nome se encontra tambem escripto γαρούμφαλ, γαρόφαλα, e ainda de outros modos. Esta incerteza pôde indicar que o nome não fosse propriamente grego; mas antes a hellenisaçao pelo som de alguma designação oriental. Da mesma designação asiatica procede sem duvida o nome arabico قرانفل, *qaranfal*, que se encontra transcripto por diversos escriptores, *karanfal*, *karunsel*, ou *karumpel*. Esta ultima fórmula não é admittida pelo nosso escriptor, que, sem rasão, adopta uma muito mais viciada, «calafur».

Na opinião de Dymock, todos estes nomes se devem prender ao tamil, *kirámbu*, e ao malayo *karámpu*; pois foi por intermedio d'aquellos povos, que a especiaria penetrou na India e chegou depois ao conhecimento dos arabes e dos gregos.

É quasi inutil advertir, que as fórmulas modernas, *girofle*, *girose*, *garofano*, vem directa e claramente do nome grego, e não do da ilha de Geloulo, ou Djilolo, como erradamente diz o nosso escriptor (Cf. Langkavel, *Botanik der späteren Griechen*, 19, citado na *Pharmac.*, 250; *Exotic.*, 248; Dymock, *Mat. med.*, 328; Rumphius, *Herb. Amb.*, II, 3).

— «Chanque», o nome usado nas Molucas, é bem conhecido. Rumphius dá-o na forma *tsjancke*, e Crawfurd na forma *câng'kek*. Segundo este escriptor, a palavra não é malaya, mas antes a corrupção do nome

chinez *tkeng-hia*. A derivação parece-me um pouco forçada, tanto mais que o nome chinez seria mais correctamente *teng-siang*, litteralmente *prego perfume*, pois os chins repararam —como os portuguezes— na forma de *prego*, ou *cravo*, que tem o botão (Cf. Rumphius, l. c; Crawfurd, *Dict.*, 101).

NOTA (2)

O *cravo* encontrava-se apenas nas cinco ilhas, propriamente chamadas Molucas, ou —como diziam os portuguezes— ilhas de Maluco¹. Segundo as enumera João de Barros, eram: Ternate (*Tarnáti*), Tidore (*Tidori*), Moutel (*Mortir*), Maquien (*Makian*), e Bacham (*Batchian*). Muitos annos antes de Barros, Duarte Barbosa, que devia ir morrer bem perto d'ellas, menciona as mesmas cinco. E Camões, que pelas exigencias do verso não podia ser tão completo, dá-nos pelo menos os nomes das duas mais conhecidas, notando o seu vulcão activo:

Vê Tidore e Ternate, co'o fervente
Cume, que lança as flamas ondeadas:
As arvores verás do cravo ardente,
Co'o sangue portuguez inda compradas.

Estas cinco ilhas ficavam no rumo norte sul, ao longo e muito proximas da costa occidental da grande ilha de «Geloulo», Gilolo ou Djilolo, á qual Barros chama Batechina de Moro, e é mais geralmente designada hoje nas cartas pelo nome de Halmahéra. Mas Barros adverte, que, apezar da proximidade, não havia *cravo* em Gilolo; o que é confirmado por Pigafetta, que nos diz existirem ali apenas poucas arvores e de má qualidade. Vê-se, pois, que o nosso Orta andava errado, indicando «Geloulo» como uma das cinco ilhas do *cravo* (Cf. Barros, *Asia*, III, v, 5; Duarte Barbosa, *Livro*, 371; *Lus.* x, 132).

A historia dos portuguezes nas Molucas é bem conhecida; e, á parte excepções honrosissimas, como foi o governo de Antonio Galvão e de alguns outros, não é das mais agradaveis a recordar. Em poucas partes as dissensões e desmandos de toda a natureza dos nossos conquistadores foram tanto para lamentar, como n'aquellas pequenas ilhas, perdidas no fundo dos mares orientaes. O *cravo* era uma das mais

¹ O nome collectivo de *Maluco* não parece ser malayo, mas era sem duvida usado á chegada dos portuguezes áquelles mares. Como nas ilhas havia varios reis independentes, pelo menos em Ternate e Tidore, tem-se lembrado que os navegadores arabes lhes chamassem *ilhas dos reis*, *djaṣirat-al-mulūk*, e que os portuguezes adoptassem pelo som a ultima parte do nome, dizendo *Maluco*, depois convertido em *Molucas* (Cf. Yule e Burnell, *Glossary*, palavra *Moluccas*).

procuradas e caras especiarias do tempo, e era natural que os portuguezes tratassesem de descobrir as terras onde nascia, a fim de o obtemrem em primeira mão. Em seguida á conquista de Malaca, Affonso de Albuquerque, despachando enviados ás diversas partes d'aquelle extremo Oriente, que acabava de abrir ao nosso commerçio e ao nosso dominio, mandou tambem Antonio de Abreu com uma pequena armada ao descobrimento de Banda e de Maluco. Antonio de Abreu não chegou lá; mas o capitão de um dos seus navios, Francisco Serrão, foi ás ilhas do *cravo*, por onde ficou até á sua morte, sucedida annos depois. Mais tarde foi ali mandado D. Tristão de Menezes; e no anno de 1522, a 24 do mez de junho, Antonio de Brito lançou a primeira pedra da fortaleza de S. João na ilha de Ternate. Inaugurava-se assim a epocha da conquista, que nos custou muito trabalho e muitas vidas, porque o *cravo* foi sempre comprado com *sangue portuguez* — como dizia o Camões.

Antes, porém, de Antonio de Brito edificar a fortaleza de Ternate, havia-se dado um successo importantíssimo, cuja historia nos levaria muito longe, mas que não podemos deixar de recordar brevemente, para esclarecer as referencias que a elle faz o nosso escriptor.

Parece que Francisco Serrão escrevêra de Maluco ao seu amigo e antigo companheiro de armas, Fernando de Magalhães, encarecendo-lhe a riqueza e grandeza d'aquellas terras; e a conquista das ilhas do *cravo* foi um dos motivos principaes e confessados da famosa viagem de circumnavegação. Magalhães — como diz Orta — «descobrio por hum estreito não sabido como pudessem vir ao Maluco»; atravessou o tal estreito, a que deixou o seu nome; cruzou todo o Pacifico; e veio morrer em uma ilhota do archipelago depois chamado das *Philippinas*. Não chegou, portanto, ás ilhas do *cravo*; mas chegou lá a sua gente, que no dia 8 de novembro do anno de 1521, tres horas antes do sol nascer — como diz o minucioso Antonio Pigafetta — entrava no porto de Tidore.

Não vem para aqui a descripção d'esta viagem, celebre entre as mais celebres e perfeitamente conhecida, e muito menos a apreciação do acto de Magalhães; mas devemos notar que aquele acto deixou no animo de todos os portuguezes um sentimento de irritação profunda, ao qual não é estranho o nosso Garcia da Orta. «Entrou o demonio em hum portuguez, e porque elrei não lhe fez huma mercê injusta que lhe pedia se foy lançar em Castella ...» taes são as palavras em que elle se refere ao seu culpado, mas em todo o caso illustre e infeliz compatriota. E não é simplesmente contra Fernando de Magalhães que mostra resentimento, é contra todos os portuguezes que o auxiliaram na sua empreza, recordando com um certo prazer, que o «bacharel Faleiro» endoudeceu. Este Faleiro era um personagem extraordinario, a quem os portuguezes se mostraram sempre pouco favoraveis, talvez pelo sim-

plies facto de ter servido Castella. Barros chama-lhe «Astrologo judicio»; e Herrera allude a este juizo que d'elle faziam os seus compatriotas, dizendo-nos: *que mostraba ser gran Astronomo y Cosmografo, del qual afirmaban los Portugueses que tenia un demonio familiar, y que de Astrologia no sabia nada.* Fosse astronomo ou astrologo, era um homem violento e desconfiado, mas não está provado que fosse hum louco. A causa de elle á ultima hora não embarcar, foi a sua rivalidade e desavença com Magalhães, dando-se como motivo official o seu estado de saude: *mandó el Rey, que pues Ruy Falero no se hallaba con entera salud se quedasse hasta otro viage.* É certo, porém, que se fallou então na sua loucura, e o agente de Portugal em Sevilha, Sebastião Alvares, escrevia na sua correspondencia oficial, que o cosmographo portuguez Ruy Faleiro havia perdido a rasão. Como se vê, a noticia de Orta é fundada em factos, que então corriam como verdadeiros e foram admittidos tambem por João de Barros.

Da viagem de Magalhães se levantaram as longas negociações geographico-diplomaticas entre Portugal e Hespanha, a que Orta se refere: «estas são as ylhas da contenda entre elrey de Portugal e o de Castella». O apparecimento dos navios hespanhóes nos mares do Oriente veiu suscitar difficuldades praticas á famosa divisão do mundo entre Portugal e Hespanha, determinada pela bulla do papa Alexandre VI de 4 de maio de 1493, e confirmada no tratado de Tordesillas de 7 de junho de 1494. N'este tratado estabelecia-se como linha divisoria um meridiano: *o linea derecha de polo a polo, convien a saber del polo articulo al polo antartico.* Este meridiano, nas nossas partes occidentaes, devia marcar-se *a trecientas y setenta legoas de las yslas del Cabo Verde hacia la parte del Poniente, por grados o por otra manera como mejor y mas presto se pueda dar.* Tudo quanto se navegassee e descobrisse a leste d'esta linha pertencia a Portugal; o que ficava para oeste era do dominio da Hespanha. Quando os nossos portuguezes alongaram tanto as suas viagens para o Oriente, que chegaram ás Molucas, alguns tiveram a desconfiança de que estavam já na metade do mundo pertencente á Hespanha; e parece que Francisco Serrão escreveu n'esse sentido a Fernando de Magalhães. Este, pelo menos, propunha-se a demonstral-o, mesmo antes da sua partida. Tal não era, porém, a opinião em Portugal; e logo depois da volta da nau *Victoria* — a que chegou a Tidore, como antes dissemos — D. João III fez valer os seus direitos junto de Carlos V; accordando-se então em que cada um dos soberanos nomearia tres letrados, tres astrologos e tres pilotos, os quaes teriam uma conferencia na raia, para decidirem «cujo é o dito Maluco, e em cuja demarcação cár».

Os commissarios dos dois paizes, reunidos respectivamente em Elvas e Badajoz, e que se encontraram a primeira vez no Caia, tinham uma questão espinhosa a resolver. Em primeiro lugar, a linha de partida

estava mal definida, e não havia accordo, nem sobre a situação exacta das ilhas de Cabo Verde, nem sobre qual d'ellas se devia tomar como origem de contagem, querendo uns que fosse a do Sal, e outros que fosse a de Santo Antão, nem sobre o modo de contar as trezentas e setenta leguas marcadas pelo tratado de Tordesillas, nem mesmo sobre quantas leguas havia no grau. Os commissarios, como diz Antonio de Herrera na sua interessante noticia da conferencia, começaram logo a mirar *globos, cartas, y relaciones*; mas as cartas eram imperfeitissimas, e, comparando umas com outras, chegavam a encontrar differenças de setenta leguas. Tratava-se sobretudo de uma determinação de longitudes, o que era um ponto espinhoso para a cosmographia de então. As latitudes observavam-se com uma exactidão relativamente satisfactoria; mas sobre as longitudes, ou *altura de leste oeste*, ou *graus de longura*, como então lhes chamavam, havia as maiores duvidas, e este foi um dos problemas que mais preocupou os navegadores d'aquelles tempos.

O Duque de Bragança, que parece haver sido perito nas questões de cosmographia, dirigiu uma especie de memoria a D. João III sobre estas negociações, que então interessavam todos em Portugal. N'essa memoria, o Duque pondera: que a demarcação se não podia fazer pelas cartas, porque estas *tem falcidez de mil maneiras*; que a estima é igualmente fallivel, e *como nisto da longura nom se possa dar nenhuma regra certa por estimativa*; e opina, que se deve insistir nas *cousas de demonstração*, que *nom tem contradicção*. Estas *cousas de demonstração* eram *por arte do Ceo, e dos Eclipsis e conjuncção, que nom se podem negar*. Aqui temos pois os eclypes, de que nos falla Garcia da Orta. É certo no entanto que esses mesmos se podiam negar, ou pela imperfeição das observações, ou pelos erros dos almanachs então publicados. Na propria viagem de Magalhães, Andrés de S. Martin fez varias observações astronomicas, como foi a da conjuncção da Lua e de Jupiter, observada no Rio de Janeiro, e a de um eclypse do Sol, observado depois em 17 de abril de 1520; e todas o levaram a resultados inadmissiveis: ... *de lo qual infirieron ayer error en la equacion de los movimientos en las tablas, porque es impossible ser tanta la longitud*. O nosso João de Barros dá a traducçao das proprias palavras de Andrés de S. Martin, tiradas de uns apontamentos que lhe vieram á mão, e que mostram a perplexidade do piloto e cosmographo hespanhol: ... *infiro haver erro nas taboas, que certo não sei a que o attribua*. Não se atrevia a julgar que fossem erros de imprensa nos *Almanaches de Joannes de Monte Regio*, e muito menos erros de calculo do proprio Monte Regio. De todas estas duvidas nos resultados das observações, da imperfeição das cartas, cheias de *falcidades*, da incerteza dos calculos de estimativa, e tambem do pouco desejo que havia de ceder, tanto de um como de outro lado, resultou que a conferencia se dissolreu sem chegar a um accordo.

Ao mesmo tempo que a conferencia se dissolia na Europa, as cou-sas complicavam-se em Maluco. A nau *Trinidad*, que se separára da nau *Victoria*, e tentára voltar pelo estreito, arribou de novo áquellas ilhas do *cravo*, e os portuguezes aprisionaram os restos da guarnição, destroçada e dizimada pela fome e pela doença, levando para Cochim os sobreviventes, e repatriando-os ao cabo de perto de dois annos. É este acto, assim como outros identicos, succedidos nos annos seguintes, que o nosso Orta louva como uma grande generosidade: «tanta he a clemencia de el-rey nosso senhor com os christãos vencidos». No anno de 1525 saiu uma armada hespanhola da Coruña, ostensivamente enviada ás ilhas de *la especeria*, e commandada pelo commendador fr. Garcia de Loaysa. Parte da armada perdeu-se pelo caminho, e o seu commandante morreu; mas chegou ás Molucas a nau *Santa Maria de la Victoria*, sob as ordens de Martin Iniguez de Carquizano, e succederam-se nos annos de 1526 a 1529 todas as contendas e hostilidades entre portuguezes e hespanhoes, contadas largamente, de um lado por Antonio de Herrera, do outro por João de Barros e mais chronistas portuguezes.

Na impossibilidade de determinar um meridiano, e na impossibilidade por outro lado de continuar as hostilidades em Maluco, estando os dois paizes em paz na Europa, foi necessario chegar a um compromisso. No dia 22 de abril do anno de 1529 celebrou-se em Saragoça um contrato, que se encontra transcripto na *Asia* de Diogo do Couto. N'esse contrato o Imperador Carlos V vendia a D. João III todos os seus direitos a Maluco, pela quantia de 350:000 cruzados de ouro e prata, que valessem 375 maravedis cada um. A questão do meridiano e da longitude das Molucas ficava de pé, e para se resolver posteriormente; nunca se resolveu, ou pelo menos quando se resolveu, já as Molucas não pertenciam nem a Portugal, nem a Hespanha.

Taes eram, o mais succinctamente contadas que me foi possivel, as contendas entre os soberanos da peninsula a que Orta se refere.

(Cf. Arana, *Vida e viagens de Fernão de Magalhães*, p. 54, etc., versão portugueza, Lisboa, 1881; Pigafetta, em Ram. I, 365; Herrera, *Hist. gen. de las Indias occidentales*, I, 337, II, 154 a 163, 185, 234, 253, etc.; Barros, *Asia*, III, V, 5, 6, 7, 8, 9, 10, etc.; Notas de J. d'Andrade Corvo ao *Roteiro de Lisboa a Goa*, de D. João de Castro, 86 a 106, 151, etc., Lisboa, 1882; Couto, *Asia*, IV, II, 1.)

NOTA (3)

Este rei chamava-se Tabarija, e foi deposto arbitrarria e violentamente por Tristão de Athayde, que levantou em seu lugar um rapasito, chamado Aeiro, mandando Tabarija preso para Goa, com a mãe e as principaes pessoas da côrte. Nuno da Cunha achou-o innocentе,

xando-o todaya ficar em Goa, mas em liberdade, e com um certo tratamento de principe. Tabarija fez-se christão, e deram-lhe o nome de D. Manuel. Era mais um, n'aquelle collecção de reis christãos que tivemos em Goa —o de Tanor, o das Maldivas, este de Ternate e não sei se ainda outros.

Annos depois, quando Jordão de Freitas foi por capitão da fortaleza de Maluco, levou consigo o rei D. Manuel. Mas o pobre selvagem não chegou a ver o vulcão fumegante da sua terra natal. Ficou em Malaca, onde adoeceu e morreu, tendo primeiro feito testamento em favor de D. João III.

Como elle veiu para Goa pelo anno de 1535, e saiu d'ali com Jordão de Freitas no de 1544 ou 1545, morrendo em Malaca a 30 de junho d'este ultimo anno, Orta pôde perfeitamente conhecê-lo em Goa (Cf. Gaspar Corrêa, *Lendas*, III, 632; Barros, *Asia*, III, V, 6, e IV, VI, 24; Couto, *Asia*, V, X, 10).

NOTA (4)

O cravo, como dissemos já, é a flor ainda nova do *Caryophyllus aromaticus*, uma bellissima arvore, ou como dizia Rumphius com entusiasmo: *pulcherrima, elegantissima, ac pretiosissima omnium mihi notarum arborum*. Esta arvore pertence á familia das *Myrtaceæ*, e Orta reparou na sua similarança com o representante d'aquelle familia que melhor conhecia, insistindo por duas vezes em que a flor «nace como murta», ou «em gomos como os murtinhos».

Do *Caryophyllus* procediam tres especiarias distinctas, e de diverso valor:

—o cravo propriamente dito, que é a flor colhida ainda em botão, no momento em que passa da cõr branca esverdeada á cõr vermelha; e esta era a especiaria mais cara e procurada, por ser a mais cheirosa e pungente.

—o pedunculo ou pequenino pé da flor, menos perfumado, de preço muito menor, e chamado *bastão, fuste, stipites* ou *festucae caryophylli*.

—o fructo já formado, chamado *madre do cravo*, ou *anthophylli*, e tambem mais barato que o cravo propriamente dito.

De todas tres falla o nosso escriptor correctamente, e com muito conhecimento de causa. O mais que nos diz sobre o tratamento da arvore, e sobre a colheita e conservação do botão, é bem conhecido e não carece de explicações (Cf. Barros, *Asia*, III, V, 5; Couto, *Asia*, IV, VII, 9; Crawfurd, *Dict.*, palavra *Cloves*; Rumphius, *Herb. Amb.*, II, I; *Pharmac.*, 249).

Como o cravo foi uma das especiarias mais importantes no nosso trato com o Oriente, pôde ser interessante uma noticia breve ácerca das phases por que passou o seu commercio.

Não sabemos, nem em que periodo, nem por que modo o *cravo* começou a ser usado no Oriente, na qualidade de perfume, condimento ou medicamento. Parece, porém, que já o empregavam na China nos tempos da dynastia Han (266-220 A. C.), dando-lhe então o nome de *ki shéh siang*, que mais tarde se mudou no de *teng siang*. E parece tambem, que se encontra mencionado em antiquissimos escriptos sanscriticos, attribuidos a Charaka, nos quaes se lhe dá o nome de *la-vanga*, nome ainda conhecido e usado em parte da India.

Não ha, todavia, motivo para suppor, que n'estes antigos tempos aquella especiaria fosse conhecida nas nossas terras do occidente, antes vimos que o *garyophyllum* de Plinio difficilmente se poderia identificar com o *cravo*, e que só muito mais tarde, depois do v seculo, este começa a ser mencionado claramente. No decurso da idade media foi trazido de um modo mais ou menos regular e constante á Europa, mas ao que parece em pequenas quantidades; acha-se citado nas tarifas de varias cidades commerciaes do Mediterraneo, como é a de Marselha do anno de 1228, e a de Barcelona do de 1252; e no livro de Pegolotti, que se pôde referir ao de 1340, falla-se das especiarias vendidas em Constantinopla, entre as quaes figura o *cravo* e tambem o *bastão*—*fusti di gherofani*.

Todo este *cravo* devia vir das Molucas, unica região onde se cultivou a arvore e se colheu a flor até periodos relativamente muito recentes. D'aquellas ilhas o trariam em barcos malayos, ou em juncos da China e navios de Java, a alguns portos proximos; e d'esses portos proximos a outros mais distantes, perdendo-se naturalmente no caminho a noção exacta da sua primitiva procedencia. Pelo menos essa procedencia ficou geralmente e por muito tempo ignorada. Cosmas Indicopleustes diz: que o encontrou nos mercados de Ceylão, mas o informaram de que vinha de mais longe. Seculos depois, Ibn Khurdádbah dá-o como procedendo de Java. Quatro seculos mais tarde, Marco Polo repete a mesma noticia; e já no xv seculo, Nicolo di Conti affirma que o traziam de Banda. Isto significa simplesmente, que o traziam das Molucas a Banda, de Banda a Java, e de Java a Ceylão; e que os viajantes nas suas averiguacões se iam approximando pouco a pouco do ponto de partida, sem comtudo chegarem a alcançar noticia das Molucas.

Nos portos de Ceylão, e nos da India, como Coulão, Calicut e outros, os arabes carregavam o *cravo*, juntamente com outras mercadorias, trazendo-o pelas viagens ordinarias, já varias vezes mencionadas n'estas notas, até ao fundo do Golfo Persico por um lado, ou até ao fundo do mar Vermelho por outro. D'ali seguia por terra a Constantinopla, a Acra, a Tripoli ou a Alexandria; e, d'estes portos, os navegadores do Mediterraneo, principalmente genovezes e venezianos, iam conduzil-o ás suas cidades italianas, ou ás do littoral da França e da

Hespanha. Esta especiaria, a mais oriental como procedencia, fazia assim uma viagem que era quasi a semi-circumferencia do globo, embarcada e desembarcada dezenas de vezes, vendida e revendida, passando dos juncos chins aos navios dos arabes, d'estes ás caravanas que atravessavam lentamente as interminaveis planicies da Mesopotamia e os infindos areias da Syria, d'estas ás embarcações mediterrânicas que navegavam por conta dos ricos mercadores de Veneza, ou da grande casa commercial dos Bardis de Florença, ou do poderoso negociante francez Jaques Coeur, ou de varios outros de menor nomeada.

Em vista d'estas demoradas e perigosas viagens, comprehende-se facilmente por que altos preços seria vendido na Europa, sobretudo levando em conta a procura das especiarias, aquelle valor dado a estas substancias aromaticas e ardentes, o qual em parte resultava da sua origem exotica e um tanto mysteriosa. Effectivamente o preço do *cravo* era altissimo. No livro de despezas caseiras da Condessa de Leicester, do anno de 1265, vem notada a libra de *cravo* como custando de dez a doze shellings. E nas contas da execução do testamento de Joanna de Evreux, rainha de França, no anno de 1372, vem avaliada a libra (de 16 onças) de *girofle* em uma *libra* do tempo. Esta *libra* tinha, pelos preços do marco de prata, um valor intrinseco de um pouco mais de 9 francos da moderna moeda francesa. Mas o valor *effectivo* da moeda, isto é, a relação dos metaes preciosos com as mercadorias e com as necessidades da vida, foi na ultima parte da idade media seis vezes maior do que actualmente. A *libra* corresponderia, portanto, a 56 francos actuaes conta redonda, ou sejam 10\$080 réis¹, que tanto custavam 16 onças de *cravo*. Para bem fixar desde já a significação d'este preço, notemos que nas Molucas — como melhor veremos adiante — um *bahar* de *cravo*, isto é, 18 arrobas e 19 arrateis, devia custar o maximo por aquelles séculos 2\$160 réis, ou o equivalente a 12\$960 réis de hoje. O mesmo peso, posto em Londres ou París, computado o arratel em 10\$000 réis, custava 5:\$50\$000 réis². Como se vê, a oscillação era enorme, e só se pôde explicar pelas difficuldades, demoras e perigos na viagem a que antes nos referimos, e pelos grandes ganhos de numerosos intermediarios.

Segundo se deduz de alguns documentos citados nas paginas seguintes, não ha motivo para suppor, que o preço do *cravo* baixasse consi-

¹ Veja-se Leber, *Essai sur l'apréciation de la fortune privée au moyen age*, 22 e 95. O preço do 10 a 12 shellings em Inglaterra vem citado por Flückiger e Hanbury (*Pharmac.*, 251) e é extrahido de *Manners and household expenses in England*. Supponho que se querem referir ao shelling actual, e mesmo assim, tomando o preço mais baixo, 10 shellings, ainda é superior ao de França no seculo seguinte, sendo de 2\$200 réis, equivalente a 13\$200 de hoje. Se se referissem ao shelling do tempo, seria muito mais elevado.

² Em numeros redondos, tomando o preço da *livre* em 10\$000 réis, e não fazendo a redução da *livre* ao arratel portuguez.

deravelmente durante o xv seculo, e até ao começo do xvi. Podemos, pois, admittir, que, no momento em que Vasco da Gama dobrou o cabo da Boa Esperança e navegou para Calicut, um certo peso de *cravo*, o *bahar*, valia nas Molucas 12 mil e tantos réis, digamos 13 $\frac{1}{2}$ 000 réis; e que esse mesmo peso em casa de um mercieiro ou droguista de Londres ou de París, valia proximamente 6:000 $\frac{1}{2}$ 000 de réis. Este simples facto mostra bem qual era a importancia commercial do novo caminho descoberto pelos portuguezes.

Quando Vasco da Gama chegou a Calicut, forneceram-lhe especarias para o carregamento das suas naus, e entre elles *cravo*. Era pessimo; muito cheio de *bastão*, como diz Gaspar Corrêa: «o cravo todo era páo». O capitão mór dissimulou, e aceitou-o, com o que os mouros e os gentios ficaram persuadidos de que os nossos pouco entendiam do negocio, e eram gentes «bestiaes». No entanto, os portuguezes durante a sua curta demora no grande porto do Malabar, reuniram algumas informações commerciaes interessantes. Souberam, por exemplo, que todo o *cravo* vinha de «Melequa» (Malaca); isto era um erro, semelhante ao que dois seculos antes commettera Marco Polo, sómente em lugar de Java apparece-nos agora Malaca, que posteriormente a Marco Polo se havia tornado um dos portos mais importantes d'aquelles mares, e *por onde* vinha effectivamente o *cravo* das Molucas. Souberam tambem, que o *bachar* (bahar) de *cravo* valia em Malaca 9 cruzados; e, como informação comparativa, o auctor do *Roteiro* accrescenta, que valia em Alexandria o quintal de *cravo* 20 cruzados. Em Malaca estavam em uso dous *bares*, mas aquelle que servia no peso do *cravo*, chamado *bar de Dachem grande*, tinha 14 arrobas e 10 arrateis; e este peso, como acabâmos de ver, valia 9 cruzados, ou sejam 19 $\frac{1}{2}$ 40 réis em valor intrinseco da nossa moeda, que em valor ou poder effectivo seria seis vezes superior¹. Deduzindo do valor do *bahar* o do quintal, para obtermos numeros comparaveis, chegâmos proximamente aos seguintes resultados:

—um quintal de *cravo* valia em Malaca 5 $\frac{1}{2}$ 60 réis, ou em poder efectivo da moeda o equivalente a 33 $\frac{1}{2}$ 60 réis.

—o mesmo peso valia em Alexandria 43 $\frac{1}{2}$ 200 réis, ou o equivalente a 259 $\frac{1}{2}$ 200 réis.

—como termo de comparação recordaremos, que devia valer em París o equivalente a 1:280 $\frac{1}{2}$ 000 réis, admittindo que o preço não havia baixado sensivelmente no xv seculo.

¹ Tomando o valor do *cruçado* de D. Afonso V a D. Manuel em 2\$160 réis (*Aragão, Descr. das moedas*, II, 237). O valor efectivo da moeda, comparado com o actual, conservava no começo do xvi seculo as relações de 6 para 1, que tivera durante parte da idade media (Liber. I. c.).

Damos estas informações do *Roteiro*, sem insistir sobre a sua exactidão. E parece-nos provável, que o preço de Alexandria fosse um pouco inferior á verdade. Pelo contrario, o preço de Malaca deve ser proximamente exacto, e é confirmado até certo ponto pelas informações de Duarte Barbosa, citadas adiante. O *Roteiro* não falla do preço do *cravo* nas Molucas, porque nem da existencia d'aquellas ilhas os portuguezes tiveram noticia na sua primeira viagem. É esse preço, que nós vamos agora procurar.

As informações de Duarte Barbosa são n'este caso preciosas, porque são, como sempre, lucidas e completas, e alem d'isso se referem a um periodo especialmente interessante, o que vai do anno de 1510 ao de 1516 proximamente, em que o seu *Livro* foi escripto. N'esse momento, os portuguezes estavam já de posse do commercio de parte da India, mas não intervinham ainda muito directamente no das Molucas, onde, por consequencia, se deviam conservar antigos preços e antigos habitos. Duarte Barbosa diz-nos, que o bahar de *cravo* valia nas Molucas de um a dois *ducados*, conforme o numero de compradores que ali afliuam; valia em Malaca de dez a quatorze ducados, segundo o numero de encommendas; e valia em Calicut de quinhentos a seiscentos *fanões*, e sendo bem limpo até setecentos. O *ducado* de Duarte Barbosa, se acaso elle escreveu esta palavra, pôde considerar-se equivalente ao *cruzado*¹. O preço nas Molucas era, portanto, em valor intrínseco da nossa moeda, de 2\$160 a 4\$320 réis; e, em valor ou poder efectivo, de 12\$960 a 25\$920. Em Malaca era de 21\$600 a 30\$240 réis, ou, em valor efectivo, de 129\$600 a 181\$440 réis². Duarte Barbosa dá-nos os preços de Calicut em *fanões*, e diz-nos que o *fanão* valia um *real de prata*. Tomando o valor intrínseco do *real* em 80 réis, que teve no reinado anterior de D. João II, teremos o preço do bahar em Calicut de 40\$000 réis, 48\$000, ou 56\$000 réis, ou, em valor efectivo, de 240\$000, 288\$000 e 336\$000 réis. Adoptámos o valor do *fanão* dado pelo proprio Duarte Barbosa;

¹ Digo se acaso escreveu esta palavra, porque a parte do *Livro* onde se encontra a informação falta no manuscrito portuguez, publicado pela Academia, e só se conhece pela versão de Ramusio, sendo bem possível que o traductor adoptasse a palavra *ducado*, mais familiar aos ouvidos italianos. O *ducado de ouro* de Venezuela, ou *Zecchin*, valia, no *valor actual* do ouro, 11 francos e 82 centesimos (Cibrario, *Pol. econ. del med. evo*, III, 228), bem proximo do valor do *cruzado*, 2\$160 réis (Aragão, *Descr. das Moedas*, II, 237). Alem d'isso, parece que os proprios *ducados* corriam na India, sob o nome de *venezianos*, pelo valor dos *cruzados*. Diz Antonio Nunes: «E venezianos, soltanis e abrahemos valem 7 tamgas, que são 420 réis. E cruzados d'ouro de portugal da ley nova valem 420 reis, que são 7 tamgas» (*Livro dos Pesos*, 32).

² Note-se que um dos preços de Duarte Barbosa de 10 ducados, ou cruzados, concorda com o do *Roteiro*, de 9 cruzados, havendo apenas um pequeno augmento, aliás natural.

mas devemos advertir que é muito baixo. No negocio da *pimenta* consideravam-se 19 fanões equivalentes a um cruzado, o que desde logo o eleva a mais de 110 réis; e ainda teve valores mais altos¹. Estes numeros relativos a Calicut devem, pois, considerar-se abaixo dos verdadeiros. Note-se tambem, que o bahar das Molucas era muito superior ao de Malaca e de Calicut, o que contribuia para que os lucros na condução do *cravo* fossem superiores aos que deduziríamos da simples inspecção dos numeros não rectificados. Mas não pára aqui. Os reis e chefes das Molucas eram quasi selvagens, com todas as phantasias e appetites de creanças e de selvagens; e os tratantes —tomo a palavra no bom sentido— de Java e de Malaca especulavam com essas phantasias. Não compravam o *cravo* a dinheiro; recebiam-n'o a troco de outras mercadorias. Levavam cobre, azougue, pannos de Cambaya, porcelanas, sinos de metal de Java «tamanhos como grandes alguidares, dependuraram-nos pelas bordas ... e aly dão com qualquer cousa para os fazerem soar...» —os famosos *gongs* de Java. Os chefes das Molucas davam tudo por estas curiosidades: ...«por um bacio de porcelana que seja grande daom vinte e trinta quintaes d'ele» (*cravo*), por «um sino daom vinte baares de cravo». E Duarte Barbosa termina, dizendo: «asy que de Malaca pera aquy ha muyto grosso ganho».

Tal era a situação, quando no primeiro quartel do seculo os portuguezes começaram a negociar regularmente com as Molucas —n'aquelas ilhas preços quasi nominaes, na India já bastante elevados, e na Europa um valor ainda exorbitante da especiaria.

Nos primeiros tempos, os nossos portuguezes seguiram as praticas estabelecidas. Segundo diz Gaspar Corrêa, D. Tristão de Menezes dava «hum panno azul de cambaya, que valia hum cruzado, por hum bar de cravo, que erão quatro quintaes, que saya a cem reis o quintal de cravo»². Depois, como fosse necessário assegurar o fornecimento da especiaria, assentaram uma especie de contrato com os reis das Molucas, marcando um preço fixo ao *cravo*. Este preço era pago em pannos e tecidos, as *roupas del Rey noso senhor*, que vinham da India, de Cambaya ou de Coromandel, e eram avaliadas antes de serem entregues. Por cada bahar de *cravo* davam «roupas» no valor de 3 *pardáos*, ou no equivalente de 3:000 *caixas*. Estes tres pardáos representavam

¹ Todo o systema monetario da India, já portuguez, já islamita ou indiano, é muito complicado, e conquanto estudado em trabalhos valiosos, como é a *Descripção das moedas*, de Aragão tomo III, o *Lyvro dos Pesos* de Antonio Nunes e *tabellas* de Goes, ou as *Contrib. to the study of Indo-portuguese numismaties* de Gerson da Cunha, está longe de ser perfeitamente claro.

² Perdão, saía a menos, porque o bahar tinha quatro quintaes e meio e mais alguma cousa.

approximadamente 4\$626 réis¹, que deveremos multiplicar por seis ou por quatro para obtermos o poder effectivo da moeda, o qual por estes annos de que vamos fallando já devia ir em decrescimento. Comparrem-se estes preços com os de Calicut, note-se que o bahar das Molucas tinha um quintal mais que o d'aquelle porto, advirta-se que na avaliação das *roupas del Rey noso senhor* deviam ir envolvidas diferenças vantajosas, e ficará bem claro que o negocio do *cravo* dava lucros enormes—*muyto grosso ganho*, como dizia Duarte Barbosa.

O negocio era monopolio do estado, ou do rei—como então se dia; mas a cobiça de tomar parte n'elle, clara ou clandestinamente, tornou-se intensissima. E é certo, que d'essa cobiça nasceram quasi todas as dissensões, intrigas, violencias e assassinatos, que ensanguentaram e deshonraram o nosso dominio nas Molucas. A cobiça chegou a tal ponto, deu lugar a tantas fraudes, que não foi possivel manter o monopolio. Os moradores «por se não poderem suster sem tratarem» fizeram muitos requerimentos, a que os Governadores tiveram de ceder. No tempo de Nuno da Cunha estabeleceu-se um novo systema, um tanto complicado, mas que, conforme o explicam Simão Botelho no *Tombo do Estado da India*, e Antonio Nunes no *Lvvro dos Pesos*, parece ter consistido no seguinte. O governador ou capitão das Molucas, os seus officiaes e os moradores negociavam livremente no *cravo*, comprando-o na terra pelo menor preço por que o podiam obter, e embarcando-o depois. Sómente, ao embarcar, quando estava «debaixo da verga», cediam ao estado um terço do cravo pelo preço antigamente estipulado de tres pardáos por bahar. Quando o *cravo* vinha nas naus do estado, pagavam alem d'isso de frete ou *chuquel* até Malaca 30 por cento dos dois terços que lhes pertenciam². De modo, diz Antonio Nunes, que de «cada dez bares que se embarção, de terços e chuequeis á dita rezam acima vem a Sua Alteza 5 1/3 bares, e fica á parte 4 2/3 bares». De Malaca para a India pagava-se novo frete, que era variavel, mas orçava por tres cruzados por bahar de Malaca. Por este modo, entregue a

¹ Nada mais difícil do que fixar o valor do *pardão*, que variava consideravelmente. Tomámos o valor intrínseco do cruzado em 2\$160 réis, e notando que esse cruzado equivalia a 7 tangas, e o pardão de 300 réis (o que se usava em Maluco) equivalia a 5 tangas, deduzimos este valor do pardão de proximamente 1\$542 réis. Sir H. Yule, guiando-se por outras comparações, chega a estabelecer que o *real* do principio do seculo xvi era um pouco mais de cinco vezes superior ao actual; o pardão de 300 réis teria pois um valor superior a 1\$500 réis, o que exactamente concorda com o nosso resultado (Cf. Antonio Nunes, *Lvvro dos pesos*; Yule e Burnell, *Glossary no Suppl. palayra Pardão*).

A *caixa* era uma moeda infima, de cobre, furada pelo meio para se enfiar em cordeis, e que os nossos escriptores dizem vir de Java, mas era provavelmente de origem chineza.

² Simão Botelho não diz exactamente isto, mas a relação de Antonio Nunes é mais clara e deve ser verdadeira.

compra aos particulares, obtinham-se carregações completas, o que antes era difficult, porque muito saía clandestinamente. O lucro do es-
tado consistia nos *chuqueis*, e em obter o terço de *todo o cravo* por um preço infimo. Simão Botelho, que era um zeloso administrador da fazenda publica, approvava o systema: «em que o dito nuno da cunha fez muito serviço a sua Alteza». Todos os annos ía uma nau ás Molucas levar munições, roupas de Cambaya e Bengala com que se pagavam os terços do *cravo*, e outras cousas necessarias; na volta trazia o *cravo*. Para occorrer ao pagamento dos ordenados, soldo de duzentos homens pouco mais ou menos, custo dos terços do *cravo* a 3 pardáos por bahar e outras despezas miudas, a nau devia levar em fazendas o valor de 8:000 pardáos, e mais algumas moedas de bilhão, ou *baçarucos*. Estes 8:000 pardáos representam-nos mais de 12:000\$000 réis em valor intrínseco, e, supondo que o poder effectivo se conservava por aquelles tempos na rasão de 4 : 1, approximadamente 48:000\$000 réis da nossa moeda. Indo esta somma, Simão Botelho entendia que as cousas estavam bem reguladas. Vinham os terços por inteiro, e havia abundancia de *cravo*; quando, porém, se mandava menor somma, vendia-se nas Molucas uma parte dos terços, e depois era necessário comprar *cravo* na India para completar a carga das naus do Reino, «em que sua Alteza recebe myta perda».

Em um dos mais interessantes capítulos das suas *Decadas*, Diogo do Couto, tratando das cousas das Molucas, calcula o *cravo* saído d'aquellas ilhas, uns annos por outros, em 6:000 bahares, sujos de *bastão*, que deviam dar uns 4:000 bahares limpos. Se admittissemos, que todo elle saía nas condições antes expostas, deveria ficar nas mãos do governo portuguez, em terços e chuequeis, um pouco mais da metade, digâmos me-
tade, ou sejam uns 9:000 quintaes, calculando o bahar das Molucas em quatro quintaes e meio, o que está abaixo da verdade. Supondo, que todo esse *cravo* era comprado a 3 pardáos o bahar, o que também não é exacto, porque o dos chuequeis se não pagava, teríamos que o custo dos 9:000 quintaes andaria por 9:252\$000 réis proximamente, ou sejam 37:000\$000 de réis ao poder effectivo da moeda de 4 : 1 e em conta redonda. Tal sceria, pouco mais ou menos, e antes menos do que mais, a somma empregada na compra do *cravo*.

Vejamos agora o que esse *cravo* podia valer na Europa. Os preços no xiv seculo, antes citados, eram proximamente de 10:\$000 réis por arratel; e temos dito, que esse preço não devia ter baixado consideravelmente no seculo seguinte e primeira metade do xvi. Eis a rasão em que nos fundavamos. Em um edito de Francisco I, datado de 20 de abril do anno de 1542, vem fixados os preços correntes de diversas mercadorias, para por elles regular o pagamento de alguns impostos. Ali encontrâmos o preço do *cravo*, que — segundo as correccões indicadas por Leber — seria o seguinte: a libra de 16 onças de *cravo* custava

3 libras, no valor intrinseco de 11 francos, e no valor representativo de 44 francos, ou sejam 7 $\frac{1}{4}$ 920 réis. Isto daria para o quintal de *cravo* o valor approximado de 1:000 $\frac{1}{4}$ 000 de réis¹. E chegariamos assim a concluir, que os 9:000 quintaes, comprados nas Molucas por 30 e tantos contos de réis, davam na Europa 9:000:000 $\frac{1}{4}$ 000 de réis.

Esta conclusão é evidentemente falsa, e o negocio do *cravo* nunca representou no commercio de Portugal uma quantia igual ou mesmo proxima áquelle. Necessitariamos introduzir no nosso calculo varias correccões para nos approximarmos um pouco da verdade. Em primeiro lugar os 4:000 bahares — admittindo como certo o numero de Diogo do Couto — não passavam todos pela mão dos portuguezes; e apesar das rigorosas prohibições, os malaios e javanezes fizeram sempre algum commercio clandestino com as Molucas, e d'ali trouxeram em todos os tempos bastante *cravo*. Depois d'isso, o *cravo*, embarcado nos navios portuguezes, não vinha todo para a Europa; vendia-se parte em Calicut, consumia-se na India e outras terras do Oriente, e necessariamente se realizavam n'esta parte menores lucros. Por ultimo, é claro que os preços, marcados no edito de Francisco I, eram preços de venda a retalho nas villas e cidades interiores da França, e muitissimo diversos dos que podia obter o governo de Portugal. Este vendia por grosso na Casa da India de Lisboa, ou nas feitorias de Flandres e outras². De tudo isto resultavam consideraveis diminuições n'aquelle elevadissima somma de 9:000 contos a que chegámos a principio, e que evidentemente está muito distante e muito acima da verdade. Mas enquanto importavam essas diminuições, é o que nos não atrevemos a calcular, nem mesmo grosseiramente, pois nos faltam os dados para o fazer. A unica cousa, que nos parece lícito afirmar em vista dos factos apontados, é que, feitas largamente todas as deducções, cerceando os lucros no trato do *cravo* por todos os motivos antes expostos, levando em conta as despezas elevadas das lentas viagens do tempo, tendo em attenção as perdas de naus e de cargas nos sinistros frequentes, ainda assim as enormes diferenças de preço davam margem para grossos ganhos. E se o *cravo* não teve nunca, na historia commercial da India portugueza do xvi seculo, a importancia capital que teve a *pimenta*, teve pelo menos um dos primeiros logares, e talvez logo o segundo depois d'aquelle especiaria.

¹ Daria 1:013 $\frac{1}{4}$ 760 réis; mas a *livre* franceza era maior do que o arratel, e feita a reducção teríamos para o valor do quintal portuguez uma quantia proxima a um conto, e mesmo inferior.

² Apesar dos meus esforços, não me foi possivel encontrar noticia das contas d'estas feitorias, e comtudo estou convencido de que devem existir em algum dos nossos Archivos.

Antes de terminar esta curta noticia sobre o que foi o commerçio do *cravo* nas mãos dos portuguezes, devemos chamar a attenção para um elemento de incerteza, que tira parte do valor a alguns dos calculos que fizemos. Tomámos a relação entre o valor intrinseco e o poder effectivo da moeda, que foi de 6 : 1 nos fins da idade media, e passou depois a 4 : 1, 3 : 1 e 2 : 1 no correr do seculo xvi, e admittimos arbitrariamente, que essa relação se dava no Oriente como se dava na Europa. Isto, para mim, está longe de se achar provado. Aquella relação foi deduzida por Leber, por Cibrario e por outros escriptores, do estudo paciente de muitos factos economicos, peculiares á Europa. Esses factos, ou parte d'elles, variavam singularmente nas terras orientaes. As condições da vida, a distribuição do trabalho, a abundancia dos metaes preciosos, o valor relativo da prata e do oiro, toda a organização social e economica, differiam profundamente do que se dava no nosso Occidente. Aplicar ao Oriente a regra economica, deduzida do estudo dos factos observados na Europa, foi claramente um processo de raciocinio, arbitrio e fallivel. Mas esse processo era-nos imposto pela nossa ignorancia; não tinhamos noticia de trabalho algum, em que se estudassem estas questões na sua applicação ás regiões orientaes, e evidentemente não tinhamos nem meios nem competencia para as estudar directamente. Unicamente, pois, podíamos fazer o que fizemos—admitir empiricamente uma relação, que nos servia para tornar alguns numeros mais facilmente comparaveis, e deixar consignada esta nossa duvida.

(Cf. *Pharmac.*, 251; Yule, *Cathay*, 305; Dymock, *Mat. med.*, 328; Yule, *Marco Polo*, II, 254; Major, *India*, 17; *Lendas*, I, 102, II, 711; *Roteiro*, 111 e 115; Duarte Barbosa, *Livro*, 372 e 383; *Subsidios*, no *Lvvro dos pesos*, 49, e no *Tombo*, 112; Couto, *Asia*, IV, VI, 9; etc.)

A historia posterior do commerçio do *cravo* interessa-nos menos directamente, e pôde resumir-se em breves palavras. No começo do xvii seculo, Portugal, então unido á Hespanha, perdeu o dominio das Molucas, que passaram para a posse dos hollandezes. Estes substituiram ao antigo monopólio um monopólio diverso e mais apertado. Enquanto os portuguezes haviam concentrado na sua mão o commerçio do *cravo*, deixando a cultura e colheita á gente da terra, os hollandezes fizeram-se cultivadores. Desenvolveram as plantações, que já encontraram estabelecidas em Amboyna e ilhas proximas, e mandaram expedições ás Molucas propriamente ditas, para ali destruirem as arvores do *cravo*. O resultado d'este sistema não foi muito feliz; a exportação de Amboyna e outras ilhas decresceu nos seculos seguintes, e tanto, que na ultima metade do nosso o monopólio da cultura pelo estado foi abandonado.

Por outro lado, alguns pés de *Caryophyllus* haviam sido introduzidos na ilha franceza da Reunião, e nas ilhas africanas de Pemba e Zan-

zibar, onde a cultura se desenvolveu bastante; mas onde não tem prosperado muito nos ultimos annos.

Hoje o *cravo* do commercio vem principalmente d'estas tres regiões: Amboyna, por via de Java; ilha da Reunião; costa africana de leste, por via de Bombay. Mas a sua importancia tem diminuido muito, e já não é a famosa e procurada especiaria de outros tempos.

(Cf. Rumphius, l. c.; Crawfurd, l. c.; *Pharmac.*, l. c.; Wallace, *The malay archipelago*, 305.)

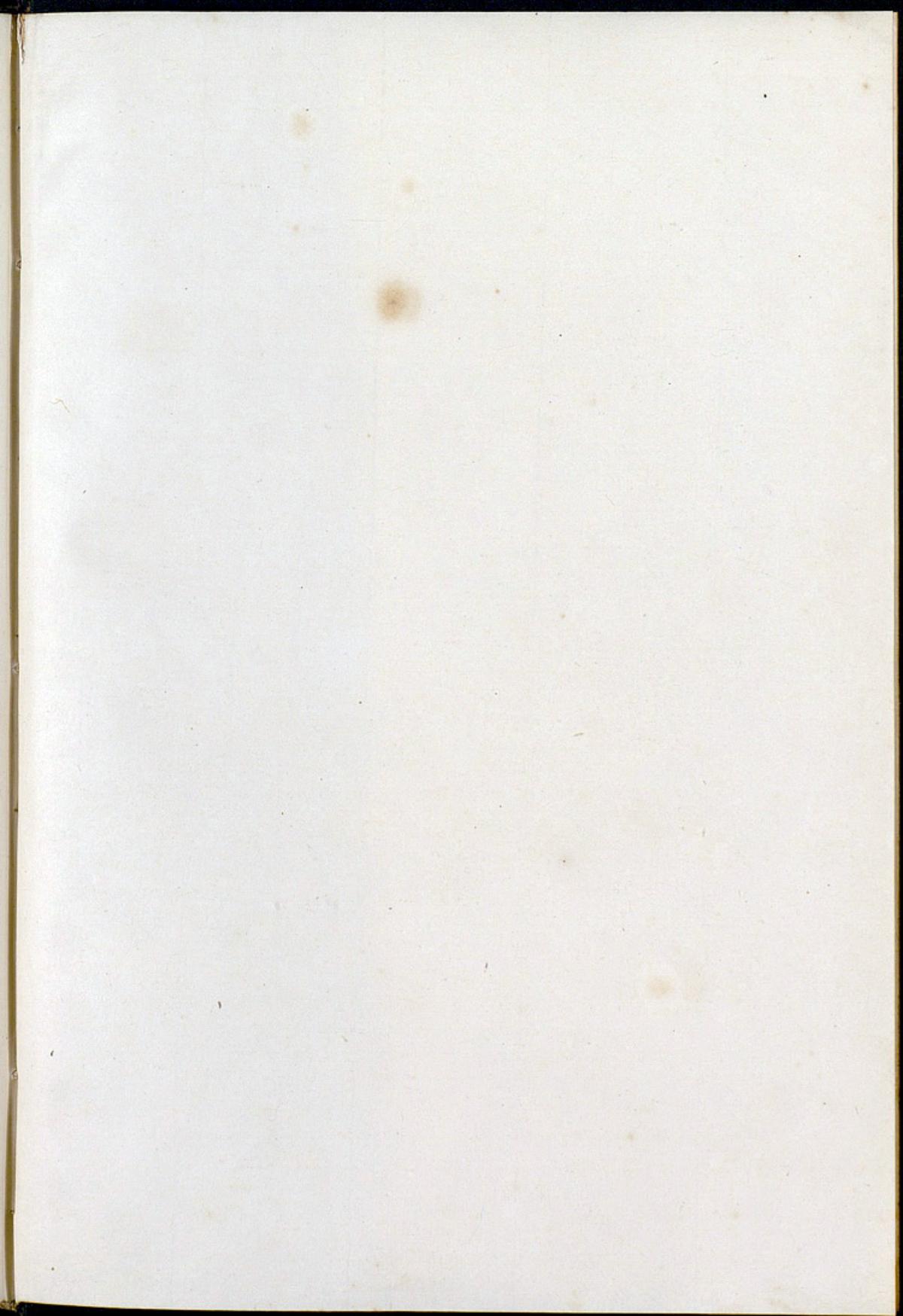
INDICE*

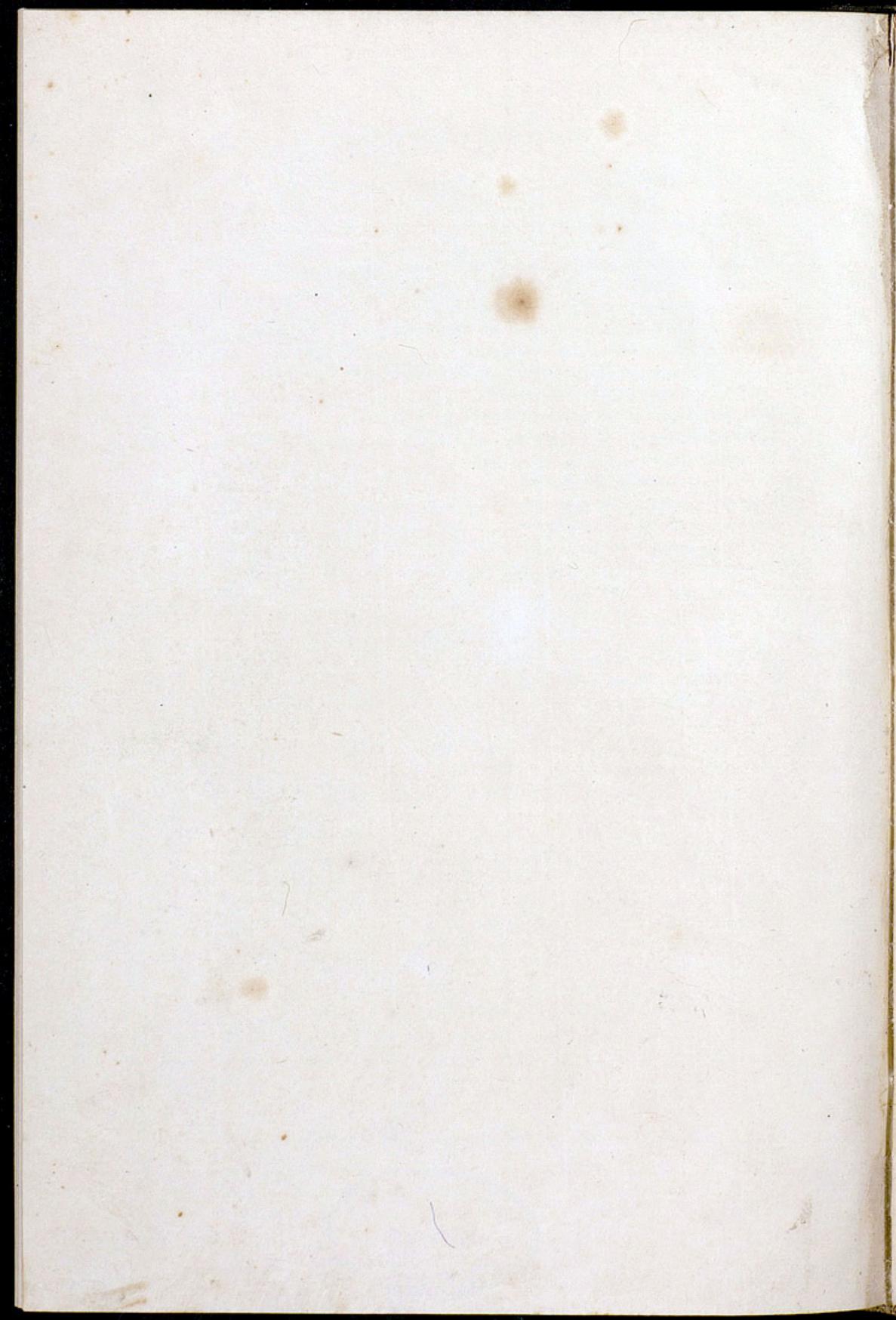
Privilegio para a impressão dos Coloquios.....	3
Dedicatoria do auctor a Martim Affonso de Sousa.....	4
Soneto do auctor a Martim Affonso de Sousa.....	6
Ode de Luiz de Camões ao conde de Redondo, Viso-rey da India	7
Prologo do licenciado Dimas Bosque.....	10
Carta do licenciado Dimas Bosque, ao doutor Thomaz Rodrigues, lente da Universidade de Coimbra.....	12
Epigramma de Thomé Caiado a Garcia da Orta.....	14
COLOQUIO PRIMEIRO —Introducção.....	19
COLOQUIO SEGUNDO —Do Aloes.....	23
COLOQUIO TERCEIRO —Do Ambre.....	45
COLOQUIO QUARTO —Do Amomo.....	59
COLOQUIO QUINTO —Do Anacardo.....	65
COLOQUIO SEXTO —Do Arvore triste	69
COLOQUIO SETIMO —Do Altith, Anjuden, Assa fetida e Anil	75
COLOQUIO OCTAVO —Do Bangue	95
COLOQUIO NONO —Do Benjuy.....	103
COLOQUIO DECIMO —Do Ber, e dos Brinjões, dos nomes e apellidos dos reys d'estas terras	117
COLOQUIO UNDECIMO —Do Calamo aromatico, e das Caceras	141
COLOQUIO DUODECIMO —De duas maneiras da Camfora, e das Ca- rumbolas	151
COLOQUIO DECIMO TERCEIRO —Do Cardamomo, e das Carandas	173
COLOQUIO DECIMO QUARTO —Da Cassia fistola.....	194
COLOQUIO DECIMO QUINTO —Da Canella, e da Cassia lignea, e do Ci- namomo	201
COLOQUIO DECIMO SEXTO —Do Coquo commum, e do das Maldivas	235
COLOQUIO DECIMO SETIMO —Do Costo, e da Colerica Passio.....	255
COLOQUIO DECIMO OCTAVO —Da Crísocola, do Croco Indiaco, e das Curcas	277
COLOQUIO DECIMO NONO —Das Cubebas.....	287
COLOQUIO VIGESIMO —Da Datura, e dos Doriões.....	295
COLOQUIO VIGESIMO PRIMEIRO —Do Ebur ou Marfim, e do Elephante	303
COLOQUIO VIGESIMO SEGUNDO —Do Faufel, e dos Figos da India....	325
COLOQUIO VIGESIMO TERCEIRO —Do Folio indo	343
COLOQUIO VIGESIMO QUARTO —Da Galanga	353
COLOQUIO VIGESIMO QUINTO —Do Cravo.....	359

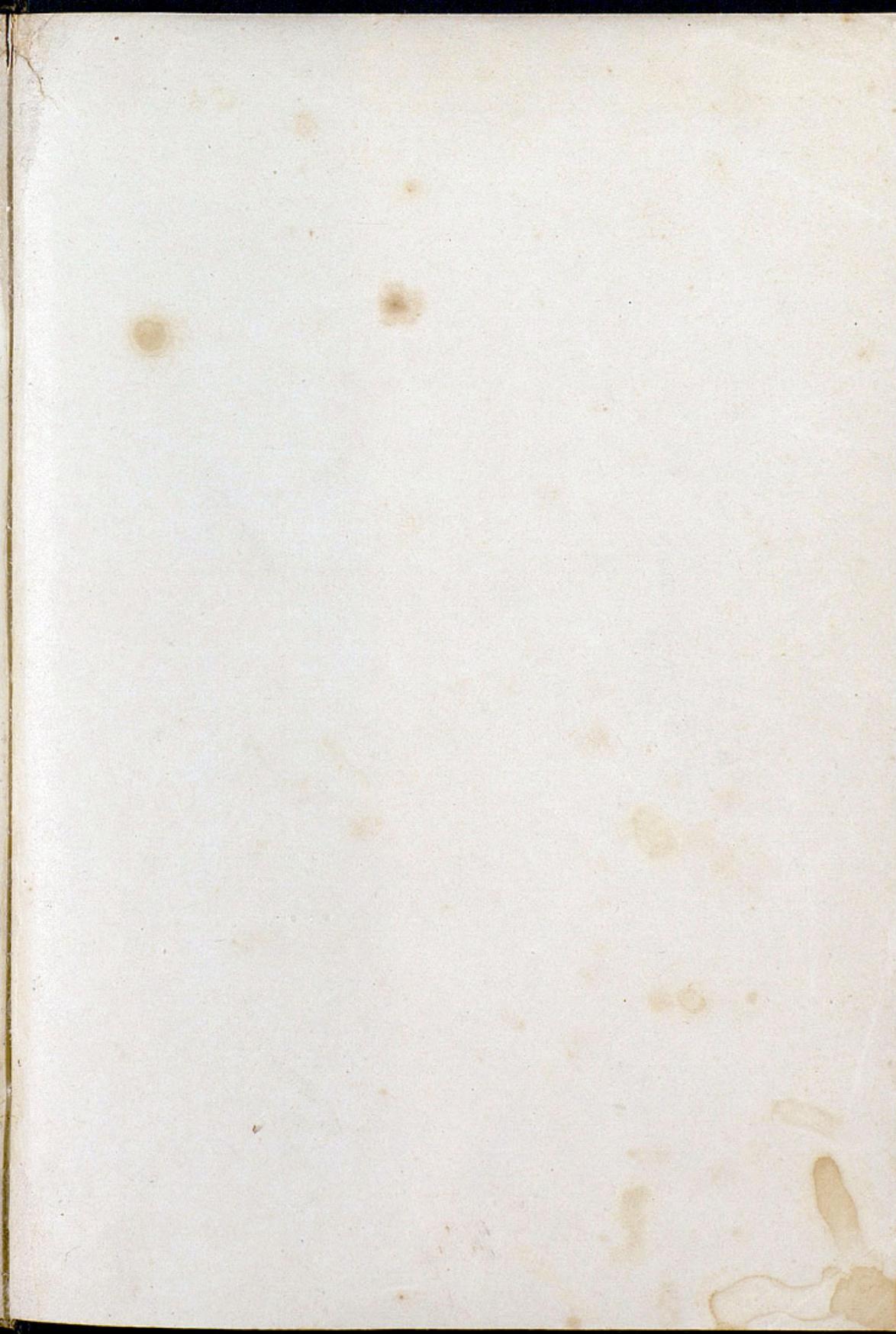
* Os indices alphabeticos serão publicados com o segundo volume.

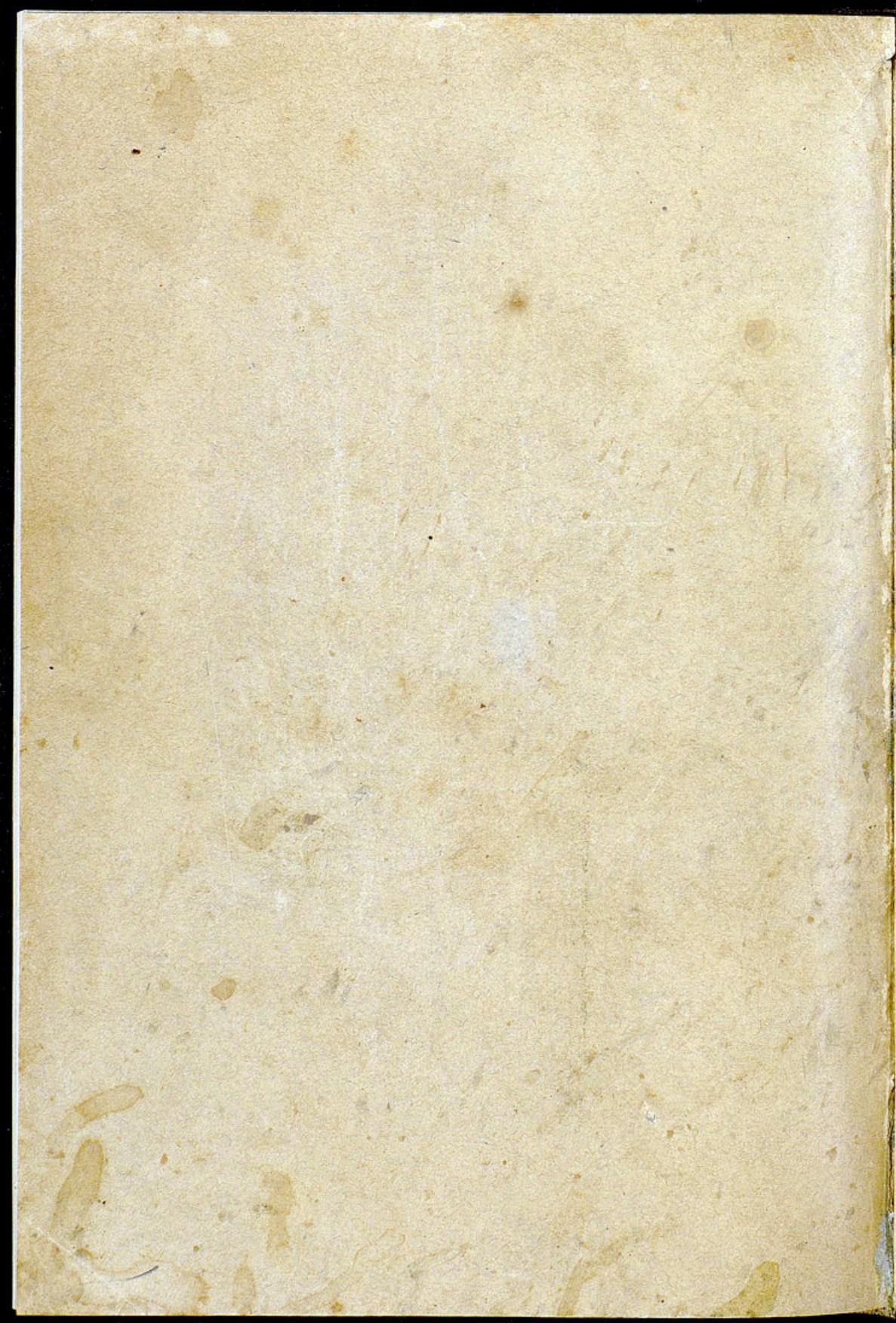
ÍNDICE

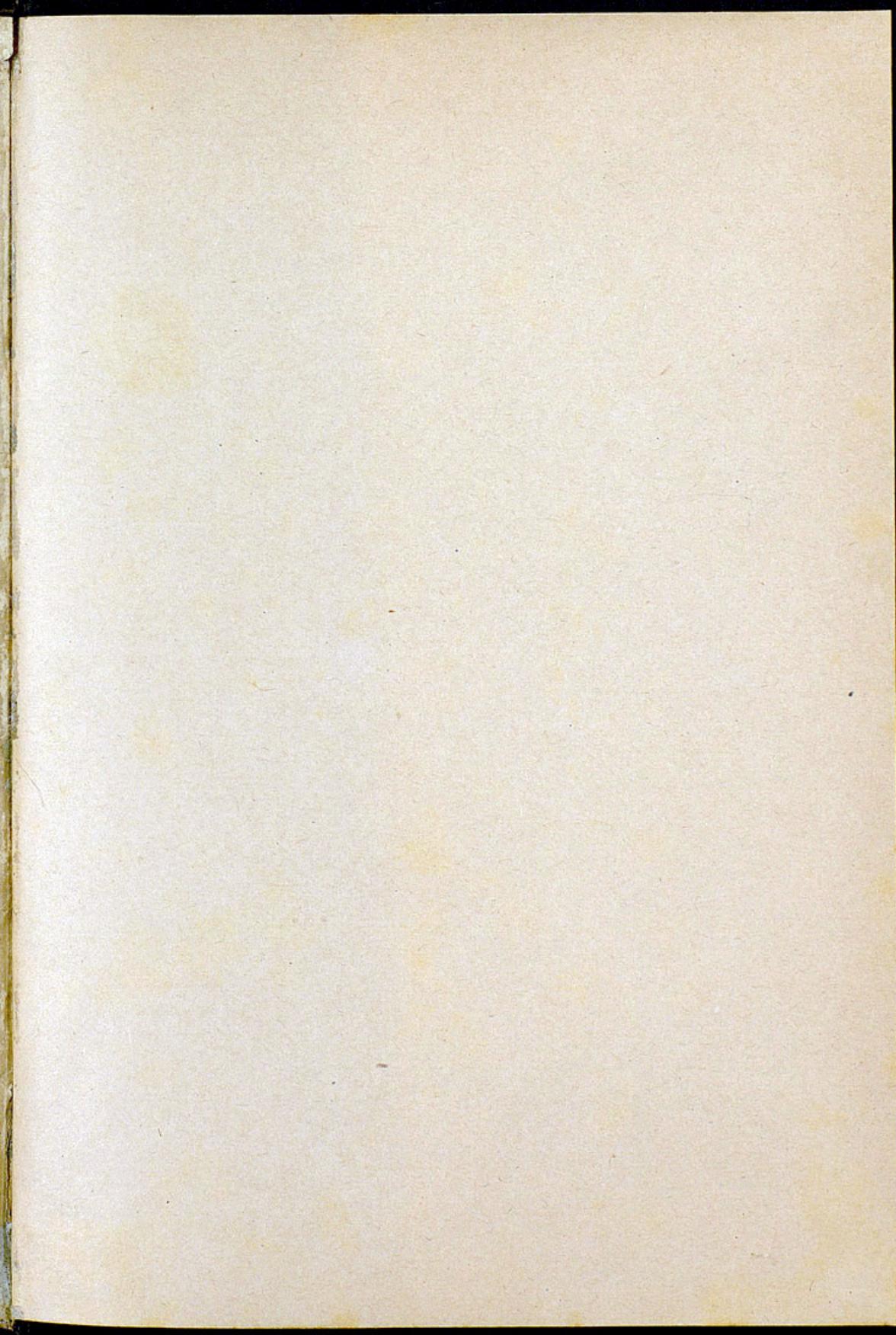


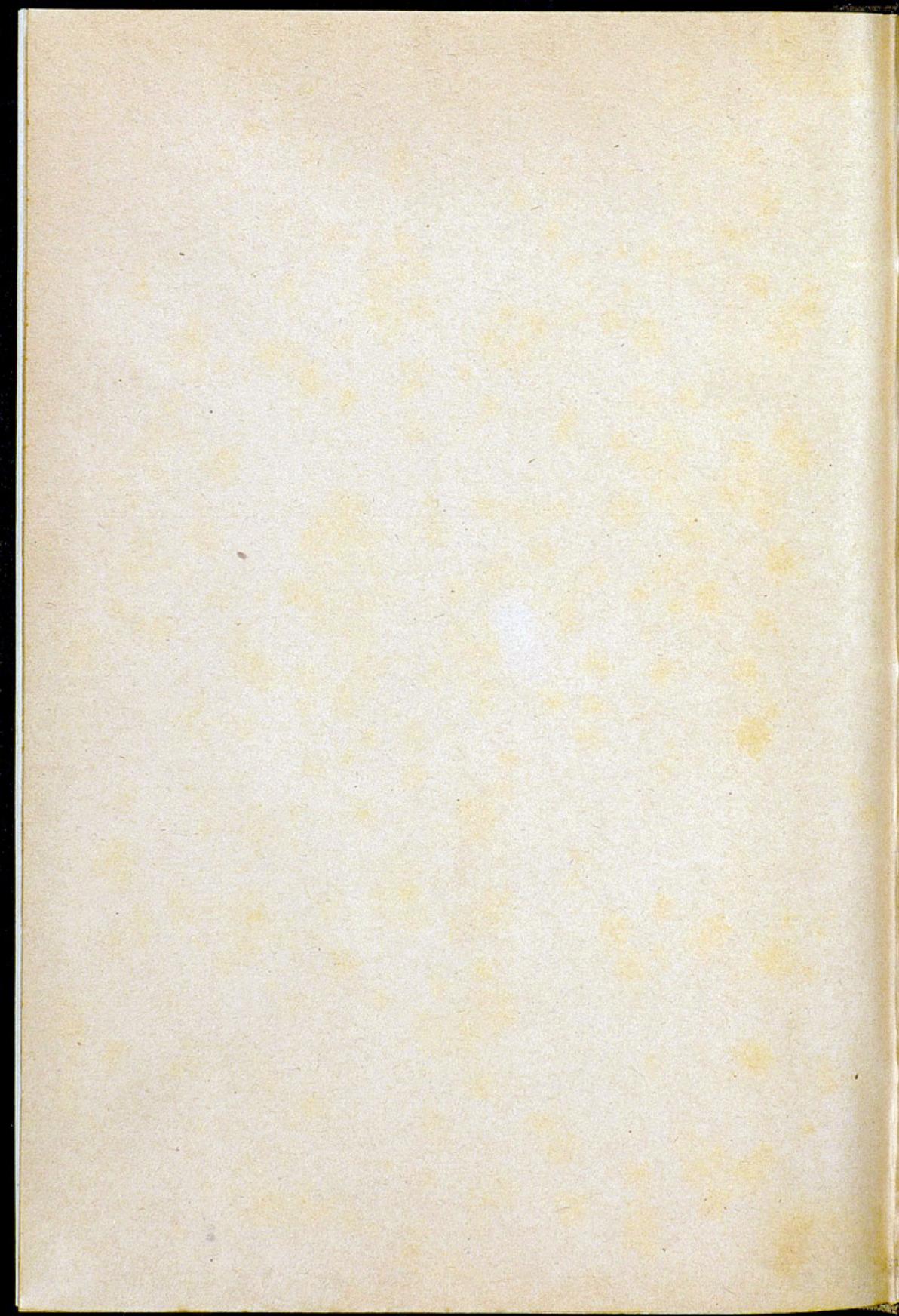


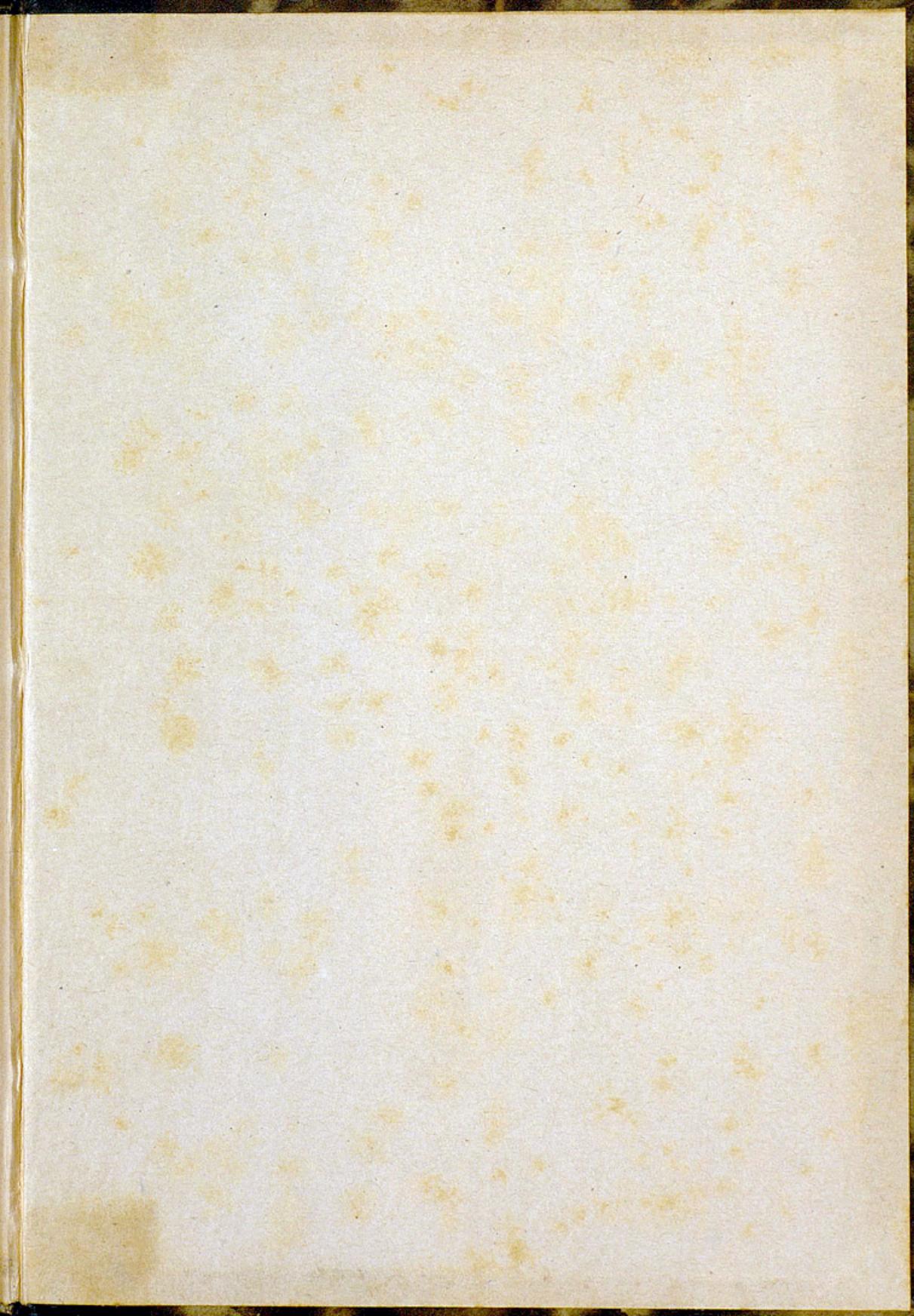














UNIVERSIDADE DE COIMBRA
Departamento de Botânica



1322508089